

pensamentos para retiro

P. SCHRIJVERS
C.S.S.R.

EDITORA VOZES LTDA.



PETRÓPOLIS RJ

O DIVINO AMIGO

O autor, Padre Schrijvers, santo redentorista inteiramente cativo do Amor Divino, recebeu de Deus uma pena carismática.

As palavras encontram-se nos dicionários. A arte cabe ao autor, mas para além disso algo há que é peculiar ao P. Schrijvers e brotou de sua santidade.

Como se definiriam as palavras? O modo de escrever?

Não há, com efeito, outra explicação senão uma. A santidade.

“O Divino Amigo” compendia preleções para retiro de dez dias. Seguindo o esquema inaciano fá-lo sob a luz do amor de Deus-Encarnado.

O amor de Deus perpassa o livro; o esquema inaciano o arquiteta e a ascética cristã

O DIVINO AMIGO

JOSÉ SCHRIJVERS C. SS. R.

O DIVINO AMIGO

PENSAMENTOS PARA RETIRO

TRADUÇÃO DE SIDRACH

V EDIÇÃO



EDITORA VOZES LIMITADA
PETRÓPOLIS, RJ
1961

O DIVINO CANTO

I M P R I M A T U R
POR COMISSÃO ESPECIAL DO EXMO.
E REVMO. SR. DOM MANUEL PEDRO
DA CUNHA CINTRA, BISPO DE PE-
TRÓPOLIS. FREI DESIDÉRIO KALVER-
KAMP, O.F.M. PETRÓPOLIS, 20-VI-1961.

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

*A prezada ami-
ga D.ª Johanna
abraço um afetuoso
oferece
Hildeg.
13/11/1913.*

A TARDE DA VÉSPERA

PARA FAZER UM BOM RETIRO

1. A alma que quer fazer um retiro de amor deve fugir de toda preocupação estranha, dar tréguas aos cuidados, desvencilhar-se dos embaraços que a absorviam até então.

Como uma esponja mergulhada no mar, assim ela deve engolfar-se no Coração de Jesus, e as águas do amor cingi-la-ão por todos os lados.

E' preciso, pois, que haja solidão fora e dentro de si. E' preciso envolver-se em silêncio, como numa roupagem.

Jesus tem tanto a dizer! Não são demais êses poucos dias para escutá-lo. Alma piedosa, cerra bem a porta de teu coração, assenta-te aos pés do Mestre, bem junto dêle, fixa teu olhar nos seus olhos tão cheios de bondade, e dize-lhe: Mestre divino, falai-me das regiões do amor.

2. Não te esqueças que é Jesus quem deve pregar o teu retiro. Não estás lá senão como uma pequena aluna que ignora as primeiras noções da lição. A êle compete instruir-te e a ti escutar.

Não te afadigues com alinhar belos pensamentos. Não é disso que Jesus precisa. Êle não quer enriquecer-te a inteligência com altos conhecimentos, deseja apenas falar-te ao coração e conduzi-lo consigo pelas veredas do

amor e do sacrifício. Oferece-lhe um coração sincero e dócil.

3. Teu retiro não será um estudo, antes, porém, uma oração. Enquanto corres com os olhos as verdades propostas, teu coração murmurará uma prece, para que Jesus ilumine tua inteligência.

Todo o tempo de que puderes dispor, empregá-lo-ás conservando-te junto a Jesus, numa atitude de súplica. Assim o divino Mestre te fará compreender, apreciar e praticar.

4. Para fazer um bom retiro é preciso evitar todo o constrangimento do espírito e do coração. Não é necessário que te limites a ler dia por dia, ponto por ponto, os pensamentos propostos. Se te move o coração, vai até ao fim. Recomeça depois à vontade, lê e relê e assimila o que mais convém à tua alma.

Nessas páginas, talvez Deus não tenha destinado a ti senão uma única palavra, uma única frase, mas êsse pensamento único será teu alimento durante o retiro e teu conforto para o resto da vida.

Conserva sempre teu espírito e teu coração em liberdade e em paz. Evita toda fadiga excessiva. Não te sobrecarregues com muitos exercícios. Quando estiveres cansada, ocupa-te com uma leitura piedosa ou um trabalho manual.

5. Não creias que o inimigo de tua perfeição vá deixar-te gozar de uma paz perfeita, durante êsses dias. Talvez que êle suscite escrúpulos sobre teu passado e apreensões para o futuro. Êle vai implantar no teu coração o germe da desconfiança e do desânimo. Êle vai esforçar-se por te fazer crer que não foste feita para viver nas alturas do amor.

Não temas êsse trabalho astucioso de teu inimigo. Jesus ama-te: quem, pois, poderia fazer-te mal?

Todavia, é preciso auxiliar o Mestre, alhear-se completamente desses pensamentos deprimentes, nem mesmo conceder-lhes um olhar de desprezo, e repetir: Jesus, eu vos amo, eu tenho confiança em vós e creio no vosso amor!

Se uma ou outra verdade te causa abatimento ou tristeza, abandona-a incontinentemente e busca outra coisa. Aquilo que te desanima não foi feito para ti.

Mesmo no exame de tuas faltas, convém proceder com prudência. Não analises com ânsia os teus defeitos, nem procures distinguir teus progressos na virtude. Tudo isso não fará senão desanimar-te e nada de pusilanimidade no momento em que Jesus vai tomar a peito o trabalho da tua santificação.

6. Silêncio, docilidade, oração, liberdade de espírito, paz de coração, que mais te é preciso para ouvir a voz de Jesus! Acresce a tudo isso um grão de mortificação. Não te assustes, alma ainda tibia, Jesus vai ensinar-te também, nesses dias, a doçura da cruz, e, ao deixar as suas lições divinas, apossar-se-á de ti o desejo de contrariar-te e mortificar-te.

Desde já, porém, Jesus exige de ti alguns pequenos sacrifícios. Oh! não é muita coisa: o sacrifício de uma indolência, de uma repugnância, de uma antipatia, de um olhar sem objetivo, de um pensamento inútil, de um devaneio, de uma comodidade, da satisfação de um prazer, de uma curiosidade.

Recusarias uma coisa tão pequena a tão grande Deus? Pois é a êsse sacrifício mínimo que Jesus vai aplicar a graça do retiro.

Que fazer, pois? E' sempre assim que Jesus age. Contento, êle comunica-se com quem se contraria. Quando lhe recusam êsses pequenos sacrifícios, êle fica magoado, porque não pode deixar transbordar seu coração.

7. Oh! como Jesus deseja atrair-te a êsse retiro! Se durante êsses dias adiantasses um passo que fôsse para

êle, fá-lo-ias feliz. Mas não vais sòmente caminhar para a perfeição; Jesus dar-te-á asas para voar. Vai inspirar-te uma confiança sem limites na sua bondade infinita e ao mesmo tempo uma desconfiança absoluta, radical de ti mesma. Sòbre essas duas asas elevar-te-ás até às alturas do amor.

8. Alma feliz! Tua vida vai transformar-se. Vais viver num ambiente sobrenatural. Vais respirar um ar inteiramente novo. Vais habitar num país todo divino.

Nada temas. Após teu retiro, não mais deixarás essas praias encantadoras. Jesus impedir-te-á de partir: serás envolvida no amor.

9. Lança-te, pois, em Deus desde esta tarde e arranca de teu coração um ato ardente de amor: "Jesus, eu vos amo, eu me entrego a vós. Fazei de mim tudo que vós quiserdes. Levai-me aonde quer que seja, ainda que seja ao Calvário.

Boa Mãe do Perpétuo Socorro, Rainha de Caridade, é a vós que eu confio êste retiro. Tomai meu coração, transformai-o, purificai-o e enchei-o do santo amor".

PRIMEIRA PARTE

A SANTIDADE CONSISTE NO AMOR

DIA I

MEDITAÇÃO I

A SANTIDADE. — AMAR A JESUS

Nos ergo diligamus Deum quoniam Deus prior dilexit nos (1 Jo 4, 19).
Amemos a Deus, porque Deus nos amou primeiro.

1. No Antigo Testamento, Deus disse ao homem: “Amarás o Senhor teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma, com todas as tuas forças” (Dt 6, 5).

Jesus tomou de novo o mesmo mandamento e nos mesmos termos: “Amarás o Senhor teu Deus, de todo o teu coração e toda a tua alma e de toda a tua mente. E’ o maior e o primeiro mandamento” (Mt 22, 37, 38).

Os apóstolos anunciaram em seguida esta verdade a todos os povos. “Deus é caridade”, diz S. João, “e aquele que permanece na caridade permanece em Deus, e Deus nele” (1 Jo 4, 16).

“Acima de tudo isso apegai-vos à caridade, que é o vínculo da perfeição” (Col 3, 14).

Amar a Deus com todas as suas potências, eis o mandamento, eis o fim único da vida do homem no mundo, eis a santidade.¹

¹) S. Agostinho in 1 Jo 4, 7-10; S. Tomás 2-2, q. 184, a. 1; S. Francisco de Sales, Tratado do amor de Deus; S. Afonso, Prática do Amor.

2. Ser santo não é, pois, fazer milagres. E' sòmente amar a Jesus de todo o coração, é entregar-se a êle sem reservas, é crer firmemente em seu amor.

Ser santo não é ser isento de faltas. E' tão sòmente não pecar por malícia, não amar seus defeitos. E' refugiar-se nos braços de Jesus depois de cada fraqueza e pedir-lhe a cura.

Ser santo não é extenuar-se em macerações, fugir aos olhares do mundo, ocultar-se no fundo de um deserto; nem mesmo assombrar o mundo com o esplendor das obras ou subjugá-lo com o poder da palavra.

3. Longe disso, ser santo — é aplicar-se tranqüilamente a cumprir os deveres de seu estado para agradar a Jesus, suportar, para lhe ser agradável, os pesares da vida e deixar-lhe plena liberdade em dispor a seu bel-prazer da alma e do corpo, da saúde e de todos os bens.

Jesus não pede senão o coração. Quando o amam, tudo vai bem. Genoveva e Pascoal Bailão eram pastôres, mas amavam a Jesus e foram santos. Isidoro era lavrador, Zita, criada, Crispim, sapateiro, Benedito Labre, mendigo. Que importa! Todos êles não tinham senão um ideal: amavam a Jesus apaixonadamente e esqueciam-se de si mesmos.

4. Não queres fazer o mesmo? Não queres unir-te a essa legião de almas generosas de tôdas as condições, de tôdas as idades e de todos os países que formam a côrte de honra do rei Jesus?

Eu digo que elas são legião. O divino Mestre suscita-as todos os dias nas grandes Sodomas modernas e nas mais humildes aldeias cristãs, nos palácios dos grandes e nas choupanas dos pobres. Êle parece temer que lhe falte o tempo de concluir sua obra de amor aqui na terra e prodigaliza então seus favores às almas humildes e confiantes.

De ti, também, êle quer fazer um santo. Êle chama-te; convida-te para fazer um retiro de amor. Não te assustes da tua fraqueza nem da tua inconstância. Jesus

é bom e poderoso. Ele pode reparar num momento o teu passado. Deixa-te cativar pela graça. Ele fará de ti a conquista de seu amor. O segredo de encantar o coração de Jesus, de tudo obter d'Ele, é jamais duvidar de sua bondade.

5. Considera, em seguida, que a santidade à qual podes elevar-te, se quiseres, é uma coisa sublime, um ideal encantador.

Tua perfeição é o encontro de dois corações: do coração de Jesus e do teu, num ato de amor que dura toda a vida; é uma comunhão inefável de Deus com a alma, e da alma com Deus²; é um amplexo indizível de dois espíritos, Deus e a alma.

Ser perfeito é amar a Jesus, e, amando-o, deixar-se transformar n'Ele e por Ele; é viver no mundo do mesmo amor que Deus vive no céu; é reproduzir, numa alma unida a um corpo de carne, a vida que levam as três Pessoas divinas no seio da adorável Trindade.³

Essa vida divina, tu a produzes todas as vezes que fazes uma aspiração de amor, que cumpres um dever para agradar a Deus.

Quanto mais vivo, profundo e puro é o teu amor, tanto mais penetras na SS. Trindade, e mais também a vida de Jesus se imprime em ti.

Que sonho poderes exercitar-te aqui na terra para essa vida que levarás nos séculos dos séculos!

6. Aliás, mesmo que quisesses, não te seria mais lícito fazer no mundo outra coisa que amar. A santidade é um ideal obrigatório.

Ouviste a voz do divino Mestre: Sede perfeitos como vosso Pai celeste é perfeito (Mt 5, 48). Amarás o Senhor

²) Vos in me et ego in vobis; Jo 14, 30.

³) Ut omnes unum sint, sicut tu, Pater, in me, et ego in te, ipsi in nobis unum sint (Jo 16, 21).

teu Deus, de todo o teu coração (Mt 22, 37); Aquêles que não é por mim é contra mim (Mt 12, 30).

Ouviste o apóstolo lembrar-te a ordem do Mestre. "Escolheu-nos antes da criação do mundo, por caridade, para que fôssemos santos e imaculados diante dêle."⁴

7. E se conseguisses fechar os ouvidos do teu corpo às palavras de Jesus, não poderias abafar a voz do coração. O Salvador morreu para possuir teu amor.

Oh! como a necessidade de afeição deve atormentar o coração de um Deus, pois que êle tanto aprêço dá a uma aspiração de amor de uma única de suas criaturas, seja ela a última e mais ignorada sôbre a terra!

Que é, pois, êsse amor de que é capaz o homem, para que um ser infinitamente grande se humilhe a desejá-lo, para que êle deixe perecer mil mundos, se preciso fôr, a abandonar um pobre mortal que lhe estende os braços suplicantes?

Que de coisas profundas oculta o mundo divino!

O céu e o inferno têm os olhos fixos em mim. Espreitam todos os movimentos de meu coração para saber se êle bate por Jesus ou por seu inimigo, satã.

Se não faço minhas ações por Jesus, perco-as para êle. Os anjos e os santos entristecem-se porque uma glória eterna escapa a seu Mestre, e mais uma criatura dêle se desviou. Se, ao contrário, faço-as por êle, proporciono-lhe um prazer íntimo, provoco-lhe um sentimento divino de orgulho e vejo-o, num movimento de gratidão, inclinar-se para mim, sua pequena criatura.

8. Queres, alma cristã, começar a viver essa vida de amor? Segue a Jesus na solidão de teu coração, suplica-lhe humildemente que tome a tua mão para conduzir-te à vida ideal.

⁴) Elegit nos in ipso ante mundi constitutionem ut essemus sancti et immaculati in conspectu eius in caritate (Ef 1, 4).

O caminho para essa vida sublime está em toda parte. O profeta via afluírem para a Jerusalém celeste multidões numerosas, acorrendo do oriente e do ocidente, homens de todas as condições e idades, de todas as nações e de todas as línguas.

Para caminhar na vida perfeita, basta amar a Jesus e, se queres amá-lo, amá-lo-ás. Se queres amá-lo muito, amá-lo-ás muito, se queres amá-lo como os santos, até ao esquecimento de ti mesmo, serás igual a eles em perfeição.

Aspira, pois, à santidade: ela é um ideal realizável, é um ideal sublime, é um ideal obrigatório.

Santa Virgem Maria, abençoi minha primeira e fundamental resolução, que deve ser o resumo de todo o meu retiro. Eu quero amar a Jesus como os santos o amaram.

DIA I

MEDITAÇÃO II

A SANTIDADE. — TRANSFORMAR-SE EM JESUS

Sicut portavimus imaginem terreni, portemus et imaginem caelestis (1 Cor 15, 49).

Como trouxemos a imagem do homem terreno, também devemos trazer a imagem do homem celeste.

1. Amar a Jesus sinceramente é imitá-lo, é reproduzi-lo em si, é identificar-se com seus pensamentos, suas afeições e sentimentos, é abandonar sua própria vida para viver uma vida nova, a vida de Jesus.¹

Quanto mais a alma consegue fazer-se substituir por Jesus, tanto mais a imitação torna-se viva, profunda e verdadeira. Ela atinge sua perfeição quando o amor divino reina exclusivamente na alma, quando êle consegue expulsar até os últimos vestígios do egoísmo.

E' preciso repetir sempre com humildade a oração que Jesus nos ensinou: *Adveniat regnum tuum. Venha a nós o vosso reino, e que êle se firme no meu coração.*

2. Essa transformação é, com efeito, obra de Jesus. A alma coopera, não opondo resistência à ação do divino

¹) *Mihi vivere Christus est* (Filip 1, 21).

Mestre, cooperando com êle na medida da graça com a qual êle a favorece.²

Se as almas fôsem dóceis e pacientes, Jesus concluiria infalivelmente sua obra em cada uma delas. Êle é o artista supremo; é o amigo fiel; é o Deus onipotente.

Mas em certas almas Jesus não consegue reproduzir senão alguns traços de sua divina perfeição. Essas almas não vivem mais do que um dia, uma hora, um momento da vida de Cristo. Outras, porém, chegam até à plenitude da idade.³

3. Muitos acompanham a Jesus apenas ao presépio, outros vão até à vida pública. Alguns sobem ao Calvário e são com êle crucificados.

Muitos imitam, de preferência, o exterior de Jesus, acompanham-no de bom grado nas suas jornadas apostólicas. Outros apegam-se com predileção à alma do Mestre, às suas afeições, aos seus sentimentos; sentem-se felizes em repousar a fronte no seu peito e em passar o tempo com êle no deserto de sua alma, em santas orações.

Um grande número não se interessa pelo Mestre, senão às escondidas. Êles o convidam à sua mesa, encontram-no de passagem, admiram-no e o escutam; outros, porém, informam-se onde vive o Mestre, seguem-no em todos os seus passos, como os apóstolos e as filhas de Jerusalém, hospedam-no em sua casa como Marta e Maria ou oferecem-lhe guarida num coração vazio e isento de pecados como José de Arimatéia.

4. Feliz daquele que deu a Jesus todos os seus bens, seu corpo e sua alma, todos os seus desejos, pensamentos e afeições, que nada reservou para si senão o cuidado de amá-lo sem partilha e de cumprir sua santa vontade!

²) *Induentes novum (hominem) eum, qui renovatur in agnitionem secundum imaginem eius qui creavit illum (Col 3, 10).*

³) *Donec occurramus omnes in unitatem fidei, et agnitionis filii Dei, in virum perfectum, in mensuram aetatis plenitudinis Christi (Ef 4, 13).*

Feliz daquele que faz permuta com Jesus de todos os seus interesses, que lança a cada momento, em seu divino Coração, tôdas as suas misérias para tomar-lhe todos os méritos, que lhe cede constantemente sua vontade com tudo o que ela pode dar de amor para que êle a purifique, enobreça-a, divinize-a e assim a ofereça ao Pai eterno!

5. Todavia, essa permuta não se faz senão gradualmente. Desde que a graça santificante se apossou de uma alma, Jesus começa a operar nela essa transformação.

A alma torna-se um membro de seu corpo místico, isto é, uma parte de Cristo, um seu prolongamento; torna-se um outro Jesus Cristo: Eu vivo, já não eu, porém Cristo é que vive em mim (Gál 2, 20).

E' Jesus que se insinuou na alma (Jo 14, 20) e, sem absorvê-la, tornou-a com êle um mesmo princípio de vida e atividades sobrenaturais.

6. Medita, minha alma, na profundidade e amplitude dessa união. Na ordem natural, o domínio soberano de Deus é universal. Deus é a causa primeira de todo ser, é também o princípio primeiro de tôda atividade.

Quando o ser racional dispõe, como tal, uma ação, Deus a dispõe com êle. Não somente êle auxilia a criatura, mas insinua-se no íntimo de sua essência e em suas faculdades êle move-a e torna-se com êle a fonte de sua atividade.

Essa união é tão profunda que, do concurso mútuo do Criador e da criatura, não resulta senão um ato único que pertence inteiramente a Deus e inteiramente ao ser criado.

7. Na ordem sobrenatural, Deus intervém de uma maneira análoga, se bem que mais misteriosa e mais íntima.

Por sua onipotência, êle faz o homem participar de sua própria natureza divina. Esta penetra no recesso mais íntimo da alma e forma com ela, sem absorvê-la,

um novo ser sobrenatural, capaz de uma vida e atividades divinas.

Eis a obra da caridade incriada que de Deus difundiu-se em Jesus Cristo para santificar sua humanidade santa, e que de Jesus se difunde, por um efeito criado, em tôdas as almas justas.⁴

8. E', pois, a graça de Cristo, seu espírito de caridade, sua vida sobrenatural, que penetra nossa alma até em sua essência, enobrece-a, diviniza-a e torna-se com ela um mesmo princípio de operação.

Todo ato sobrenatural, quer seja um ato de amor, de humildade, de obediência, é nosso ato, mas é ao mesmo tempo o ato de Cristo. Cabe-nos todo o mérito e a Jesus tôda a glória. Êste ato não é duplo: é um e individual.

Assim, minha alma, Jesus torna-se a causa primeira de tôda a tua vida sobrenatural e tu não és senão a causa segunda.

Estás de tal modo invadida e absorvida nesta amável causa primeira, tua essência está tão plena e suavemente envolvida por ela, seu divino Coração e o teu são tão infavelmente fundidos num só, que de Jesus e de ti fêz-se um princípio único de atividade e de méritos sobrenaturais.

O efeito é e fica teu ato, tua vida, mas é ao mesmo tempo o ato e a vida de Jesus Cristo.

Estende isso, minha alma, a tôda a tua existência, a tôdas as tuas orações e aspirações, a todos os teus desejos e movimentos. Tudo procede de ti mas de ti transformada nêle: "Eu vivo, já não eu, porém Cristo é que vive em mim".

⁴) Caritas Dei diffusa est in cordibus nostris per Spiritum Sanctum qui datus est nobis (Rom 5, 5).

9. E se já é assim no princípio, quem poderá prever a profundidade e intimidade que pode alcançar, com o andar dos tempos, a união entre Jesus e a alma?

O amor mútuo que une dois seres criados já é tão misteriosamente grande que a razão não pode analisá-lo.

A matéria, sem dúvida, é um obstáculo, uma barreira à perfeita fusão, mas as almas compreendem-se e amam-se.

Compreendendo-se, elas se atraem; amando-se, elas penetram reciprocamente e assimilam-se uma à outra.

E quanto mais êsse conhecimento e êsse amor são puros, e desembaraçados da matéria, e perfeitos, tanto mais inteira e deliciosa é essa compenetração mútua.

10. Se Deus quis estabelecer entre duas almas uma união tão profunda que verdadeiramente uma vive na outra, que lhe é assimilada, e na qual é como que transfundida, qual não será a união ao mesmo tempo humana e divina, natural e sobrenatural, que liga duas almas, das quais uma é a de Jesus!

O' bom Mestre! nem ousou pensar: vossa alma bendita, tôda cheia de bondade, passa inteiramente na minha; vosso espírito adapta-se ao meu, esclarece-o, eleva-o e infunde-lhe suas próprias idéias; vosso Coração envolve o meu, enleia-o com mil laços de amor, enobrece-o, torna-o suave, humilde, bondoso, faz circular nêle sua vida divina, repara, alimenta, sustenta, com o suco de sua graça, com sua própria substância, tôdas as fibras do meu ser sobrenatural.

11. Compreendes as palavras de S. Paulo: "Eu vivo, já não eu, porém Cristo é que vive em mim"? e estas outras de S. João: "Que êles todos sejam um, assim como vós, Pai, estais em mim e eu em vós; a fim de que êles sejam também um em nós"? (Jo 17, 21).

Não, tu não compreendes, nem poderias compreender, pois, se compreendesses, não haveria mais sombras, nem

exílio, nem fé, mas sim êxtase; a delícia perpétua, a visão da pátria celestial!

E' preciso, portanto, que vivas, e que Jesus, na obscuridade e na paz, desenvolva em ti o germe da vida divina que êle depôs em ti, pela graça santificante.

E' preciso, pois, que êle prepare, sem ser impedido por ti, para eternidades sem fim, a obra-prima que será a tua alma.

E' preciso que êle consuma em ti seus disignios eternos de inefável união; é preciso que em ti e por ti êle ame e glorifique sem fim seu Pai que está nos céus.⁹

12. Pois, como bem podes crer, se Jesus se apodera a tal ponto de tua vida e de tua atividade, não é exclusivamente por ti, mísera criatura, é por Deus, o autor e o consumidor de tôdas as coisas.

Se êle se une a ti de um modo tão íntimo, é para continuar em ti sua própria vida, sua obra de redenção, seus sofrimentos, sua morte e seu triunfo.

Tu vives, mas não, é Cristo que vive em ti. E' Jesus que em ti trabalha e ora, sofre e se alegra, auxilia e consola o próximo.

E' êle que, em ti e por ti, salva os pecadores, encoraja e edifica os justos. Êle fala pela tua bôca, escreve pela tua mão, olha com teus olhos, pensa com teu espírito e ama com teu coração.

Não és mais que um instrumento nas suas mãos, instrumento frágil e sujeito a muitas faltas, sincero, porém, amante e desejoso de passar inteiramente ao serviço do Mestre.

13. Vês qual deve ser e qual será doravante tua vida?

Tua vida será a imitação perfeita de Jesus Cristo levada até a uma espécie de assimilação ao divino Mestre,

⁹) In laudem gloriae gratiae suae, in qua gratificavit nos in dilecto Filio suo. Ut simus in laudem gloriae eius (Ef 1, 6. 12).

de identificação com êle. "Êle nos predestinou para sermos conformes à imagem de seu divino Filho" (Rom 8, 29).

Durante êste retiro, tua ocupação única será amar a Jesus, dizer-lhe incessantemente que o amas, pedir-lhe para transformar-te à sua imagem, purificar-te de todo o egoísmo, e tomar posse de tua inteligência, de tua vontade e de todos os teus atos, enfim, de viver êle mesmo em ti.

DIA I

MEDITAÇÃO III

DUPLO AMOR. — O COMBATE

Qui non est pro me, contra me est;
qui non colligit mecum spargit (Lc
2, 28).

Aquêle que não é por mim é contra
mim. Quem não recolhe comigo, dis-
persa.

1. Amar a Jesus de todo o nosso coração, permitir-lhe, a poder de amor, estabelecer em nós o seu reino, isto é, fazer-nos semelhantes a êle, eis o belo ideal da santidade.

Mas êsse reino de Jesus não se estabelece assim tão fàcilmente.

Quando David se apoderou de Jerusalém, não pôde, logo no primeiro dia, expulsar da cidade santa seu adversário. Êste encerrou-se na fortaleza de Sião. Foram precisos ao rei guerreiro sete anos de esforços para expulsá-lo.

Quando Jesus se apodera da alma, infundindo-lhe o santo amor, não destrói nem desarma seu adversário, o egoísmo. Êste, ao contrário, entrincheira-se na parte mais inacessível da alma, fortifica-se e resiste ao assaltante.

Antes de empreender os combates de amor, é necessário saber quais as fôrças de que dispõe o inimigo.

2. O egoísmo é um inimigo poderoso. Entrou na alma com o pecado original e daí estendeu seu império sobre tôdas as faculdades do homem.

A vontade, devido a êsse domínio, tornou-se frágil e propensa ao mal; a razão, por sua vez, velou-se, e a imaginação emancipou-se; as paixões revoltaram-se e os sentidos passaram a conspirar constantemente contra a sã razão.

3. Êsse egoísmo teve tempo de preparar seu refúgio durante anos. Todo o tempo da infância e adolescência, até ao momento em que a alma se decidiu a viver para Deus foi consagrado a alimentar e fortificar o amor-próprio.

O egoísmo lançou, assim, raízes profundas nos hábitos e inclinações. Tôdas as fibras do nosso ser, tôdas as células do nosso organismo foram como que impregnadas por êle. Tôdas as idéias que nutrem a inteligência, tôdas as representações que povoam a imaginação, tôdas as palavras que caem dos lábios, tudo foi mais ou menos penetrado por êsse veneno.

4. E como se êsse mal já não fôsse excessivo por si mesmo, foi ainda agravado por tudo quanto rodeia o homem.

Os princípios do mundo não têm outro fundamento que o egoísmo; seus exemplos não encorajam se não o amor-próprio; suas palavras não louvam senão os que se dirigem segundo suas máximas.

O sorriso, a ironia, o ultraje, a perseguição, o escândalo servem, cada um por sua vez, para enfastiar do amor de Deus as almas que querem viver piedosamente em Cristo.

5. Em suma, o demônio em pessoa agarra-se àqueles que querem resolutamente seguir os passos de Jesus. Sua tática consiste em alimentar continuamente o egoísmo.

Raramente manifesta-se por uma intervenção direta. Êle é tão horrível que sua presença assustaria a alma, afugentando-a para sempre.

Entretanto, êle excita os apetites desordenados da carne; fomenta o orgulho, excita a paixão da glória, insinua-se nas faculdades, inclinando-as para o mal.

Aproveita-se de todos os acontecimentos exteriores e de tôdas as disposições interiores da alma e do corpo para atingir o seu fim.

Usa do formidável poder que Deus lhe deixou, para tentar os homens; da experiência de milhares de anos, que adquiriu em seu triste mister, enfim, de tôdas as astúcias e de tôda a violência que lhe pode inspirar o ódio a Deus e seus filhos.

Todos os seus esforços se dirigem para um fim: fazer germinar a semente do egoísmo, e abafar o germe do amor de Deus.

6. Porquanto êsse amor no comêço, não é senão germe, e quão frágil!

A terra na qual Jesus depositou êsse germe é uma terra ingrata, onde o joio tudo invadiu. Essa terra é a natureza humana onde as raízes cravam-se na carne e no sangue. Como poderá um amor todo espiritual criar raízes num solo tão estéril?

Sem dúvida, a alma é também um espírito, mas êsse espírito é como que envolvido num organismo mesquinho e ligado a um amontoado de moléculas.

Um nada pode embaraçar algumas delas, e essa alteração imperceptível basta para embotar incontinentemente a sensibilidade, obscurecer a inteligência e acorrentar a vontade.

7. Eis os recursos de que dispõe o inimigo na grande luta que se dá no íntimo de cada alma.

Não desanimes, entretanto. Se o adversário é forte, Jesus é ainda mais potente.

Antes de tudo, lembra-te que foi êle quem criou teu coração. Por mais aviltado que êsse coração esteja, conserva uma certa nobreza, uma necessidade profunda de feli-

cidade, de paz, de imortalidade; uma sêde de amor que nenhum bem criado pode saciar. E' por êsses laços imperceptíveis, porém fortes, que Jesus retém ou reconduz a si as almas.

8. Em seguida, Deus entrou na alma do justo com a graça santificante.

A Santíssima Trindade estabeleceu nela seu trono e Jesus apossou-se de sua vida.

Uma vez que a alma se pôs resolutamente sob a direção dêsse Mestre todo-poderoso, êle não desvia dela o olhar: "Palpebrae eius interrogant filios hominum" (Sl 10, 5). Suas pálpebras interrogam os filhos dos homens. Sua bondade previne a alma, acompanha-a e segue. Sua graça sustenta-a, reanima-a, fortifica-a e cura.

Jesus é fiel. Por mais vigorosos que sejam os ataques infernais, êle não permite jamais que excedam às forças da alma.¹

Jesus é generoso. Êle alimenta a alma com sua própria substância e todos os dias, se ela assim o quer. Prepara-lhe um banho com seu sangue, onde ela pode purificar-se de suas manchas e curar suas chagas.

Êle não se cansa de prodigalizar-lhe a abundância de suas graças, de suas inspirações, de seus encorajamentos e a luz de sua doutrina, de suas advertências e dos bons exemplos.

Êle dispõe em seu favor todos os acontecimentos exteriores e interiores, as contrariedades, perseguições, aridezes, dúvidas e as ânsias da consciência.

Êle destina à sua guarda um príncipe celeste, incumbido de frustrar a astúcia de satã, e de reanimá-la, encorajá-la e estimulá-la ao bem.

Êle a confia enfim à sua mãe querida para ser amparada com sua ternura e solicitude maternas.

¹) Non patietur vos tentari supra id, quod potestis (1 Cor 10, 13).

9. Todavia, êsse socorro tão constante e tão eficaz é quase sempre apenas perceptível.

A presença tão meiga do divino Mestre é velada pela fé; as verdades mais encorajantes mal transparecem através de espessas nuvens; a ação da graça é tão delicada, tão sutil, que a alma apenas percebe seu sôpro e nem sente suas carícias.

Não poderia Deus elevar as almas com o poder de sua graça e transportar-lhes a barca num instante até ao pôrto da santidade?

E' óbvio que sim. Mas onde, então, o prazer que êle sente, ouvindo a pobre alma murmurar, apesar de tudo, um ato de confiança na sua soberana bondade, vendo nossa débil natureza, em luta contra tantos obstáculos, exposta à correntes diversas, remar, mesmo assim, com os olhos e o coração fixos nêle? Onde, então, a admiração dos anjos e santos no céu, se êles não tivessem sob os olhos o espetáculo de tanta constância de alma num corpo tão frágil, tantos esforços para o céu num ser todo inclinado aos prazeres da terra?

Oh! não te aflijas, minha alma, não temas. O Onipotente luta em ti e por ti. Jesus não te abandona, e conduzir-te-á à vitória.

10. Tais são as condições dêsse combate entre o amor e o egoísmo, entre o céu e o inferno, entre Jesus, o rei da glória, e satã, o príncipe das trevas.

Tu, minha alma, se és a causa da luta, és também o árbitro.

O demônio nada pode contra ti, se tu não consentes.

Ai de nós! Jesus também é impotente se não te confias a êle.

Êle criou tua vontade livre, e não a violentará. És tu quem escolherá entre Jesus e satanás, entre o amor e o egoísmo, entre o prazer que podes proporcionar a teu

bom Mestre, morto por ti, e a aflição que lhe causarás com a tua infidelidade.

A ti compete escolher se pertencerás a Jesus e até que ponto lhe pertencerás, se serás um cristão comum ou uma alma de elite, se arrastarás no mundo a corrente de teu egoísmo ou se alçarás o vôo nas asas do divino amor.

O' Jesus! mil e mil vêzes sou vosso. Auxiliai-me a pelear nos combates do amor.

DIA I

MEDITAÇÃO IV

A TÁTICA NO COMBATE

Hi in curribus et hi in equis: nos autem in nomine Domini Dei nostri invocabimus (Sl 19, 8).

Uns confiam em seus carros, outros em seus cavalos; quanto a nós, apoiamos no nome do Nosso Deus que invocamos.

1. Se o trabalho da perfeição é uma luta, há, pois, uma estratégia a adotar, uma tática a seguir.

Nos combates humanos, triunfa aquêle que tem fé em si. O grande recurso do general é manter no coração do soldado a confiança no seu próprio valor.

No combate com o divino amor, o guerreiro mais terrível é a criancinha que nenhuma confiança tem em si mesma, e tudo espera de Jesus que com ela combate.

Entretém incessantemente em tua alma a desconfiança absoluta em ti mesma e exalta cada vez mais tua confiança em Deus, e vencerás.

2. O país do divino amor é situado além das fronteiras humanas. A nenhum homem é dado pretender sequer, com suas próprias fôrças, fazer ainda que um passo no caminho que para lá conduz.

O natural e o sobrenatural aproximam-se, entrelaçam-se tão bem, que a alma se engana muitas vèzes. Ela atribui a si um papel que pertence exclusivamente à graça. Jesus insinuou-se de tal modo em seu ser que não raro ela julga andar só, quando é levada em seus divinos braços.

3. Deves persuadir-te de que a fraqueza da natureza humana, mesmo corrigida, sustentada e enobrecida pela graça, é sem limites.

Tua vontade é a tal ponto volúvel que, sem um socorro gratuito de Deus, apesar de tódas as graças passadas, és capaz de cometer o pecado mortal mais abominável e renegar a Jesus que tanto amaste até hoje.

Não percas jamais de vista esta verdade fundamental.

E o que ainda é mais assustador nessa fraqueza radical é que a alma nem por isso se assusta. Ao contrário, ela alimenta em si mesma uma secreta presunção que lhe faz dizer: Jamais cairei!

Essa presunção é, talvez, o único obstáculo sério na vida espiritual. E' tão fortemente arraigada em certas almas que, após muitos anos, ainda persiste.

Para arrancá-la, Deus, na sua misericórdia, permite numerosas quedas, algumas vèzes mesmo pesadas, para que, enfim, a alma descubra o horrível cancro que a consome.

Oh! como é preciso rogar a Deus que nos faça conhecer a nossa fraqueza sem nos deixar cair no precipício.

4. A alma não chega à completa desconfiança de si mesma senão gradativamente.

A princípio, consegue, com a experiência repetida de sua fraqueza, não se admirar mais de suas faltas. Para transpor êsse primeiro passo, é preciso, para certas almas, bem longos anos, tão boas elas se julgam.

Em seguida, a poder de graças especiais, a alma consegue não sòmente não mais se admirar, mas mesmo não

se despeitar das suas incessantes recaídas. Ela volta a Jesus, depois de cada falta, com a mesma confiança filial, exprime-lhe o seu pesar, renova-lhe sua resolução e abraça-o, sem suspeitar sequer que Jesus possa lembrar-se de sua infidelidade.

Enfim, chegada ao fundo dêsse abismo, não somente ela não se admira e nem se despeita mais de suas culpas, mas experimenta uma alegria real em sentir-se tão pequena e tão fraca diante de um Deus tão poderoso. Cada uma de suas fraquezas dá ensejo a um ardente ato de amor e de confiança inabalável na bondade de Deus.

5. Assim, no fundo de seu nada, a alma encontra o máximo da confiança em Deus.

O verdadeiro, o único fundamento desta confiança é, pois, Deus só, Deus que é infinitamente bom, poderoso e fiel em suas promessas.

De um lado, nada podemos na ordem sobrenatural, pois que um abismo intransponível a separa da natureza humana.

Por outro, Deus exige que sejamos perfeitos, que sejamos santos e imaculados em sua presença. E' claro, pois, que êle nos dará o necessário para cumprirmos sua vontade.

E não somente êle nos dará, mas deve dar, pois, sem isso, seria exigir o fim sem os meios.

Essa obrigação, Deus impôs-se a si mesmo. Chegou até a dar no Evangelho sua palavra de honra, que êle a contratava e que sua promessa seria infalível. Êle nos pede para não duvidar nem de sua palavra nem de sua bondade.

Além disso, êle quer que se saiba que não faz depender a eficácia da oração do mérito daquele que ora, mas tão somente da fôrça intrínseca da divina promessa. Quanto mais miseráveis somos, tanto mais o auxílio de Deus deve seguir pronta e plenamente nosso grito de angústia.

6. Para que esta bondade de Deus te cause mais por forte impressão, lembra-te do quanto Deus fêz por ti no passado, quando mesmo ainda não o procuravas ou, quem sabe, o evitavas.

Que não faria êle hoje, quando o amas e buscas de todo o teu coração?

Lembra-te também que o único desejo do Salvador, sua ocupação única de Redentor, é perdoar tuas faltas e conduzir-te à santidade, à qual aspiras.

Tôda a obra da redenção, os imensos sacrificios que Jesus se impôs, seu nascimento, sua morte cruel, sua vida eucarística, não tem outro fim senão preparar-te para receberes seus dons, e agora que desejas recebê-los, agora que suplicas que te não repila, êsse Jesus tão indulgente ocultar-se-ia de ti?

7. Considera, além disso, que o divino Mestre tem todo o interêsse em te conceder a santidade, pois és uma pequena parte dêle mesmo, és um membro do corpo do qual êle é a cabeça.

Tua glória é a sua, tua imperfeição é para êle um desdouro.

Se êle trabalha com essa paciência divina, arrancando-te de ti mesmo, é a fim de formar-te à sua imagem, infundir em ti sua vida e apresentar-te ao seu divino Pai como um outro Cristo.

Mais ainda: quando pedes a Deus para santificar-te, não és tu quem ora, é Jesus quem ora em ti e por ti. A oração de Jesus poderia ser de algum modo repelida?

Deixa essas verdades consoladoras penetrarem em tua inteligência e descerem no teu coração, e depois faze um ato de confiança heróica como jamais fizeste.

8. Medita profundamente no abismo de teu nada, representa-te tôda tua fealdade aos olhos de um Deus infinitamente puro, depois levanta a fronte com uma confiança e uma temeridade de criança e diz: Jesus, eu não

sou mais que uma criança na vida espiritual; quero, porém, chegar a amar-vos como vos amaram os grandes santos. A poder de amor, quero ocupar um dia um lugar entre os maiores santos do paraíso. Esta prece eu a farei continuamente e apegar-me-ei a ela com tal obstinação, e com tão audaciosa confiança, que vos forcei a fazer prodígios em mim.

Veremos na eternidade qual foi o mais forte, Jesus onipotente ou sua mísera criatura.

Se, apesar disso, vós não me santificardes, dir-se-á no céu que uma alma simples e confiante foi frustrada em suas esperanças. Não, Jesus, vós não quereríeis, por certo, despertar tal confusão no meio de vossos anjos e santos!"

Fixa-te, pois, firmemente nessas alturas da confiança. Roga sem cessar a Jesus que conserve em teu coração o desejo da santidade, pede-lhe que arranque todo o apoio em ti mesmo, e depois deixa que falem os sábios que se escandalizam de tua temeridade infantil.

O céu e a terra perecerão antes que estas palavras de teu bem amado Jesus: Em verdade, em verdade, vos digo: tudo que pedirdes a meu Pai em meu nome, êle vo-lo dará (Jo 15, 13).

9. Deixa depois penetrar êsses mesmos sentimentos de absoluta confiança em Deus e inteira desconfiança em ti mesmo em todo o trabalho da perfeição.

E antes de tudo, na vida espiritual, age mais por amor que por temor.¹

O amor dilata o coração, exalta suas energias; o temor comprime-o e paralisa-o.

O amor gera a confiança e a paz; o temor entretém perturbação e agitação.

¹) Perfecta caritas foras mittit timorem (1 Jo 4, 18).

Se olhares para ti mesmo e tuas fraquezas, o temor invadirá teu coração; se volveres a Jesus, que é bom e poderoso, o amor te penetrará.

Deixa-te, pois, atrair por Jesus, não permitas ao temor ou à desconfiança perturbar teu coração. Afasta, incontinenti, todo pensamento inquietador, toda idéia deprimente, todo sentimento de tristeza ou de desânimo. Êsses são os frutos da confiança em ti mesmo.

10. No trabalho da perfeição, age com doçura e não com violência. A violência é uma força de destruição, ela elimina, rompe, destrói, não repara e nem edifica.

A violência é uma força transitória, não atinge senão a superfície das coisas: A doçura, ao contrário, é durável, penetra até ao imo da alma, lá onde nascem as afeições, as emoções e as resoluções.

A doçura é um óleo benéfico que adoça, cura e fortifica. E' por excelência o remédio dos males do coração humano. O homem se obstina e endurece contra a violência e não resiste à bondade.

Aplica êste princípio em tuas relações com o próximo; mormente com teu próprio coração. Não te despeites jamais contra ti mesmo depois de tuas faltas. Humilha-te diante de Nosso Senhor, pede-lhe perdão sinceramente e levanta-te com coragem; Jesus auxiliar-te-á.

11. Para avançar rapidamente no caminho da santidade, conta mais com a paciência que com a precipitação. Êsse caminho conduz do berço ao túmulo: E' preciso caminhar sempre e sempre avançar. A precipitação não encurta a estrada a percorrer; ao contrário, ela provoca o cansaço e o desânimo. Está certo de chegar aquêle que, após cada falta, se levanta calmamente e continua seu caminho.

Quanto mais a alma economiza suas forças, modera seus ímpetos e contém seu ardor, tanto mais longe irá.

O apressado, ao contrário, esgota-se, enfraquece e tomba sem forças para continuar o caminho. Confiou demais em si mesmo.

Tem, pois, uma vontade sempre enérgica, jamais precipitada, um espírito sempre alerta, jamais preocupado, um coração sempre corajoso, jamais agitado.

12. Convence-te que, na vida espiritual, Deus leva mais em consideração a imensidade de teus desejos que a perfeição de tuas obras.

Esmera-te em executar os bons desígnios, age como se tudo dependesse de ti unicamente e depois observa, sem despeito, que nada fizeste.

O homem não é realmente forte senão em desejos e Deus considera o desejo sincero como se fôsse realizado.

Forma grandes projetos, porém confia a Jesus sua execução. Se forem para sua glória, êle há de executá-los por ti ou por outros ainda mais débeis do que tu.

Deus não tem necessidade de tuas obras. Êle quer apenas que tenhas a disposição sincera de executar aquilo que te impôs.

Se êle precisar de criaturas para levar avante grandes empreendimentos, saberá formá-las. Irá buscá-las entre aquelas que não se apóiam na própria força, habilidade ou mérito.

E agora, minha alma, repele tôda a confiança em ti mesma, ama a Jesus, oculta-te em seu coração, encarrega-o de fazer de ti uma grande santa. Êle o fará certamente.

SEGUNDA PARTE

O AMOR PURIFICA

DIA II

MEDITAÇÃO I

O AMOR ESTIMULA A VONTADE

Ad ea, quae priora sunt, extendens
meipsum (Filip 3, 13).

Lançando-me pelo desejo para o que
está adiante de mim.

1. O fim único da vida é amar a Jesus apaixonadamente. Alma cristã, vais agir desde já como o avarento. Não terás outro pensamento, outro desejo, senão acumular uma imensa fortuna de amor, não tanto para ti mesma como para Jesus, que vive em teu coração.

Diante de ti levanta-se uma montanha de ouro. Tuas ações, teus desejos, tuas afeições, teus menores movimentos, tudo se pode transformar no ouro muito puro da caridade; custa-te apenas o querer.

2. A ocasião de enriquecer teu Jesus com teu amor não se oferece senão uma única vez. S. Geraldo Majela escreveu um bilhete com as seguintes palavras: "Eu não tenho senão uma única ocasião de me santificar; se eu a deixar escapar, estará para sempre perdida". Fugiu da casa paterna, e encerrou-se no convento.

3. Lembra-te que o tempo de acumular tesouros de caridade é limitado e não sabes quando terminará para ti. Se São Luís Gonzaga, São João Berchmans, S. Esta-

nislau Kostka, Santa Luzia, Santa Inês tivessem diferido o trabalho de sua santificação, não gozariam no céu de tão grande glória.

4. Considera ainda que a quantidade e qualidade desse tesouro da divina caridade acumulado durante esta vida serão e conservar-se-ão exatamente as mesmas por toda a eternidade.

O amor no céu não é substancialmente diferente do amor da terra.

Que pena para Jesus e para ti, se, por tua culpa, o amasses menos nos séculos dos séculos!

Santa Teresa animava-se com estas palavras: “pouco se me dá que se avantajem a mim em glória no céu; como, porém, suportar, ó Jesus, que alguém vos ame mais do que eu?”

Pois bem! tu, pobre alma, esforçar-te-ás por superar no amor a seráfica Santa Teresa.

5. Se tôdas estas considerações de tão nobre interesse pessoal não te estimulam suficientemente, pondera ainda a glória que dará a Deus, por toda a eternidade, um grau a mais de amor de uma só alma. Pois bem! pobre e insignificante criatura que és, podes aumentar a glória que tornará a teu Deus, da sua obra de criação e redenção.

Podes causar prazer a Jesus amando-o cada vez mais; podes encantar o coração daquele que é a caridade infinita; podes forçá-lo a inclinar-se com ternura mais intensa para tua alma durante toda a eternidade.

E será coisa de somenos importância causar prazer a Jesus que tanto te ama?

Quando êle morria na cruz, abandonado pela criatura e até mesmo pelo próprio Criador, seus olhos tristes apercebiam-te através das gerações futuras e seu Coração aflito confiava em que um dia o amarias sem reservas. Acaso quererias frustrá-lo nas suas esperanças? Resolve-

te desde já a dedicar tua existência ao amor; e busca o meio de aumentar o mais possível tua capacidade de amar.

6. E dois são os meios.

O primeiro foi instituído por Nosso Senhor. Aumenta a graça santificante diretamente e como que automaticamente.

São os sacramentos dos vivos e mesmo os sacramentos dos mortos recebidos em estado de graça. A santa comunhão e a confissão são duas fontes perenes de onde dimana na alma a vida de Jesus. Com que avidez é preciso aproximar-se todos os dias do banquete do Senhor para nêle beber e comer a divina caridade.

Se as almas compreendessem o que é a sagrada comunhão, seria necessário fazer trincheiras nas igrejas, proteger o santo tabernáculo com grades de ferro, de medo que, arrebatadas pela veemência do desejo, as almas famintas viessem roubar Jesus para dêle se alimentarem.

Cada comunhão e cada confissão aumentam na alma do justo, sem dificuldade, as riquezas eternas, a vida de Jesus Cristo, a divina caridade: poderia a alma passar indiferente ao lado dessas fontes sempre correntes de vida eterna, e não sentir sêde de amor, e não se precipitar nas suas águas para aí mitigar a sêde e lavar-se de suas manchas?

Como eu compreendo a dor do Coração de Jesus queixando-se de não ter sido devidamente apreciado nesse sacramento de amor, de ser uma torrente que quer transbordar e de não encontrar corações que lhe sirvam de reservatório.

Quanto a ti, minha alma, aproveita cuidadosamente todas as ocasiões para receber êsses dois sacramentos e nas disposições exigidas.

Não procures, recebendo-os, satisfazer um prazer e gozar alguma satisfação. Não é para gozar, que o recibes,

mas para fartar-te. Não para sentir consolações, mas para haurir forças para atingir os cimos do amor.

7. O segundo meio que aumenta a divina caridade é o ato de amor. Todo ato de amor, disposto pela vontade ou sob seu domínio, por uma faculdade qualquer, torna-se fonte de novo amor.

E' o meio por excelência de aumentar a graça santificante. A alma pode servir-se d'ele a seu bel-prazer e com tôda a energia e fervor que depender de si.

8. Lembra-te que êsse ato é essencialmente espiritual, e é um movimento da vontade, infinitamente acima da sensibilidade e mesmo imperceptível aos sentidos.

Quanto mais espiritual, calmo e puro, tanto mais profundo e intenso.

A emoção, sem dúvida, acompanha-o algumas vêzes, porém nada influi quanto ao seu valor. Esta emoção é apenas um reflexo de amor espiritual na parte sensível, e não raro é ela um sinal de fraqueza do organismo, não suficientemente forte para conservar em paz o amor espiritual.

Se queres fazer uma obra sólida no trabalho da tua santificação, não percas nunca de vista a diferença essencial entre a vontade e o sentimento.

O mal que fazem a si mesmas as almas, que não firmam sua vida de amor sôbre a vontade, é incalculável.

Não se deve desprezar a consolação sensível quando Deus a concede, porém dela não deve depender o fervor, a paz da alma e a constância no trabalho começado.

9. Que teu principal e diligente cuidado seja produzir teu ato de amor em tôda a sua pureza: "Jesus, eu vos amo, eu quero amar-vos com tôda a energia de minha alma, eu quero por êste ato, abandonar-me a vós sem reservas; fazei de mim o que quizerdes".

Este ato, arrancado das profundezas da vontade, pode revestir-se de formas diversas, contanto que abandone a alma a Jesus. Que êle seja, pois, intenso e seguido de um imenso desejo de amar a Deus cada vez mais, de amá-lo tanto quanto o amaram os santos, tanto quanto êle é digno de ser amado.

10. Quanto mais aprofundares em teu coração e o dilatares pelo desejo, tanto mais Deus há de saciá-lo, pois Deus é um oceano sem limites.*

Assim, no fim de algum tempo, o amor virá a ser a tua vida. Amar a Jesus será tua ocupação, teu passatempo neste mundo.

Tudo se transformará em caridade, teus trabalhos e sofrimentos, tuas tristezas e cuidados, tuas tentações, tuas dúvidas e aridez.

Incessantemente e em tôdas as circunstâncias, repetirás teu estribilho de amor: Jesus, eu vos amo: Mihi vivere Christus est: Minha vida é Jesus Cristo* (Filip 1, 21).

DIA II

MEDITAÇÃO II

O AMOR DESAPEGA O CORAÇÃO

Existimate vos mortuos peccato, viventes autem Deo, in Christo Iesu Domino nostro (Rom 6, 11).

Considerai-vos mortos para o pecado, porém vivos para Deus, em Jesus Cristo Senhor nosso.

1. O amor de Deus, o amor desmedido de si mesmo, eis os dois adversários que disputam teu coração.

Se conseguisses eliminar tudo que não satisfaz a Jesus e tudo fazer para lhe ser agradável, serias perfeito. Será difícil?

Começa tranquilamente êsse trabalho de eliminação.

2. Talvez que te apegues demasiadamente a um objeto, a uma ocupação, a um emprêgo, a uma dignidade, a uma pessoa, a uma amizade, a certas relações de sociedade, a atenções, respeitos de que és alvo.

Talvez que estejas por demais prêso a certos projetos, ao sucesso de tuas emprêsas, ao reconhecimento, à reputação, a certas opiniões, a tuas convicções, tuas comodidades, à tua saúde?

Quem se julgará isento de apegos, quando lança um olhar ao abismo do coração, onde se entrecocam tantos desejos, afeições, temores, alegrias, tristezas e esperanças?

3. Não te perturbes diante desta multidão de imperfeições, nem percas teu tempo examinando-te com ânsia para descobrir teus defeitos.

À medida que te adiantares na humildade, Deus fará brilhar sua luz nas tuas trevas e então verás tuas faltas.

4. E que tática adotarás para suprimir tôdas as coisas ilícitas, e conservar teu amor na esfera das afeições legítimas?

Perseguir um a um êsses inumeráveis inimigos em seus redutos, seria desperdiçar um tempo precioso, e perder a paz do coração, para não chegar, aliás, a um resultado satisfatório.

Importa, pois, apegar-se simplesmente ao soberano bem por um ato de vontade.

5. Sem se preocupar com um apêgo em particular, a alma conserva-se atenta desde o levantar. Ela repete frequentemente atos de amor de Deus, atos de complacência e preferência, principalmente quando um objeto, uma criatura qualquer a solicita, quando se sente estimulada a buscar uma satisfação pessoal, perseguir uma vã questão de honra, descuidar-se de um dever impôsto.

Cada uma dessas ocasiões faz brotar em seu coração um ato de amor: "Jesus, eu vos amo, é a vós que eu busco; longe de vós tudo é vaidade, mentira e decepção".

Assim, a alma não dispersa sua atenção sôbre muitos objetos ao mesmo tempo. Ela simplifica sua vida espiritual, conservando a paz do coração, e concentra a cada instante tôda sua energia no amor de Deus.

Dêsse modo, no princípio sobretudo, muitas ocasiões lhe escapam. Não raro ela escolhe de boa fé o que lhe apraz, o que a eleva a seus próprios olhos e a lisonjeia.

Que isso não a aflija. À medida que ela se adianta, sua atenção será despertada e Jesus mesmo lhe fará notar o que ainda esteja por fazer.

E se ela visse de chôfre tôda a extensão do trabalho, assustar-se-ia de sua fraqueza e cairia por certo na pusilanimidade.

Assim a alma avança sossegadamente cada dia e cada momento.

Ela esforça-se por viver para Deus em Jesus Cristo. Considera-se como morta ao pecado. Cada vitória do amor de Deus é uma derrota do egoísmo.

6. Entre os apegos que mancham a vontade há um que prejudica mais que todos os outros o reino do perfeito amor.

Este apêgo é a afeição sensível desordenada.

A amizade é desordenada quando é contrária ao amor de Deus ou lhe é paralela sem lhe ser subordinada.

O sinal de que uma amizade não é absolutamente pura é que, pelo menos em certos momentos, ela gera uma inquietação, uma preocupação.

Esta regra é universal e infalível.

Tôda desordem, por mínima que seja, tanto na ordem física como moral, é uma falta de equilíbrio e, por conseguinte, perturba a harmonia, o repouso e a paz.

Quanto mais delicada é a alma e já possuída pela divina caridade, tanto mais é suscetível de sentir essa inquietação. É uma advertência de Jesus. Êle é um Deus ciumento. Não permite que uma alma fervorosa se apegue a qualquer criatura, seja ela pura e santa.

7. A alma que se apercebeu dessa discreta advertência deve obedecer incontinenti, romper êsse laço não obstante a angústia que causará essa ruptura, evitar de alimentar esta amizade por pensamentos, entretenimentos ou outras relações não necessárias.

Ela deve multiplicar seus atos de preferência para Jesus, e esperar pacientemente que cicatrize a ferida, en-

quanto o coração, abalado pelo choque, volte de novo ao seu estado normal.

A paixão não descuidará em achar pretextos para legitimar este apêgo.

Esta afeição é pura, ela inclina-me à piedade e sustenta-me; minha natureza sensível exige intimidade; o reconhecimento obriga-me a manter essas relações; os santos tiveram suas amizades.

Tôdas essas razões são sem fundamento, como verás mais tarde, quando fôr livre o teu coração.

Enquanto isso, faz calar teu coração e sacrifica essa amizade.

Encontrá-la-ás um dia, porém purificada. Sem este ato enérgico, arrastando-te penosamente na vida espiritual, não possuirás jamais inteiramente o coração de Jesus.

8. Todavia, ninguém se pode gabar de conquistar a liberdade perfeita do coração, sem Deus mesmo pôr mãos à obra.

E' preciso pedir-lhe sempre para desligar-nos de tudo e derramar a amargura sôbre tudo a que nos apegamos!

Quando Jesus quer possuir plenamente um coração e desgostá-lo de todo o criado, êle o torna tão amplo e tão profundo que nada é capaz de saciá-lo.

E cria nêle exigências tais que sômente êle pode satisfazê-las.

Revela à alma as fraquezas e incapacidade das pessoas mais queridas; despoja de seus encantos a beleza sedutora das criaturas; permite decepções acerbadas e desilusões amargas e, de repente, êle mesmo se apresenta, por uma súbita iluminação, com sua ternura de amigo, sua paciente bondade, sua condescendência infinita.

9. Quanto mais um coração é naturalmente amante, delicado e nobre nas suas aspirações, tanto mais Jesus acha o terreno preparado para lançar a semente do puro amor.

Uma tal alma pode se desviar algum tempo em busca de seu objetivo; pode prodigalizar às vêzes seu amor a criaturas indignas dela, mas a indignância, que ela encontra de todos os lados, reconduzi-la-á, cedo ou tarde, a Jesus.

Toma desde hoje a resolução de conservar intacto teu coração ou de reconquistar a todo custo tua liberdade.

Fôste feito para a santidade, teu coração pertence exclusivamente àquele que o formou, àquele que morreu para que a êle te apegasses.

DIA II

MEDITAÇÃO III

O AMOR DISCIPLINA A LIBERDADE

A OBEDIÊNCIA

Qua libertate Christus nos liberavit
(Gál 4, 31).

Esta liberdade com que nos libertou
Cristo.

1. Quanto mais o homem se julga livre, tanto mais obedece sem o saber.

Ele obedece à opinião, aos costumes, às idéias do tempo, à moda, a suas paixões, às suas necessidades reais ou fictícias, à sua imaginação e aos seus caprichos.

Ele obedece a seus mestres e mais ainda aos seus subordinados; obedece a seus semelhantes, a seus modos, a seus exemplos, a seus sorrisos.

Todo homem, quer queira quer não, é sugestionado pelos livros que lê, as apreciações que ouve, as críticas a que se sujeita, aos louvores que ouve.

Assim a maior parte dos homens, julgando-se livres, não são senão escravos.

2. Se houvesse alguém que não fôsse influenciado nas suas idéias, nos seus desejos e nos seus atos senão por Deus, êsse teria reconquistado a verdadeira liberdade.

Se permitisses a Cristo, que vive em ti, apoderar-se inteiramente de tua vontade, serias completamente livre, tão livre como o próprio Deus.

E' êsse o trabalho de liberdade que o divino Mestre procura realizar em ti.

Com o seu auxílio e à custa de amor, tua alma deve desembaraçar-se de tôdas as cadeias que o pecado, o mundo e tuas próprias paixões forjaram para tua perda.

Êsses laços são tão numerosos e às vêzes tão suaves e imperceptíveis, que julgas ser completamente livre em plena escravidão.

Tão certo é que, sem Cristo Jesus, tudo são trevas e êrro.

3. E' livre aquêle que obedece a Deus, é perfeitamente livre quem lhe obedece em tôdas as coisas. Se alguém obedecesse em tudo, exceto num ponto apenas, recairia sob a obediência de outra criatura, porquanto o homem é essencialmente um ser dependente.

Permite, pois, a Jesus estabelecer em ti seu reino perfeito e indiscutível, e, para isso, sê dócil às suas ordens e à de seus representantes. Sê, portanto, obediente.

4. E' notável que Jesus, possuindo a liberdade sem imperfeição, foi o mais obediente dos homens.

Foi obediente desde o primeiro instante em que foi decretada sua Encarnação no conselho divino: "Eis que venho, está escrito de mim na cabeça do livro, para fazer, ó Deus, a tua vontade" (Hb 10, 7). Êle foi obediente até ao último instante de sua vida terrestre: "Está tudo consumado" (Jo 19, 30), tudo que foi escrito a meu respeito realizou-se.

Êle foi e será obediente até ao último dia de sua vida eucarística.

5. Esta obediência de Jesus nada tem de acidental; é uma coisa desejada, premeditada, resolvida nos conselhos divinos.

Não é uma coisa exterior, acessória, é o próprio alimento de Jesus; ela penetra nêle e assimila-se à sua substância: "Meu alimento é fazer a vontade daquele que me enviou" (Jo 4, 34).

Não é um fato passageiro; acompanha Jesus em tôdas as suas ações, dirige-o em todos os seus passos. Êle não age senão sob sua inspiração, sob o sôpro daquele que o enviou: "Êle foi conduzido ao deserto pelo espírito" (Lc 4, 1).

6. Êle obedeceu a seu divino Pai, para lhe ser agradável, obedeceu à sua mãe e ao seu pai adotivo, aos seus inimigos, aos seus juizes e aos seus algozes. E é bom notar que nêles êle vê e respeita a autoridade do Pai.¹

Jesus obedece em tudo: nas coisas mínimas da vida cotidiana, na escolha do momento da sua pregação, e de seus milagres, na extensão que dá à sua missão, na duração de seu santo ministério.

Obedece nas coisas agradáveis como nas penosas, na aceitação das homenagens que lhe são prestadas, na veneração e amor que lhe testemunham, como nas injúrias com as quais o oprimem, nos tormentos a que se sujeita, na morte que lhe infligem.

7. Ora, êsse Jesus quer continuar em ti sua vida de perfeita obediência. És como um prolongamento dêle mesmo. Permite-lhe continuar em ti sua existência terrestre e de libertar, com uma obediência perfeita, a tua alma da escravidão do inferno.

8. Que tua obediência seja perfeita em seu objeto. Sujeita-te a tôdas as ordens, a todos os conselhos, a tôdas as preferências dos teus superiores legítimos, quaisquer que sejam a sua idade, caráter, ciência, prudência ou procedência.

¹) Non haberes potestatem adversum me ullam, nisi tibi datum esset desuper (Jo 19, 11).

Accepta com amor a vontade divina expressa ou insinuada nos acontecimentos independentes de tua vontade ou na de outrem, no caráter, no temperamento, nos defeitos ou qualidades de todos aquêles que te rodeiam e estão em contacto contigo.

9. Que tua obediência seja perfeita em sua causa. Não examines nem a qualidade, nem a intenção da pessoa autorizada, nem a conformidade da ordem recebida com teu gôsto, tuas inclinações pessoais, nem as vantagens ou desvantagens que a obediência poderia acarretar para o teu amor-próprio.

Em tôdas as coisas, não vejas senão Deus, causa primeira que transmite seus desejos sempre bons em si mesmos, sempre conformes à sua glória e favoráveis à tua perfeição, através das causas segundas, amigas ou inimigas, conscientes ou inconscientes.

10. Que tua obediência seja perfeita na sua execução.

Entra imediatamente na intenção da pessoa autorizada, no seu espírito que julga essa ação boa e oportuna, na sua vontade que como tal a impõe e sugere a ti.

Associa à tua obediência teu coração, para aceitar de bom grado a ordem recebida, e teu semblante, para refletir exteriormente o prazer de obedecer, e teus músculos, para executarem incontinenti a ação imposta.

11. Une-te a Jesus obediente, a fim de que êle possa ainda, através de ti, praticar a obediência no seu corpo místico, como êle a pratica na sua vida eucarística, como a praticou na sua vida mortal.

Une a teu ato de obediência não somente teu ato, mas a disposição interior donde êle procede, pela qual estás pronta a aceitar e executar tôdas as ordens e conselhos que convenham a teu Mestre dar-te.

12. Tu bem vês: obedecer assim por amor a Jesus Cristo é ser inteiramente dêle, é ser possuído por êle e nisto consiste a perfeição.

Com efeito, é bastante praticar com perfeição uma única virtude para que, imediatamente, tôdas as outras se dirijam a ti.

O' Jesus, eu quero permitir-vos continuar em mim vossa vida de obediência. Prefiro vosso jugo ao de satã. Vosso jugo é suave e vosso fardo, leve.

Dai-me um caráter constantemente doce e humilde, sempre brando e dócil e sempre pronto a auxiliar, a inclinar-se às exigências e aos desejos dos outros.

DIA II

MEDITAÇÃO IV

O AMOR PURIFICA O ESPÍRITO

In captivitate redigentes omnem intellectum in obsequium Christi (2 Cor 10, 5).

Reduzindo à sujeição todo o entendimento na obediência a Cristo.

1. Visto que admitiste Jesus em tua alma a fim de que êle viva em ti, importa ceder-lhe tôdas as tuas faculdades.

Tudo deve estar a seu serviço para a grande obra que êle quer fazer em ti. Dá-lhe também tua inteligência, sem mesmo reservar para ti um único pensamento.

2. A inteligência foi dada ao homem para conhecer o soberano bem, e discernir os melhores meios de atingi-lo.

Seu fim é, pois, servir à vontade na sua tendência para Deus. Ela tem o nobre dever de apresentar à tua vontade as infinitas perfeições e amabilidades de um Deus, e as inúmeras razões de se apegar a êle.

Como vês, é grande a parte que cabe à inteligência, no trabalho da tua santificação. Tua vontade não pode produzir um ato sem seu auxílio, e a escolha que ela faz tem necessariamente de sofrer a influência da inteligência.

Motivo suficiente, pois, para ti, de vigiar de bem perto esta faculdade e não a subtrair ao reino de Jesus.



N.S. DA GLORIA DO OUTEIRO
RIO DE JANEIRO



DEPOSE

MADE IN U.S.A.

Ângela Maria
recebeu o escapu-
lário de N. Sra.
do Carmo no dia
12/8/1951, pelas mãos
do Frei José Cas-
nova.

3. O papel desta faculdade parecer-te-á ainda mais importante se considerares de perto o poder de uma idéia.

Todo ato da inteligência: o pensamento, o julgamento, o raciocínio e, ainda mais, uma série de pensamentos, um encadeamento de idéias contém em si uma energia, uma força de expansão. A idéia tende para o ato.

Graças a esta força, a idéia boa ou má que se apoderou da inteligência investe, no mesmo instante, contra a vontade, constrange-a a aceitar aquilo que ela lhe apresentou.

E se essa idéia amadurece em longas meditações, concretizada numa paixão, abre, como que impelida por uma força, uma brecha através da vontade e de outras faculdades até conseguir exprimir-se ou realizar-se num feito, numa ação ou empreza.

E' semelhante a um bloco de rocha destacado do alto da montanha, rolando, êle tudo esmaga e rompe na sua passagem.

E' como um vapor acumulado numa caldeira; se bem regulado, é capaz de transportar grandes pesos.

4. Oh! como nos importa possuir e governar a inteligência!

Cabe à vontade livre armazenar esta força, multiplicá-la pela reflexão, utilizá-la aplicando-a ao bem, mas também pertence-lhe desperdiçá-la, malbaratá-la.

Com efeito, tôda idéia que se não oferece ao fim, isto é, a Deus, concitando a amá-lo, ou auxiliando a cumprir um dever, é uma energia perdida. E' preciso suprimi-la.

5. Guerra, pois, declarada aos pensamentos vãos, voluntariamente alimentados. Classificam-se nessa categoria os devaneios, planos de futuro, recordações do passado, projetos quiméricos, inquietações vãs, dúvidas.

Entre os pensamentos inúteis, os mais funestos são os que induzem ao pecado, entretêm a voluptuosidade do coração, levam ao desânimo.

Os divertimentos, representações, leituras, que encarnam essas idéias, intensificando-as, e as revestem de encantos sensíveis, são outros tantos inimigos irredutíveis da perfeição.

Minha pobre alma, se queres ser santa, debes viver só com Deus. Abandona tôdas as idéias, tôdas as conversações que te apartam dêle e não são obrigadas nem pela necessidade, nem pela caridade, nem pelas conveniências. Ocupa-te sòmente dêle no segrêdo de teu coração.

Os pensamentos inúteis, os sonhos vão enchem a cabeça como um enxame de abelhas a povoar a colmeia; elas se entretêm em contínuo zumbido. Como poderias dedicar-te tranqüilamente a Deus? Fecha as portas de tua inteligência, e não admitas outros pensamentos senão aquêles que podem ajudar-te a amar a Deus.

6. Não sòmente os pensamentos inúteis absorvem uma boa parte do vigor da alma, mas são ainda energias dispersas, uma fôrça discordante, um elemento de perturbação.

Representa-te tua alma como uma máquina maravilhosa, onde tôdas as faculdades, como outras tantas rodinhas especiais, têm seu movimento particular e concorrem para o mesmo fim.

Se introduzes uma nova idéia, suscitadas na engrenagem de tua inteligência um movimento em sentido inverso.

E se essa idéia se renova algumas vêzes, é capaz de parar todo o mecanismo. Adeus, então, ao trabalho da perfeição.

7. Compreendes, agora, tuas hesitações na vida espiritual, tuas inconstâncias, tuas extravagâncias, teus sobressaltos?

Não vigiaste tua inteligência. Abriste voluntariamente as portas aos pensamentos inúteis, deprimentes, pessimistas, cuidaste de ti mesmo, de tuas fraquezas, de tuas quedas, em vez de expulsar rapidamente tôdas essas idéias.

8. A vontade tem grande poder sôbre a inteligência.

Ela pode a seu bel-prazer desviar o curso dos pensamentos, interromper um encadeamento de idéias e substituí-lo por outro.

Tôda vez que surpreenderes teu espírito prêso a coisas inúteis, conduze-o suavemente a Deus, fazendo um ardente ato de amor e de arrependimento: Jesus, eu vos amo, perdoai-me e auxiliai-me! Em seguida, aplicarás teu espírito, seja na oração, no estudo, numa leitura útil, seja no cumprimento de um dever impôsto.

Faze êsse trabalho tranqüilamente e sem impaciência, pois terás de recomeçá-lo todos os dias.

Obriga-te a combater os pensamentos inúteis, não diretamente, mas negligenciando-os e ocupando teu espírito em outras coisas.

Assim reconquistarás, em pouco tempo, tôda a energia da inteligência e poderás cedê-la a teu Mestre para que êle complete em ti o trabalho de tua santificação.

DIA III

MEDITAÇÃO I

O AMOR SIMPLIFICA A INTELIGÊNCIA

Scit enim Pater vester quia his omnibus indigetis (Mt 6, 32).
Vosso Pai sabe, com efeito, que tendes necessidade de tudo isso!

1. O pensamento inútil é o joio que absorve a seiva vital de nossa alma, é um parasita que vive à custa da inteligência.

Ai de nós! nosso espírito tem mais doenças ainda. Há a preocupação vã, a mania de tudo julgar, e outra, mais desastrosa ainda, a preocupação com a vida alheia.

Não percas a coragem vendo o campo de tua alma coberto de abrolhos, mormente ao verificares que êste joio renasce sempre; cuida, porém, de pôr a nu suas raízes, a fim de extirpá-las de tua alma.

2. A preocupação vã tem sua origem no amor-próprio. Ela procede de um desejo imoderado de sucesso, do receio de uma humilhação, do apêgo a uma ocupação preferida, de uma apreensão a respeito do futuro e do passado.

Não se chama preocupação êsse cuidado razoável com que todo homem deve prever o futuro, mesmo sob ponto de vista material; mas a inquietação deve ser suprimida. Há um tempo determinado para êsse gênero de cuidado.

Assim compreendida, a providência entre nas obrigações de estado.

3. Se és sujeito a preocupações, esforça-te por não admiti-las voluntariamente.

Repara bem que a preocupação é uma injúria permanente ao poder, sabedoria e bondade dêsse Jesus que quer viver e reinar em ti; que é uma ridícula confiança em tua própria providência, em teu próprio engenho.

Julgas tudo arranjar e melhor que o próprio Deus. Parece dizer que êsse Jesus que morreu por ti, e que te alimenta com sua carne e seu sangue, não tem bastante coração para cuidar de ti e para dar-te o pão material.

Tôda vez que um receio se apodera de ti a respeito de quaisquer males eventuais, perdes a lembrança de tôdas as bondades de Deus, já passadas, tornas-te pior que os judeus no deserto, queixas-te e murmuras!

Lança-te nos braços de Jesus e ama-o: dar-lhe-ás um prazer, e êle terá cuidado de ti!

4. Quando as preocupações te assaltam, a teu pesar, repete calmamente um ato de amor e confiança, despreza teus pensamentos e temores e, se empregares o tempo de tua meditação, dizendo: "Jesus, não quero inquietar-me, sou todo vosso!", tua oração será excelente, mesmo ficando teu espírito importunado por êsses fantasmas.

Nesses momentos penosos, lembrar-te-ás das palavras de Nosso Senhor: "Não vos inquieteis e não digas: Que comeremos, que beberemos, de que nos vestiremos? Vosso Pai celeste sabe que precisais dessas coisas. Buscai, pois, primeiro o reino de Deus e sua justiça e o resto vos será dado por acréscimo. Não vos inquieteis com o dia de amanhã, pois o dia de amanhã de si cuidará" (Mt 6, passim).

Se êle disse estas palavras, sem intenção, e se elas não se aplicam a ti, a quem, então? Toma-as ao pé da letra, afasta tôda preocupação, cumpre simplesmente o teu

dever, se forem necessários milagres para tirar-te de apuros, Jesus os fará.

Faze tuas as palavras de São José Benedito Cottolengo quando privado de pão para seus órfãos: "Veremos qual de nós dois perderá a partida, a Providência ou Cottolengo. Até hoje triunfou sempre a Providência".

Que repouso para tua alma! como teu espírito seria livre, se conseguisses eliminar toda preocupação e lançar-te apaixonadamente em Deus, sem calcular, sem hesitar.

Faze o teu dever, Jesus fará o seu.

5. Em seguida, há também os juízos temerários.

Os juízos sobre o próximo não são somente um desperdício enorme de forças da inteligência; são, as mais das vezes, uma falta de caridade e não raro de justiça.

Não conhecemos a razão íntima do próximo. Nós julgamos segundo nossas impressões, nossas simpatias, nossas idéias curtas e intolerantes, esmiuçamos o proceder de outros, sobretudo se não nos são simpáticos, atribuímos-lhes idéias equívocas e uma segunda intenção. Quantas faltas!

Às vezes, a mania de julgar os outros, de julgar mal, degenera em doença. É o espírito de contradição, o espírito de crítica que leva a encarar tudo pelo lado mau e a tudo desaprovar.

6. Não julgues teu próximo, ganharás o Coração de Jesus, que ama as almas humildes e boas e diz: "Não julgueis e não sereis julgados" (Mt 7, 1).

Conquistarás também o coração dos homens, pois eles sabem que perto de ti sua reputação estará a salvo.

Além do que, darás prova de humildade. A indulgência que se manifesta para com os defeitos do próximo prova que se compreendeu a fraqueza humana em si e nos outros.

E, à medida que alguém se aproxima de Deus, tanto mais se torna indulgente para as fraquezas alheias, pois

o espírito de Deus é amplo, tolerante e infinitamente acima de nossas mesquinhas concepções.¹

7. Quando se adquire o hábito de julgar e julgar temerariamente o próximo, segue-se-lhe logo o defeito de se imiscuir em seus negócios.

Nada é mais oposto à perfeita paz interior do que o desejo louco de intrometer-se em tudo que não nos diz respeito.

Em vez de querer tirar o argueiro do ôlho do próximo, procura tirar a trave que te obstrói os olhos.² E' Jesus que assim ridiculariza o defeito de querer se preocupar com os outros.

Aquêles que não têm o encargo não têm também a graça para corrigir os defeitos alheios. Converter e conduzir ao bem é uma obra sobrenatural, e mesmo um superior quantas vêzes está sujeito a errar.

Uma oração, uma vida irrepreensível, um caráter bom e sempre igual, tudo isso é mais eficaz que tôdas as exortações.

Nem sempre conseguimos pôr em ordem nossos próprios negócios. Em vão trabalhamos cem anos para nos corrigirmos de um único defeito: se Jesus são intervêm, jamais daremos um passo adiante... e cobrimo-nos de ridículo quando pretendemos corrigir os outros!

8. Para adiantar-se na vida espiritual, é mister sentir atração muito viva para o isolamento do coração, é preciso fugir do convívio humano desnecessário, fechar os olhos, tapar os ouvidos e não se ocupar com os outros senão enquanto a necessidade, a conveniência e a urbanidade cristã o exigem como um dever.

¹) Sl 102, 14. Ipse enim cognovit figmentum nostrum.

²) Mt 7, 5: Eice primum trabem de oculo tuo, et tunc videbis eicere festucam de oculo fratris tui.

Minha alma, sê corajosa em eliminar de tua vida todo pensamento inútil e tôda ingerência em negócios alheios.

Entretém teu espírito pensando em Deus e em teus deveres. Não foi senão para tal fim que o recebeste.

Não busques leitura senão necessária e útil. Dentre os bons livros escolhe os melhores, pois tôdas as idéias sugeridas pelas tuas leituras terão uma consequência boa ou má na tua vida.

As recreações ou distrações reclamadas por um cuidado razoável da própria saúde, não são contrárias à perfeição. Pelo contrário, repousam o espírito, dão-lhe mais vigor, entrando assim no plano de Deus.

9. Esse trabalho de depuração e simplificação do espírito deve fazer-se sossegadamente, porém com uma santa obstinação.

Quando um pensamento inútil se apresenta, o espírito despreza-o, deixa-o passar, como se deixam passar os transeuntes na rua sem mesmo conceder-lhes um olhar.

Em pouco, a vontade ver-se-á senhora da inteligência, e poderá aplicá-la, a seu bel-prazer, nas coisas de Deus. Virá então o momento da atividade fecunda.

Quanto mais a alma contiver a regram a energia da inteligência, tanto mais poderá empregá-la um dia no seu próprio aperfeiçoamento, e no bem do próximo.

“Jesus, eu quero amar-vos. Eu quero recolher como em feixe tôdas as fôrças de minha inteligência para ocupar-me dos deveres que vós me impondes e do amor que vos devo. Porquanto, ainda que eu vos amasse durante séculos, não seria ainda o meu amor senão uma pequena centelha comparada ao braseiro que deveria consumir meu coração”.

DIA III

MEDITAÇÃO II

O AMOR RETIFICA O JULGAMENTO. — A
HUMILDADE

Existimate vos mortuos peccato, viventes autem Deo in Christo Iesu (Rom 6, 11).

Considerai-vos mortos para o pecado, mas vivos para Deus em Cristo Jesus.

1. A humildade é uma virtude tão agradável, que Jesus derrama, sobre a alma que a ela se inclina, toda a abundância de suas graças. Esforça-te, pois, por excitar em teu coração esse grande desejo de humildade.

Para ser humilde, a alma deve realizar três condições: primeiro, por meio do espírito e do juízo, apreciar-se em seu justo valor. Assim fazendo, terás a humildade de espírito. Nesse sentido dizia Santa Teresa: “A humildade é a verdade”.

Ver-se tal qual se é diante de Deus em toda a extensão de sua vida, com toda a malícia da vontade e todos os germes do mal que oculta a nossa natureza, ver ao mesmo tempo, sem atribuir a si, todo o bem que Deus depositou em nós, todas as graças que nos concedeu, todas as qualidades naturais com as quais nos gratificou, eis o primeiro elemento da humildade.

Depois a tua vontade aceita, ratifica e ama esse juízo.

A alma acha-se bem sentindo-se tão pequena e infinitamente miserável diante de Deus. Regozija-se por se apresentar a essa bondade infinita a ocasião de preencher tal abismo. E' a humildade da vontade.

Enfim a alma deseja considerar-se e ser considerada pelos outros conforme o conhecimento que tem de si mesma.

Como ela nada é, e nada tem de si mesma, não se crê digna de alguma estima, não exige dos outros nenhuma atenção, nem deferências especiais. Ela se crê sempre tratada com atenções que não merece.

Por consequência, toma a seu encargo tudo que é difícil e penoso. Não sendo nada e nada possuindo de si mesma, não é possível que uma criatura lhe seja inferior em merecimentos.

2. Se queres agradar a Jesus, apoderar-te de seu coração, obrigá-lo a fazer prodígios em ti, sê como uma criança, sem pretensão, sem apoio algum em ti mesma.

“Quando uma alma é chamada à conversação íntima com Deus, ela deve revestir-se de humildade, como Deus é revestido de glória”.

São palavras de Jesus a uma religiosa, irmã Benigna Consolata, da Visitação, a quem êle chamava sua Benjamim, a pequena secretária de seu amor.

Sem a humildade, Jesus não pode trabalhar em nossa alma. Êle consente apenas em visitá-la.

Como poderia êle apoderar-se da inteligência e fazê-la servir, quando essa inteligência é imbuída da idéia exagerada de sua importância própria?

Como poderia êle reinar na vontade e se fazer centro de tôdas as aspirações dessa faculdade, quando ela mesma se constitui um centro de tôda a vida?

3. Oh! não! Jesus não vive com o orgulho. Êle não deseja viver senão com os humildes.

“Eu vos dou graças, disse êle a seu Pai, que essas coisas escondestes aos sábios e entendidos, e as revelaste aos pequenos” (Mt 11, 25).

“Se alguém é pequeno, venha a mim” (Prov 9, 4). “Na verdade vos digo que se não vos converterdes e não vos fizerdes como meninos, não entrareis no reino dos céus” (Mt 18, 3). “Sêde meus discípulos, pois sou manso e humilde de coração” (Mt 11, 29).

A companhia do orgulhoso não é agradável a nenhum homem.

A presença do soberbo causa mal-estar. Não se poderia manter com êle essa cordialidade, que faz o encanto da sociedade.

Ora, o coração de Jesus é feito como o nosso.

4. A condição do orgulhoso tem qualquer coisa de terrível. Deus e tôdas as criaturas lutam contra êle; a ordem universal, que êle perturba, protesta contra a sua pretensão insensata, e na sua insolência êle enfrenta esta opposição.

O orgulho tem traços de semelhança com satanás. Imprime sôbre a fronte do soberbo o sinal do bruto: “Quando vejo uma alma pretenciosa, que se julga mais sábia, mais entendida, mais ajuizada, mais virtuosa que as outras, estremeço, pois parece-me estar diante de um demônio encarnado”, são as palavras do humilde Santo Afonso de Ligório.

5. O que é mais interessante e terrível é que o soberbo não se julga orgulhoso.

E’ raro encontrar uma alma que avalie o seu justo valor; mais raro ainda encontrar uma que regule seus sentimentos e sua vida conforme essa apreciação.

E’ necessária uma intensa luz interior para uma pessoa se ver tal qual é na realidade: só os santos não se iludem sôbre o seu valor.

Quem não se aflige com uma falta de afeição, com um mau êxito, com uma humilhação? Quem não gosta de ser louvado, aprovado, apreciado, procurado? Quem não teme a censura, o esquecimento ou a ironia?

A alma humana, mesmo a mais sincera sente uma oposição inveterada contra a humildade, uma contradição permanente entre a boa opinião que faz de si mesma e o juízo que a eterna Verdade faz sobre ela.

Se os homens que julgamos os melhores se examinarem, êles mesmos hão de reconhecer que, em quase todos os seus atos livres, há sempre uma busca desordenada do próprio eu. Êles se constituem, até certos limites, o centro de suas aspirações, de seus pensamentos e de tôda a sua vida.

Que homem ponderado não se sentiria assustado, considerando uma desordem tão fundamental e tão permanente, produzida pelo orgulho?

6. Os próprios santos, à vista de suas misérias, sentiam grandes apreensões. São Vicente de Paulo admirava-se de Deus não destruir as cidades por onde êle passava. S. Afonso acreditava-se a causa das perseguições que atormentavam sua congregação. São Luís Bertrãnd julgava-se o pecador mais abominável que a terra tenha produzido.

E nós dizemos como para desculpá-los: Eram santos! Os santos exageram? São dignos de piedade? ou antes seremos nós cegos?

7. Se não tivéssemos os olhos vendados pelo orgulho, veríamos que todo homem é infinitamente miserável e pecador.

Compreenderíamos praticamente que tôda criatura depende de Deus sob todos os pontos de vista, quanto à sua essência, existência, duração e tôdas as condições de seu desenvolvimento. Lembrar-nos-íamos de nossos inumeráveis pecados, duplicados pelas ingratidões atuais sempre renovadas.

Perceberíamos nossas torpezas atuais: êsses apegos, essas fraquezas, essa inconstância, êsses perpétuos retornos a nós mesmos envolvidos na perturbação e despeito.

“O’ Jesus! como somos perversos sem querer suspeitarmos! Tende piedade de mim, bom Mestre, tenho mêdo do vício do orgulho.

Quero ser do número dos pequenos e humildes de coração, farei meu coração semelhante ao vosso”.

Aliás, o bom Mestre bem sabe de que barro somos formados e de que loucas pretensões é feita a nossa natureza. Êle contenta-se e nos ama quando nos vê confundidos diante de nossa miséria, sempre confiantes na sua bondade e sempre resolvidos a reconquistar a humildade.

8. Mas, até lá, é preciso, em primeiro lugar, crer, sem provas, que se é orgulhoso, que o orgulho infestou as idéias, os desejos e os menores atos, criou raízes até nas menores fibras, nos hábitos mais remotos do ser humano. Aquêle que julga ser isso exagerado não mais se corrigirá.

E’ preciso desaprovar constantemente diante de Deus as mil pretensões injustificadas que se levam, ciente-mente ou não, no íntimo do coração, pedir-lhe perdão de ser tão vil a seus olhos, agradecer-lhe por não nos ter abandonado no abismo do orgulho.

E’ preciso pedir sempre luzes para nos reconhecer tal qual somos, fôrça para amar essa abjeção e a coragem de nos deixarmos tratar segundo nossos méritos.

Luis Veuillot, ao ver um verme rastejando a seus pés, dizia: “Graças, meu Deus, de não me teres esmagado debaixo dos pés: êsse vermezinho sou eu!”

Quanto mais a alma se conhece, tanto mais se despreza e se humilha, e, quanto mais se humilha, tanto mais Deus a eleva a si.

9. O humilde não se aproxima de Deus sem o sentimento de sua completa indigência; êle receia, como a mordida da víbora, qualquer idéia de estima a si próprio.

O humilde não se apega a suas idéias, cede de bom grado ao sentimento alheio; é condescendente e indulgente, evita modos ásperos e imperiosos.

O humilde de coração tem o semblante sempre calmo e sério, é acessível mormente aos pequenos.

O homem humilde não se envolve em negócios alheios, não julga, não contradiz sem necessidade. Sempre pronto a prestar serviços, sobretudo à sua custa, ambiciona servir e ocupar o último lugar.

10. Oh! como a alma humilde avança rapidamente na virtude. Ela segue o caminho da infância espiritual. As graças de predileção correm, em abundância, sobre ela, do Coração de Jesus, como as torrentes das montanhas se precipitam nos vales profundos.

Não há loucura de amor que Jesus não se disponha a fazer por uma alma que não busca apoio algum em si mesma.

11. O' Jesus! eu quero viver na humildade. Nada sou, nada tenho, nada posso: pertence-me apenas o pecado.

Sou o pobre leproso, coberto de úlceras do orgulho. Vós podeis curar-me.

Mas, pobre como sou, sinto em mim o desejo imenso de elevar-me até vós. Não obstante minha miséria, sinto uma confiança sem limites.

Quero ser a criatura que amais, que tomais em vossos braços e deixais repousar sobre vosso divino Coração.

Quero ser a pomba humilde e mansa que pousa sob as vossas asas possantes.

O' águia divina, arrebatá-me bem alto nas regiões do amor!

DIA III

MEDITAÇÃO III

O AMOR ESTIMULA A REFLEXÃO

Si consurrexistis cum Christo, quae sursum sunt quaerite, ubi Christum est in dextera Dei sedens (Col 3, 1).
Se ressuscitastes com Cristo, buscai as coisas que são lá do alto, onde Cristo está sentado à destra de Deus.

1. Aqui na terra, o homem vive habitualmente mergulhado numa atmosfera de erros.

Os acontecimentos políticos, as preocupações materiais, a tirania dos princípios em voga, hábitos do mundo, as exigências da sociedade, o luxo e a moda e cem outros agentes monopolizam insensivelmente a atenção, a tal ponto que o homem mal suspeita que, além do mundo atual, existe um outro, o da eternidade.

E o que se dá entre os mundanos, guardadas as devidas proporções, dá-se também entre as almas piedosas.

O respeito humano, o apêgo a uma pessoa, a um objeto ou a um emprêgo, o acúmulo de ocupações, os pequenos ciúmes, os atritos de caráter, as pequenas pretensões, tudo isso e ainda outras coisas mais, distraem as melhores almas da única coisa necessária.

Enquanto que o espírito é assim dissipado e monopolizado por fora, Jesus não pode ocupá-lo interiormente.

2. E mister se faz reagir contra *o* que o Espírito Santo chama "a fascinação das ninharias".

Para penetrar nas aparências e encontrar a verdade, é mister refletir freqüente e profundamente sôbre a seriedade da vida e sôbre aquilo que deve vir depois.

3. Primeiro, o que é a vida de um homem? Comparada à eternidade de Deus, não é senão um instante, digamos mesmo, uma infinidade de segundos. O homem aparece por pouco tempo sôbre a terra, aí passa alguns dias; como um viajante, descansa um momento ao longo da estrada para continuar em seguida rumo à eternidade.

Neste vasto universo, é muito restrito o lugar de um homem, o papel que êle desempenha é bem insignificante; conhecem-no poucos homens, e ainda menos se interessam por êle!

O espaço que toma para sua morada e o que êle chama seus bens não é nada considerável e na sua morte ainda menor se fará.

4. A terra mesmo, sôbre a qual o homem tem apenas uma parte tão restrita, não é senão um átomo, comparada à imensidade dos céus: "as gerações que a povoam são, diz o Espírito Santo, como a gôta d'água que brilha sôbre um vaso".

Todos os homens que solicitam tão violentamente o ganho, o gôzo, todos os povos que se dilaceram mütuamente para assegurar-se o predomínio do mundo, são menos que um punhado de formigas que disputam por uma palhinha de nada.

Enquanto êles perseguem o objeto de seus sonhos, avançam, inconscientes, para o túmulo que deve tragar tôdas as suas esperanças frustradas.

Assim viveram, assim vivem e viverão tôdas as gerações que se têm sucedido e que se sucederão sôbre a terra.

Apenas algumas almas de escol elevaram-se, pelo pensamento e pelo coração, acima dessas aparências falsas e demandaram os bens eternos. E ainda assim foram alvo das ironias e perseguições de seus companheiros de viagem. *Deridetur enim iusti simplicitas* (Job 12, 4).

Oh! como é justo repetir-se, segundo o Espírito Santo, que o número dos insensatos é infinito (Ecli 1, 15).

5. A morte acaba com tôdas as coisas: grandezas, riquezas, prazeres, tudo desaparece! Alma cristã, coloca-te em face da morte, como se, daqui a instantes, chegasse a tua vez.

A morte é a passagem do tempo à eternidade, do conhecido ao desconhecido, da aparência à realidade, do transitório ao imutável.

Essa passagem, debes transpô-la só, sem assistência ou apoio de criatura alguma. Ninguém te acompanhará além túmulo. Sòmente as tuas ações boas ou más apegar-se-ão a ti.

Teus parentes e amigos derramarão algumas lágrimas, dirão algumas orações sôbre o teu esquife, pensando mais na sua própria infelicidade do que na sorte eterna que te está reservada.

Após algum tempo, moderar-se-á a sua dor, as recordações se irão suavizando, as ocupações os distrairão e a lembrança do caro morto apagar-se-á.

6. Ah! como, diante da morte, tudo é vaidade, exceto Jesus; tudo, mesmo a mais sólida amizade, mesmo o juramento de eterna fidelidade!

E se, por acaso, houvesse um coração capaz de guardar intacta e viva a tua lembrança, de que utilidade seria para ti essa fidelidade? Só Jesus pode realmente ajudar-te depois da morte, só êle é fiel até o fim. Tôdas as outras amizades são caducas ou impotentes.

7. O julgamento sobrevém imediatamente à morte. O juiz apresenta-se à alma, e esta vê numa intensa claridade, num quadro luminoso, tôda a sua vida com seu belo aspecto e suas sombras, suas virtudes, seus vícios, tudo com infinidade de pormenores.

Ela mesma pronuncia seu julgamento e vê que o julgamento é justo.

Oh! a primeira entrevista com Jesus! O primeiro encontro com o olhar de Deus. Esse primeiro olhar será um olhar de benevolência ou de censura, um sorriso de amigo, de irmão, ou relampejar de maldição?

O' Jesus! ousou apenas pensar. Que não farei para que nesse momento vosso olhar, vosso primeiro olhar para mim seja cheio de benevolência!

8. Oh! se meditasses mais na necessidade de prestar contas de tudo!

Se se meditasse que desse primeiro momento depende a eternidade! S. Arsênio, morrendo no deserto com a idade de 120 anos, tremia pensando no juízo. São Bernardo dizia: "Eu receio o inferno, receio o semblante irritado do juiz".

Que é, pois, o mundo e sua aprovação e seu sorriso diante da apavorante seriedade do julgamento?

Que importam então os louvores ou os desprezos, as honras ou as perseguições dêsses seres de nada, aos quais se dá o nome de homens?

9. Para os pecadores, a sentença será imediatamente seguida do inferno.

O inferno é a privação do supremo Bem; por conseguinte, é a privação de todo o bem, de tudo aquilo que a alma tem fome e sede insaciáveis; logo é também a acumulação de todos os males imagináveis do corpo e da alma.

O inferno é o ódio eterno sem saciedade, é a obstinação no mal, apesar do remorso mais cruel, é a inveja, a raiva; é o desespêro.

O inferno é a pena do fogo sem alívio, a tortura peculiar de cada sentido, de cada músculo, de cada nervo, de cada articulação, de cada fibra, tortura intensificada e multiplicada conforme o número e gravidade do pecado.

O inferno é a sociedade de tudo o que a terra produziu de mais criminoso, de mais ingrato, de mais cruel, de mais vil, de mais abominável. É a companhia horrível do demônio, dos réprobos com suas vociferações, seus gritos de raiva e suas blasfêmias.

O inferno é a imobilidade eterna. Imobilidade no espaço: como o réprobo se precipitou no inferno, assim ficará para sempre. Imobilidade no tempo: o primeiro momento no inferno não passará jamais. Imobilidade no ódio e no desespêro!

E a maior parte dos homens caminha para êsse abismo e êles riem-se, divertem-se e blasfemam. Alguns passos mais... ei-los que tombam na voragem.

Estarei bem seguro de que não pertenço ao número dêsses infelizes

O' Jesus e Maria, eu me entrego todo a vós! Não me abandonéis!

10. Para os justos, o julgamento será seguido do céu.

O céu é a posse eterna do Bem supremo; é a saciedade da alma numa felicidade infinita, substancial, transbordante; é o cúmulo de tudo quanto pode fazer o homem feliz.

O céu são as delícias inefáveis dos sentidos; é a recompensa particular de cada sacrifício, de cada ato de virtude.

O céu é a satisfação de todos os desejos da alma, a capacidade de gozar, dilatada sem cessar e sempre farta.

O céu são as delícias do espírito; é a visão dos mistérios de ordem sobrenatural; é o conhecimento de tôdas

as verdades de ordem natural com suas causas e dependências mútuas; é a visão dos caminhos admiráveis da Providência no governo do mundo, na direção de cada alma.

O céu são as delícias do coração mergulhado num oceano de amor, no amor da santíssima Trindade.

O céu é a vida de família, é a companhia dos anjos e dos santos, de tudo o que há de mais puro, de mais inocente, de mais amante, de mais amável, de mais santo; a presença dos parentes e amigos daqui da terra, a presença e a inexprimível ternura da santíssima Virgem, nossa Mãe, a presença de Jesus, nosso amigo, nosso irmão, o espôso de nossa alma.

Oh! na verdade, o olho não viu nem o ouvido jamais ouviu, nem jamais veio à mente do homem, o que Deus preparou para aqueles que o amam (1 Cor 2, 9).

E essa felicidade será a minha dentro de poucos dias.

Que o mundo com suas ilusões e suas vaidades desapareça aos meus olhos. Eu pertenço a Deus para sempre!

11. Esta meditação é preciso fazê-la com tranqüilidade e lentamente; é preciso entrar o espírito e a imaginação nas minúcias dessas grandes verdades; é preciso deixar penetrar até ao fundo da alma essas impressões salutares, e opô-las constantemente às frivolidades, às bagatelas e aos erros que a envolvem como que numa atmosfera densa e enervante.

Aplica-te àquela verdade que mais te impressiona, porém com a condição de não produzir em ti perturbação ou desconfiança.

Meditando-a, não deixes, nem com o olhar nem com a mão, Jesus, que vive em ti e que te ama.

Para alguém se tornar santo, é suficiente uma palavra bem meditada. Os desertos do oriente eram, outrora,

procurados pelos anacoretas apavorados por estas palavras: eternidade: sempre, nunca!

São Luís Gonzaga repetia: *Quid hoc ad aeternitatem?* e Santo Estanislau Kostka: *Ad maiora natus sum*, eu sou feito para mais alto destino.

Quanto a ti, repete sempre com S. Afonso êste estribilho de amor: "Jesus e Maria, eu vos amo, quero amar-vos infinitamente; abandono-me à vossa bondade; fazei em mim a vossa vontade".

DIA III

MEDITAÇÃO IV

O AMOR DIRIGE A IMAGINAÇÃO

Melior est patiens viro forti et qui
dominatur animo suo, expugnatore ur-
bium (Prov 16, 32).

Mais vale o homem paciente do que
o forte; mais vale o que domina sua
alma do que aquele que se apodera de
praças fortes.

1. Devemos santificar-nos como criaturas humanas e não como se fôssemos anjos.

Deus nos deu inteligência e uma vontade livre, mas deu-nos também um ser sensível, uma imaginação, paixões e sentidos.

Ele é glorificado, sem dúvida, pela caridade perfeita com a qual o amam os puros espíritos, mas nem por isso se compraz menos com o amor livre, que lhe oferece um ser plasmado na carne e no sangue.

Esta criatura tão miserável, sujeita a tantas fraquezas, em luta com tantas dificuldades, elevar-se-á a poder de graças até à caridade incriada; ela participará da mesma vida da augusta Trindade e ainda mesmo neste mundo.

2. Oh! não, Deus não exige que destruamos o nosso ser sensível, nossas afeições naturais; não nos proíbe viver segundo nossa natureza, pois que ele mesmo no-la

deu; não nos impede gozar das belezas que em profusão espalhou em tórno de nós; êle quer apenas que obedecemos à ordem estabelecida por êle.

Deu-nos êle mesmo êste preceito: Amarás ao Senhor teu Deus, de todo o teu coração, de tôda a tua alma, de tôdas as tuas fôrças.

Devemos, pois, amar como o próprio Jesus amou, com os nossos sentidos e nossas paixões e nossa imaginação.

3. Quando, introduzido Jesus em nossa alma, lhe tivermos permitido dirigir-nos à sua vontade, êle nos fará conhecer, sem demora, como nenhuma faculdade, nenhum dom de nossa natureza humana constituirá um obstáculo ao seu amor e, muito pelo contrário, tudo deve concorrer para formar em nós a sua semelhança.

Portanto, se êle nos deu um coração sensível, é bem justo que exija para si tôdas as palpitações dêsse coração: se nos deu uma imaginação viva, não quer que nos queixemos das dificuldades que êle nos suscita: êle deseja apenas que a dirijamos sob seu contrôle.

4. A função da imaginação no trabalho da perfeição é de revestir de imagens as verdades abstratas da fé, e torná-las sensíveis e, de qualquer modo, palpáveis à razão, de representá-las de uma maneira atraente.

E' a ela que encarregarás de apresentar-te com energia as verdades eternas, atemorizar com o quadro dos castigos do inferno e exaltar a tua confiança com as esperanças dos bens infinitos.

E' ela que fará reviver, diante de teus olhos, o adorável Salvador Jesus Cristo, que retraçará com particularidades sua existência divina, desde o presépio até a cruz; é ela que te fará penetrar em seu divino Coração para nêle surpreender as palpitações de amor, para descrever sua bondade, mansidão, humildade e sua infinita descendência.

Vês, o concurso da imaginação é precioso. Esforça-te por não o comprometer pelo excesso, no qual ela havia de precipitar-te, se não estivesse prevenido.

5. A imaginação louca procura, com efeito, exercer-se em todos os domínios.

Na interpretação de simples imprevistos da vida cotidiana e, mais ainda, nos fatos da política e da história, ela arrisca-se a tudo adular, e tudo exagerar. Os juízos que ela inspira carecem de ponderação, de equidade, de tolerância.

Em consequência desta exageração habitual num ou noutro sentido, torna aquêle que se submete ao seu império incapaz de tratar só de um negócio qualquer, e muito menos da santificação.

6. A imaginação exagera também a apreciação que cada um faz de si mesmo e de seus méritos.

E' pasmoso como, com exceção dos santos, todo mundo se julga mais favoravelmente do que é julgado pelos outros.

7. Esta faculdade se exerce muito à custa do bom-senso nas injustiças de que se julga vítima.

Ela apodera-se de uma palavra, de um procedimento, de um gesto, de um sorriso, para convencer-se de zombaria, injúria e desprezo. De um grão de areia faz uma montanha: tudo interpreta mal, comenta, agrava, e tudo exagera.

O homem prudente não se presta a êsses desvios da imaginação. Êle a detém no primeiro passo em falso.

Uma reflexão do bom-senso, a lembrança dos erros nos quais a imaginação por vêzes o tem lançado, bastam para evitar essa primeira dedução.

Nunca se deve agir sob o impulso de uma impressão forte.

E' mister deixar que se acalmem os nervos superexcitados.

Depois, então, é o bom-senso que resolverá o que se deve fazer.

8. E' sobretudo o progresso espiritual que sofre as conseqüências de uma imaginação exaltada.

A alma entregue ao seu influxo quer fazê-la intervir em todos os seus negócios espirituais, quando justamente seria necessário afastá-la.

Sua oração parece mal feita quando a imaginação não tomou sua parte! O fervor não lhe parece real se ela não sentir o prazer sensível. O trabalho de sua perfeição não avança quando se sente árida ou mergulhada em trevas.

Correndo o risco de dificuldades inerentes ao combate espiritual, à vista de vicissitudes interiores, que são a partilha de todo mundo, a alma, escrava da imaginação, perde a coragem, despeita-se, lamenta-se, e muitas vèzes abandona o trabalho começado.

9. Acontece mesmo, por vèzes, almas boas darem tanta importância à sua imaginação que esta se torna a diretora de sua vida espiritual.

Essas pessoas tomam por avisos do céu as palavras que crêem perceber na sua imaginação exaltada.

As impressões que sentem nas suas faculdades sensíveis são advertências do céu. Seus próprios sonhos tomam sentidos misteriosos. Comentados por sua imaginação mórbida, êles são outros tantos avisos do Espírito Santo, discretas revelações do futuro.

Se o seu diretor lhes condena o caminho, elas gemem, pretendendo não ser compreendidas, e haver tão poucos homens verdadeiramente esclarecidos.

10. Se semelhantes desvios de imaginação são uma exceção, contudo é bem verdade que tôdas as almas devem

vigiá-la de perto é dispor-se constantemente a libertá-la de sua tirania.

Esse trabalho, alma cristã, fá-lo-ás tranqüilamente, por um ato de vontade. Não é preciso seguir esta faculdade no labirinto de suas construções. E' preciso negligenciá-la, desaprovar simplesmente suas sugestões, opor às suas asserções um ardente ato de amor a Jesus e Maria.

11. Aplica-te a viver da vontade, a criar-te uma alma viril, que se não deixe abalar pelas dificuldades inerentes a tôdas as emprêsas importantes e, por conseguinte, ao trabalho da perfeição.

Na aridez e no abandono interior, quando os sentidos estão em apuros, lembra-te que a perfeição consiste em aderir a Deus por um simples ato de vontade, e seguir, apesar de tudo, a linha do dever.

Quando compreenderes esta verdade fundamental, livrar-te-ás do jugo da imaginação.

O' Jesus! criai em mim uma ordem perfeita, semelhante à que reina em vossa pessoa divina. Submetei tôdas as minhas faculdades à minha vontade, a fim de que esta adira fâcilmente a vós e conduza para vós tôdas as minhas energias.

Eu quero auxiliar vossa ação em mim, e não me deixar dominar pela minha imaginação.

DIA IV

MEDITAÇÃO I

O AMOR MODERA AS PAIXÕES

Pacem meam do vobis (Jo 14, 27).

Eu vos dou a minha paz.

1. O homem é um composto maravilhoso. Nêle sobrepõem-se, apóiam-se, penetram-se três vidas distintas: a vida sensível, a vida racional e a vida divina.

Cada uma dessas vidas se compõe de um conhecimento e de um amor.

Na vida sensível, êste conhecimento elabora-se nos sentidos exteriores e interiores. O bem sensível assim apresentado é amado, desejado por uma faculdade, à qual se dá o nome de apetite sensível.

Aos movimentos dessa faculdade para o seu bem sensível, ou contra o mal oposto, dá-se o nome de “paixões” ou “emoções”. São movimentos de amor ou ódio, desejo ou aversão, alegria ou tristeza, esperança ou desespêro, audácia, temor ou ira.

2. Essas emoções não são, por si mesmas, um bem ou um mal. Elas são boas ou más, conforme o objeto que as faz nascer ou que as provoca.

E' à vontade refletida que compete designar êsse objeto.

As paixões devem ser escravas da vontade. Elas devem

ter por função intensificar os atos de amor da vontade, pelo sentimento.

Um ato puramente espiritual da vontade não exerce, no princípio da vida espiritual, senão pequeno influxo sobre as faculdades sensíveis e não consegue, sem esforço, fazer executar suas ordens.

Quando, porém, a ordem é embebida na emoção, quando uma paixão qualquer, por exemplo, o amor sensível ou o ódio, comunicou-lhe sua irresistível energia, a alma mais tímida ou mais remissa torna-se capaz de ações as mais enérgicas.

3. Nos desígnios de Deus, essas emoções são como que corcéis rápidos destinados a arrastar o carro da alma para a santidade.

Mas êsses corcéis são indomáveis. Cada um dêles quer arrastar o homem para seu fim próprio. E' preciso, pois, ao condutor, isto é, à vontade, energia e paciência para habituá-los ao jugo, impor-lhes uma direção uniforme, estimular e, as mais das vêzes, moderar-lhes o ardor.

E' um belo trabalho e, quando a vontade consegue dominar suas emoções e governá-las a seu bel-prazer, ela é arremessada com tôda presteza para a santidade.

E' preciso, pois, decidir-se a começar o trabalho de moderação nas emoções, e aplicá-lo a cada uma em particular.

4. O amor sensível, por exemplo, está sempre pronto a arrastar a vontade, mais do que devia, para um objeto sensível.

O que êle busca é uma determinada satisfação do coração, uma certa emoção suave.

A vontade, ansiosa por conservar todo o seu coração só para Jesus, dá rapidamente uma emenda para desviar êste escolho.

Jamais se deve deixar guiar por simpatias ou por antipatias, e nem se admirar de ser sujeito a êsses sentimentos involuntários. Êssas impressões são uma coisa natural.

Enquanto a vontade resistir em escutá-las, elas não constituem um obstáculo à perfeição.

5. A alma esforça-se para não deixar transparecer no exterior êsses movimentos involuntários. E', sobretudo, quando a diferença de caráter, certos defeitos, certos modos de agir despertam a antipatia, que se torna necessário combatê-la vigorosamente, mostrar-se caridosa e atenciosa.

E' um grande defeito, para uma pessoa de vida interior, mostrar-se arrufada, muda, descontente, quando lhe faltam com a devida atenção. Êsse defeito é apenas perdoável numa criança.

A alma, sujeita às falhas de uma primeira educação, deve fazer os esforços necessários, e muitas vêzes heróicos, para dominar essas impressões!

6. Depois são os desejos que é preciso moderar. Importa habituar-se a nada desejar além do amor de Deus e do cumprimento de seus deveres. Desde que um outro desejo, mesmo lícito e inocente, se apresentar, a vontade consulta Jesus para ouvir-lhe o parecer e, se não fôr conforme às intenções do Mestre, mister se faz eliminá-lo.

7. Não convém perder-se na escolha dos meios de perfeição.

A alma não deve nem mesmo preferir a pobreza à riqueza, a humildade à glória, a cruz ao prazer, salvo se Jesus dá uma inspiração clara, o que não acontece muitas vêzes.

Também não deve ela desejar a saúde mais do que a doença, a atividade mais do que o repouso, a solidão mais do que o acúmulo de trabalho, a consolação mais do que a aridez.

Diante de Deus, tudo é igual. Trata-se apenas de saber aquilo que Deus preparou para a alma.

8. Importa moderar também o temor, as inquietações a respeito do passado, as preocupações acerca do futuro, as apreensões no cumprimento do dever presente.

Nós não somos escravos. Somos filhos de família.

Nosso Pai celeste conhece nossa fraqueza e nossa inconstância.

Se fôssemos desprendidos de nós mesmos, creríamos plenamente no Evangelho que nos diz, pelos lábios do próprio Jesus: "Por que vos perturbar e preocupar com o dia de amanhã? A cada dia basta a sua aflição (Mt 6, 34). Buscai primeiro o reino de Deus e sua justiça, o resto vos será dado por acréscimo" (Mt 6, 33).

Alguns mantêm de propósito sua alma num ambiente de inquietação, de temor exagerado. Estes não têm a perfeita liberdade de coração nem o perfeito amor, pois "o amor afugenta o temor", diz São Paulo.

9. Para possuir sua alma, é preciso moderar o sentimento da alegria. O sábio não se entrega a uma alegria excessiva. Ele sabe que, no mundo, nada é sólido nem durável.

Quando Deus, já pelos acontecimentos, já pelas pessoas, ou êle mesmo, envia um raio de sol na vida, a alma abre suas faculdades para o acolher, e agradecer ao autor de todo o bem.

Mas esta alegria é moderada. Uma única coisa é capaz de alegrar sem limites a alma abandonada a Deus: é a idéia de Jesus vivendo nela e por ela, com esperança de um amor eterno, de uma união indissolúvel no céu.

10. Deve-se combater a tristeza mais ainda que a alegria excessiva.

A tristeza é uma emoção perigosa. A sua causa quase sempre mal se percebe; ela sobe, desenvolve-se e estende-se gradativamente. Nasce algumas vezes de um conjunto de pequenas circunstâncias contraditórias. O estado de

saúde, as variações da atmosfera exercem seu influxo sobre ela.

A tristeza surge do mais profundo da alma que aspira vagamente à amizade, ao repouso, ao prazer, e que não encontra em redor de si senão a frieza, o trabalho, a aflição.

11. A alma que não deseja ser arrastada mais cedo ou mais tarde a um precipício, deve combater a emoção da tristeza.

Esta emoção é uma paixão e se a deixam crescer, alastra-se em breve por todo o campo da alma.

E' preciso imediatamente circunscrever sua ação, recorrer a Deus pela oração e, se a alma desgostosa se recusa a orar e persiste na sua melancolia, é mister usar para com ela de persuasão, sugerir-lhe reflexões que acalmem a impressão da tristeza.

12. A tristeza para nada serve. Ela destrói tôda a elasticidade da alma e torna-a inapta à oração e à ação; torna-a insuportável a si mesma e aos outros.

Desagrada a Jesus ter a seu serviço semblantes tristes e carrancudos; êle não simpatiza com as almas que querem sempre ver o lado mau das coisas e julgam ser o pessimismo uma disposição virtuosa.

Jesus vê nossas fraquezas, não se ofende, não as reprecende com aspereza; antes as desculpa e ajuda-nos suavemente a corrigir-nos.

Minha alma, se queres agradar a Jesus, abraça o seu espírito pacífico, seu espírito de compaixão e paciência.

Ainda que numa ação haja somente um lado bom sobre noventa e nove maus, apegate a êsse lado bom, como fazia S. Francisco de Sales. Explica tudo por bem, não critiques os outros não desanimes. Lança tôdas as tuas faltas no Coração de Jesus, suplica-lhe com tôda a humil-

dade de tudo reparar; permite-lhe, assim, exercer em ti o papel do Redentor. Ele te agradecerá.

E, quando estiveres na aflição, não confies tuas infelicidades a todo mundo para quê te lastimem, ou sofram contigo. Vai buscar Jesus, expõe-lhe tua dor, se quiseres, mas não deixes de sorrir a Jesus, através das tuas lágrimas.

13. Assim, em tôdas as ocasiões, conservarás a paz interior; tuas emoções nunca serão tão vivas ou tão impetuosas que escapem à vontade ou a desviem do bom caminho.

Obterás outrossim um caráter igual, que nenhum acontecimento exterior ou flutuação interior logrará perturbar sensivelmente.

Esta igualdade de caráter e esta paz interior permitem a Jesus fazer em ti sua obra com ordem, e rapidamente.

DIA IV

MEDITAÇÃO II

O AMOR PROTEGE OS SENTIDOS

Nescitis quoniam corpora vestra membra sunt Christi? (1 Cor 6, 15).

Não sabeis que vossos corpos são membros de Cristo?

1. No homem tudo se concentra. Aquêlê que quer desenvolver em si o reino do amor de Jesus não se pode contentar em dirigir sua vontade e sua inteligência nem mesmo sua imaginação e suas paixões. E' preciso regerar os sentidos, que são os fornecedores da imaginação, os focos onde se acendem as paixões.

Deus assim os quis: na nossa existência, o corpo, os nervos, os músculos, os sentidos, representam importante papel. Deus quer tirar de tão ínfima natureza uma glória infinita; êle quer que êsse ser, cujas raízes se afundam na terra, eleve sua fronte até às mais sublimes alturas da vida divina.

Importa, pois, regerar prudentemente as funções dos sentidos, para que êles se conservem no seu papel, que é servir à alma. A falta de prudência nesse trabalho acarreta três grandes males que paralisam ou mesmo sufocam na alma o divino amor, para nela reinar novamente o amor-próprio.

2. Nosso organismo é feito em grande parte de células nervosas.

O sistema nervoso representa um papel preponderante na nossa vida sensível, e, por conseguinte, na vida espiritual e mortal.

E' preciso, pois, manter constantemente em equilíbrio o sistema nervoso e impedi-lo de cair numa sensibilidade excessiva, numa excitabilidade mórbida.

Algumas almas piedosas não notam êsse lado fraco de sua vida espiritual.

Elas se aplicam, na vida privada, a ocupações, leituras, distrações, a tudo que alimenta a sensibilidade, a emotividade! As emoções são para elas como um narcótico que adormece e acalma por instantes seu sistema nervoso. Mas, em breve, a necessidade de excitação se faz sentir com maior intensidade.

3. O reino tranqüilo de Deus não se pode consolidar nessas almas.

O egoísmo, um egoísmo sutil, a necessidade de sentir-se comovida, toma nelas demasiado espaço. Tôdas as forças vivas se esgotam em sensações, tôdas as seivas são drenadas pelo sentimentalismo.

A essas horas de emoção sucedem dias de abatimento e de cansaço. O sistema nervoso, por demais excitado, tem necessidade de relaxar-se.

4. A alma deve, cuidadosamente, evitar cair nessa excitação nervosa. No dia de oração ela deve abster-se de procurar o lado emotivo; nesses momentos de consolação ou de união com Deus, deve evitar acentuar o lado sensível, antes, porém, fazer atos de amor puramente espirituais e prevenir as emoções fortes.

5. Para viver é preciso sustentar o corpo. Sem as forças no corpo não há energia na vontade.

Por outro lado, o corpo demasiadamente cuidado se revolta.

Nesse ponto é necessário um meio-térmo.

E' perigoso dar ao corpo tudo quanto êle quer. Quanto mais se lhe dá, tanto mais exige e, quando êle se sente senhor, conspira contra a alma, traindo-a.

O corpo é um escravo: devemos tratá-lo como tal, isto é, não lhe dar mais que o necessário.

6. Mas também impende, em regra geral, dar-lhe o necessário em repouso, recreação e alimento.

Seria um êrro funesto, no qual incidem muitas almas, não dar ao corpo o alívio e repouso de que carece.

A experiência cotidiana demonstra que, muitas vêzes, as tristezas, a aridez, o abatimento provêm da negligência em dar ao corpo o confôrto que êle reclama.

Após uma noite de repouso, dificuldades que pareciam insuperáveis desaparecem como por encanto; soluções, em situações sem saída, apresentam-se ao espírito; a coragem se refaz, a vontade encontra sua energia, os nervos acalmam-se, a imaginação tranqüiliza-se e o espírito se esclarece.

7. O homem deve tirar tôdas as vantagens possíveis da parte corpórea de seu ser. Se êle trata o corpo com uma sábia moderação, êste prestar-lhe-á grandes serviços.

Jesus, que conhece bem nossa natureza, não pede à generalidade das almas grandes penitências corporais.

Se, contudo, a inspiração divina, sob as vistas do diretor, levasse a macerações excepcionais, seria preciso obedecer a Deus, que é livre de escolher a maneira pela qual o nosso ser deve glorificá-lo.

O diretor prudente deixar-se-á raramente arrastar nesse caminho pelos desejos impacientes das almas noviças.

A experiência prova que muitas vêzes esta inspiração não vem de Deus.

8. Resigna-te, minha alma, a não ser senão uma criança na vida espiritual. As grandes mortificações são reservadas às almas gigantes. Mas, se queres, podes resgatar esta inferioridade por uma heróica constância nas privações ou pequenas penitências que te impões a ti mesma. Já que resolveste fazer alguma coisa por Jesus, não desistas mais. Oh! como lhe farás prazer.

9. Cuidar demasiadamente do corpo, abandonar-se a uma sensibilidade mórbida, são dois grandes males que conduzem a um terceiro, ainda maior: a insubordinação dos sentidos, que destrói a angélica virtude, a bela e amável pureza.

Para conservar-se em seu papel, os sentidos não deveriam tomar das coisas exteriores senão os objetos que não contrariam o fim último e não paralisam a vontade em busca do amor divino.

Na realidade, contudo, os sentidos procuram de preferência os objetos mais contrários ao espírito e inclinam o homem a buscar recreações as mais opostas ao amor de Deus.

E' por isso que a luta pela angélica virtude é ao mesmo tempo a mais necessária, a mais difícil e a mais incessante.

10. Ela exige uma vigilância ininterrupta. Um instante de relaxamento, e pode ser tarde demais. A idade mesmo não dispensa o combate.

Aquêle que não se persuade que esta luta dura até a morte não pode estar em segurança.

Neste mundo, todo homem deve julgar-se constantemente à beira de um abismo, do qual está separado apenas por algumas polegadas. Um passo em falso... e ei-lo que se precipita.

11. As razões da necessidade, da dificuldade e da continuidade dessa luta são múltiplas.

A inclinação para o mal está arraigada na natureza decaída do homem, que um nada pode despertá-lo e arrastá-lo para o abismo. A experiência o demonstra: um olhar, uma palavra, uma imagem, e tudo está perdido. Esta centelha pode causar incêndio pavoroso. Por outro lado a fraqueza do homem é tão grande que nenhuma virtude, nenhum hábito de castidade, nem precaução alguma o podem sossegar completamente.

Há tentações tão delicadas, tão insinuantes, rodeadas de tantas circunstâncias sedutoras, que nenhum coração humano pode crer-se bastante forte para resistir.

E' preciso suplicar a Deus que não permita semelhantes tentações. Jesus é fiel se lhe pedem. Não permitirá que se seja tentado acima das forças.

12. Um outro motivo, que deve fazer tremer, é a segurança na qual vive a maioria dos homens em presença de tão grande perigo.

Almas, mesmo entre as melhores, manifestam, em face de perigos que ameaçam a angélica virtude, uma segurança incompreensível. E' preciso que Jesus as ame muito e seja muito ciumento de sua inocência, para tão frequentemente impedi-las de cair, quando elas não tomam as devidas precauções para garantir-se da queda.

Como tudo é mistério na vida espiritual! e como a paciência de Deus é infinita! e como todo homem, a menos de ser extraordinariamente iluminado, expõe-se continuamente ao perigo de pecar!

13. Alma cristã, quem quer que sejas, abrigada num convento, ou vivendo em meio de perigos e seduções do mundo, toma hoje a resolução de velar pelos teus sentidos, sobretudo pelos teus olhos. Quanto mais dominares os teus sentidos, maior será a tua segurança, mais união terás com Deus, mais gozarás da paz do coração.

Depois, não te esqueças de pedir constantemente a santa virtude da pureza. Em consideração à tua oração, Deus afastará de ti muitos perigos nos quais te arriscarias a cair. Êle disporá as circunstâncias de modo que não estejas exposta a tentações sutis onde a virtude delicada soçobraría. Essa providência, com a qual Deus envolve a alma humilde que ora, constitui uma das formas da graça da perseverança.

Coloca-te todos os dias, e muitas vêzes ao dia, sob o manto da Rainha das virgens. Consagra-lhe teus olhos, teus ouvidos, tua bôca, teu coração, todo o teu ser, a fim de que elá disponha de ti como sua propriedade e te guie em todos os teus caminhos.

Enfim, no momento da tentação, a tôdas precauções ajuntas a de repelir imediatamente todo pensamento, tôda imagem, tôda lembrança malsã, de chamar logo em teu socorro Jesus e Maria e, se erraste, em qualquer coisa, sacode de teus pés, sem demora, esta poeira, por um fervoroso ato de contrição ou uma humilde confissão.

DIA IV

MEDITAÇÃO III

O AMOR DIRIGE O USO DAS COISAS EXTERIORES

Non in solo pane vivit homo (Mt 4, 4).
Não é só de pão que vive o homem.

1. "Tudo é vosso, diz São Paulo, mas vós sois de Cristo e Cristo é Deus".

Tôdas as criaturas, todos os objetos exteriores, tôda a natureza pertence ao homem. Êle pode usar de tudo isso a seu bel-prazer, com a condição de empregá-las segundo a intenção para a qual elas lhe foram dadas.

Seria um êrro crer que o espírito e o coração dos santos foram cerrados para o mundo exterior. Ninguém amou a natureza e gozou dela com tanta pureza e tanta delicadeza como os homens de Deus. Êles bem sabiam que eram filhos do Rei dos reis, que tôdas as criaturas estavam a seu serviço e lembravam-lhes o Pai que está nos céus.

2. Para as almas vulgares, a criação, em vez de ser um meio de ir a Deus, torna-se um fim ao qual elas se apegam.

Em vez de manifestar Deus e suas divinas perfeições, as criaturas fixam a atenção e o coração em si mesmas; em vez de serem como árvores plantadas ao longo

da estrada, oferecendo ao viajante fatigado seus frutos e sua sombra, elas tornam-se uma barreira que interrompe o caminho.

Tôda criatura, da qual o homem não se serve para aumentar em si mesmo o amor de Deus, torna-se pasto ao desleixo, à preguiça, à cupidez, numa palavra, ao egoísmo sob tôdas as suas formas.

3. No uso das coisas exteriores, a alma deve afastar todo fim outro que não o de se aproximar de Deus, de fazer seu ato de amor, de facultar a prática da virtude, o cumprimento de seu dever e a fuga do pecado.

Usar assim dos seres criados é ser desapegado, é ter a pobreza de coração.

E' ter parte na primeira beatitude revelada ao mundo por Jesus Cristo: Bem-aventurados os pobres de espírito, porque dêles é o reino dos céus (Mt 5, 3).

4. A pobreza de coração é, pois, antes de tudo, o desapego dos bens dêste mundo, possuídos ou não.

O homem pobre de coração não despreza, por certo, o comércio dos grandes; prefere, porém, a companhia dos pequenos e dos humildes. Êle tem um cuidado razoável dos bens cuja gestão Deus lhe deu; considera-os como um capital que Deus lhe emprestou, e do qual êle deve distribuir os interêsses aos pobres e às obras de piedade.

5. Êste desprendimento total das criaturas em meio da abundância é possível. Êle tem sido praticado em todos os séculos, por homens de tôdas as condições; e ainda o é na hora atual. E' um dos espetáculos mais admiráveis que pode operar a graça numa alma humana, tão naturalmente atraída para os bens e prazeres da vida.

6. Todavia, a posse afetiva dos bens dêste mundo é, as mais das vêzes, um obstáculo à perfeita pobreza de coração.

Jesus, que conhece bem nossa miséria, assim o disse.

Ao jovem rico, que observava os mandamentos, aconselha vender seus bens e distribuí-los aos pobres. Era para êsse jovem a condição perfeita (Mc 10, 21).

Jesus não dava uma ordem, mas um conselho, e êsse conselho êle apoiava no exemplo de sua própria vida. Êle não tinha uma pedra sôbre a qual repousar sua cabeça (Mc 8, 20), êle não tinha dinheiro. Um dos discípulos cuidava das coisas materiais necessárias ao colégio apostólico; santas mulheres proviam as necessidades do Mestre e dos discípulos.

7. Muitas almas atenderam a êste apêlo de Jesus e foram atraídas pelo exemplo de sua pobreza.

Fizeram o voto de renunciar à posse real ou ao menos ao uso arbitrário dos bens dêste mundo. Com os votos de castidade e de obediência, o voto de pobreza tornou-se o fundamento da vida religiosa.

8. Em consequência dêste voto é proibido, nas ordens de votos solenes, possuir bens próprios. Nas Congregações e Institutos de votos simples, o religioso abdica o uso independente de seus bens e não usa senão aquilo que a comunidade, da qual faz parte, lhe põe à disposição.

Êste uso dos bens da comunidade, para ser conforme ao voto de pobreza, deve ser dependente, em tôdas as suas minúcias, da vontade do superior, sem o que a pessoa faz ato de proprietário.

Não lhe é, pois, permitido empregar os objetos que lhe são fornecidos para outro uso, senão aquêle para o qual êles são destinados. O religioso não pode, sem licença do superior, usá-los êle mesmo nem dar a outros, nem emprestá-los, nem trocá-los, nem transformá-los, nem vendê-los, nem comprá-los, nem recebê-los, nem subtraí-los à vista do superior.

Os superiores, de seu lado, são obrigados a fornecer aos dependentes o necessário, isentá-los de todo cuidado

razoável, de toda preocupação legítima dos bens deste mundo, a fim de que eles possam entregar-se livremente às coisas de Deus.

9. Esse despojamento real, praticado em toda sua integridade e junto à pobreza de coração, é o meio dos meios para avançar rapidamente na virtude. E' ele que mantém florescente na Igreja a vida religiosa e dela faz a sementeira de santos.

O religioso pobre é o homem mais feliz do mundo.

Ele nada tem e tudo possui (2 Cor 6, 10). Não se preocupa com coisa alguma e a Providência divina dá-lhe a tempo o necessário (Mt 24, 45).

Renunciou aos prazeres e às comodidades desta vida e Deus encheu seu coração de alegrias celestes.

O convento, em que reina a pobreza, é o jardim escolhido onde Jesus cultiva as flôres mais belas: o lírio da castidade, a violeta da humildade, a rosa da divina caridade. E' a estufa aonde o sol divino envia sem cessar seu calor suave, aonde o vento frio do mundo não sopra jamais.

E' o paraíso na terra, onde o próprio Deus sente prazer em vir repousar e entreter-se com seus amigos:

“Se soubessem, diz São Lourenço Justiniano, como é bom viver no convento, as pessoas do mundo escalariam os muros e os tomariam de assalto”.

10. Mas, para proporcionar à alma esses prazeres íntimos e esta união com Deus, o religioso deve observar o voto de pobreza e a pobreza de coração em toda a sua integridade.

Ele deve contentar-se com o que lhe dão, não desejar o supérfluo, limitar-se ao necessário; louvar a Deus se, por acaso, esse necessário viesse a faltar e confiar-se em tudo à divina Providência.

Ele deve de bom grado servir-se de objetos mais usados, vestir hábitos remendados, habitar numa cela incô-

moda e desguarnecida, adaptar-se, quanto aos alimentos, ao gôsto dos outros.

Deve alegremente suportar os inconvenientes da pobreza, o calor e o frio, a fome e a sêde, o riso e o desprêzo do mundo.

Deve evitar, como a peste, a procura de comodidades, de prazeres, de luxo e de cuidado excessivo da saúde.

Sendo da classe dos pobres, não deve freqüentar os grandes e os ricos do século sem ser chamado e poder ser útil a suas almas. Deve preferir sua cela, seus livros, sua capela, aos palácios, às palestras; aos salões dos poderosos do mundo, e as advertências de seus superiores aos louvores dos mundanos.

A perfeita pobreza de coração torna-se assim a renúncia universal, o desprendimento de tudo que não é Deus. ou dêle não se aproxima.

DIA IV

MEDITAÇÃO IV

O AMOR INSPIRA O DESPRENDIMENTO
UNIVERSAL

Qui odit animam suam in hoc mundo,
in vitam aeternam custodit eam (Jo
12, 25).

Aquêlê que odeia sua alma neste mun-
do guarda-a para a vida eterna.

1. Queres achar Deus em tudo? Desapega-te de ti mesmo! Queres conquistar o amor de Jesus, renuncia sempre a ti mesmo.

Tudo quanto negares ao teu amor-próprio, à tua satisfação pessoal, darás ao amor divino.

E' essa a doutrina da renúncia universal e talvez que ela assuste a alma ainda imperfeita. Oh! não temas. Só o comêço é que é penoso e gradativamente se chega ao cimo.

2. Como, porém, praticar êsse desprendimento universal.

E' preciso interessar-se unicamente pelo momento presente. Aplica-te exclusivamente a cumprir tuas obrigações, calmamente, sem pressa e sem vagar; mas, durante tuas ocupações, conserva-te atento em pressentir como serás agradável a Jesus, que trabalha, ora e vive em ti.

Porque, se descobres um pequeno sacrifício a fazer: sacrifício do gôsto, da inclinação, do caráter, do coração, do juízo, da curiosidade, aproveita a ocasião com ardor, e depois continua tranqüilamente teu trabalho.

3. Sem dúvida, muitos sacrifícios, que poderias fazer, escapam à tua atenção. Não te aflijas, pois Jesus pede ainda, do contrário êle te havia de sugerir-los.

Dentre aquêles que notaste, muitos te parecerão demasiado pesados, penosos e talvez os desprezes.

Será uma infidelidade para com Jesus: é preciso acusar-te, tomar a resolução de ser mais generoso, orar com insistência ao bom Mestre, para dar-te o gôsto e a coragem de fazer sacrifícios.

Por vêzes hesitarás. Não saberás se Jesus quer ou não tal sacrifício. Em tal perplexidade, não percas tempo em refletir. Toma o partido que quiseres: em ambos os casos, agirás por amor. Em casos duvidosos, se amas a Jesus, teu coração inclinar-se-á de preferência ao menos agradável. Contudo, se és sujeito a escrúpulos, decidir-te-ás algumas vêzes pelo que mais te agrada, não para satisfazer-te, mas para não perderes tua liberdade de espírito.

Essa renúncia de ti mesmo deve ser feita sem constrangimento, até mesmo com alegria: *Hilarem datorem diligit Deus* (2 Cor 9, 7).

4. E não creias que seja preciso impor-se grandes mortificações, submeter-se a rudes penitências, estar sempre armado de disciplina ou coberto de cadeias de ferro! Não, todos podem, sem dúvida, impor-se algumas penitências dêsse gênero, conforme as inspirações e o conselho de seu confessor, mas há um imenso campo de outras pequenas mortificações onde cada alma pode colhêr um ramalhete de mirra que apertará contra o coração.

5. Que alegria, por exemplo, podemos fazer a Jesus, afastando um pensamento inútil, interrompendo uma conversação fútil, um juízo desfavorável ao próximo, reprimindo uma simpatia muito humana, uma vontade de falar, evitando gozar de uma prova de afeto, uma palavra de louvor, um sinal de respeito, recalcando um graço, um impulso de condescendência para consigo mesmo!

Que belo o sacrifício de um dito jocoso, de um olhar sobre as coisas mesmo dignas e lícitas, de um refrêco, de uma comodidade, de uma ocupação preferida, de uma leitura agradável!

Sobretudo, que grande coisa, diante de Deus, suportar uma palavra picante, sem responder, uma acusação injusta, sem desculpar-se, uma angústia na alma, um mal-estar do corpo, sem se queixar, um acolhimento mau, sem se vingar!

Como é belo também, como é divino não estar nunca de mau humor ou triste, não obstante as contrariedades, a má vontade dos outros, as dificuldades nos negócios, o acúmulo de trabalhos, o tédio e os modos importunos daqueles que nos cercam!

Enfim, estar sempre disposto a auxiliar mormente aqueles que nos são antipáticos, ou que abusam de nossa bondade, sorrir sempre, ainda quando se tem vontade de chorar ou de prorromper em recriminações, em queixas, acolher sempre com calma a ingratidão após tantos serviços prestados. Oh! como tudo isto é santificante!

6. As almas generosas acham sempre o meio de satisfazer sua sede de mortificação, no beber, no comer, na maneira de sentar-se, de deitar-se, de vestir-se, de tratar o próximo.

Imita as almas piedosas, dá sem contar a Jesus. Quanto mais te sacrificares, tanto mais verás o que há a sacrificar; quanto mais te confiases a teu Mestre, tanto

mais êle exigirá. Por fim, não terás mais a liberdade de um só olhar, de um só pensamento, de uma única afeição.

O amor despojar-te-á de tudo e serás feliz nesse despojamento, pois te sentirás revestida de Jesus e admitida em sua intimidade.

7. Com efeito, sem êsses pequenos sacrifícios, nada de intimidade com Jesus. Sem o lenho da cruz, o fogo do amor se extingue. E' uma lei de vida sobrenatural.

Jesus é bom para com todos, porém não é bom sem medida senão para os que dão sem medida. Êle assim disse: "Usar-se-á para contigo da mesma medida que usares para com os outros" (Mc 4, 24).

Como poderia Jesus mostrar-se reservado para uma alma que se esforça por lhe agradar; e agradar-lhe à sua própria custa?

Como poderia êle deixar-se ultrapassar em generosidade pela sua pobre criatura, êle que é a bondade por excelência?

Se fôsse preciso, para provar a uma alma generosa o seu amor, Jesus faria milagres. Mas Êle tem mil outros meios de lhe fazer sentir no fundo da alma quanto a ama.

E se não dá à alma esta convicção sensível, é ainda para dar-lhe ocasião de um novo sacrifício.

8. Chegada ao fim de sua curta carreira, dizia Santa Teresa do Menino Jesus à madre superiora: "Sinto que minha missão vai começar, minha missão de fazer amar o bom Deus, como eu o amo... de dar às almas o meu pequeno caminho".

"Que pequeno caminho queres, pois, ensinar às almas?"

"Minha mãe, é o caminho da infância espiritual, é o caminho da confiança e do abandono total. Quero indicar-lhes os pequenos meios que me deram tão bons resultados, dizer-lhes que não há senão uma única coisa a

fazer aqui na terra: lançar a Jesus as flôres de pequenos sacrifícios, conquistá-lo com carinhos. Assim foi que o conquistei e é por isso que serei tão bem recebida".¹

9. Realmente esta criança do Carmelo era bem instruída nos caminhos da vida espiritual: ela só teve um Mestre: Jesus.

Escuta-o também, querida alma. Êle te ensinará a fazer-lhe pequenos sacrifícios, a imolar a ti mesma constantemente e ao seu amor.

E, se não sentes ainda a coragem de compreender esta vida de pequenas privações, suplica ao Mestre que te atraia pelo encanto de sua cruz. Pois a cruz fascina e aquêles que não foram fascinados por ela nada compreendem de seus encantos e desprezam suas delícias.

¹) História de uma alma.

TERCEIRA PARTE

O AMOR ILUMINA

DIA V

MEDITAÇÃO I

JESUS E' BOM

Ego sum pastor bonus (Jo 10, 11).

Eu sou o bom Pastor.

1. Minha alma, já é tempo de te aproximares mais intimamente de Jesus. Vais entrar mais a fundo no coração do Mestre, no seu espírito, nos seus sentimentos.

Vais ajudá-lo a tomar posse de ti, não somente pela graça santificante, mas por uma semelhança desejada e consciente de pensamentos e aspirações entre a tua alma e a de Jesus.

E' a via iluminativa que começa para ti. Teu espírito esforçou-se por desvencilhar-se de todo pensamento ou ocupação supérflua, teu coração é livre de tãda afeição desordenada.

Jesus pode, agora, revelar-se a ti, introduzir-te no conhecimento de sua Pessoa divina, revelar-te os segredos de sua vida terrestre, de sua vida eucarística, de sua vida mística nas almas.

Quanto mais conheceres a Jesus, tanto mais o amarás, tanto mais te abandonarás a êle. Quanto mais te entregares a êle, tanto mais tomará posse de ti; substituir-se-á a ti e transformar-te-á nêle mesmo.

2. Medita, pois, com amor e demoradamente as divinas amabilidades de Jesus e começa por ler no santo Evangelho o que constitui o traço característico de sua fisionomia, o que o torna tão divinamente atraente: sua bondade.

Jesus era ontem, é hoje, será também em todos os séculos (Heb 13, 8). Êle é o princípio e o fim de tôdas as coisas (Apoc 1, 8). Êle é o Verbo de Deus, o Infinito, o Justo, o Santo.

Como Deus, êle existe desde a eternidade, e os anjos o adoram abismados em santo respeito. Mas Jesus também é homem. Êle tem um corpo como nós. E' o mais belo e o mais formoso dos filhos dos homens. E' o Filho único de uma Virgem resplandecente de pureza e arrebatadora de graças.

Êle tem um coração, um coração humano, humilde, paciente, suave, delicado, que a ninguém jamais soube fazer sofrer, a ninguém jamais soube desprezar e repelir, que não soube senão amar, fazer o bem, perdoar e suportar em silêncio a ingratidão e a indiferença.

3. Jesus é bom. Quando êle vivia no mundo, "percorria a Galiléia, a Samaria, a Judéia, ensinando nas sinagogas, anunciando o Evangelho, e curava o povo de suas moléstias e enfermidades" (Mt 4, 23).

"E numerosa multidão acorria pressurosa, depositando-lhe aos pés os surdos, cegos, paralíticos, doentes de todos os males, e êle os curava a todos" (Mt 15, 30).

Quando Jesus entrava numa casa para repousar, era ela imediatamente invadida pelo povo. Quando começava sua pregação, comprimiam-no de todos os lados, obrigando-o, por vêzes, a subir à barca, e de lá anunciar o Evangelho. E terminado o sermão, retirava-se ao deserto, aonde o povo o acompanhava, esquecendo-se de comer e de dormir, e Jesus, então, alimentava-os milagrosamente.

4. Oh! que fascinação exercia sôbre o povo a inalterável bondade de Jesus!

Um dia êle passa em frente à casa de um publicano e vê o usurário diante de sua banca coberta de dinheiro. "Segue-me!" diz-lhe simplesmente, e Mateus esquece seu dinheiro, sua casa, sua família e segue Jesus, torna-se seu apóstolo, seu evangelista, e mártir de sua doutrina.

Em outro dia, lança um olhar de bondade a Madalena, absorvida nas suas desordens e possuída por sete demônios; e a pobre pecadora se desfaz em pranto, lança-se aos pés do Mestre, lava-os com suas lágrimas e ergue-se purificada e para sempre unida a Jesus.

Assim, ainda, o Mestre converte o avaro Zaqueu, a mulher adúltera, a samaritana e o próprio discípulo São Pedro.

5. O' Jesus! apresentai-vos à minha alma tal qual éreis neste mundo, quando as multidões se comprimiam em tôrno de vós.

Como eu desejaria ouvir de vossos lábios as consoladoras palavras que vós lhes dirigíeis um dia: "Eu sou o bom Pastor. O bom Pastor dá a vida pelas suas ovelhas. O mercenário, ao contrário, é aquêle que não é pastor, a quem não pertencem as ovelhas, vê chegar o lobo, abandona-as e foge, e o lobo arrebatá-as e dispersa o rebanho. O mercenário foge porque é mercenário; pouco se lhe dá a vida das ovelhas. Eu sou o bom Pastor, conheço as minhas ovelhas e elas me conhecem. Como meu Pai me conhece, assim eu conheço meu Pai e eu dou minha vida pelas minhas ovelhas. Tenho ainda outras ovelhas que não pertencem a êste aprisco: essas também eu devo conduzi-las e elas atenderão à minha voz e haverá um só rebanho e um só Pastor" (Jo 10, 11-16).

6. Tu, que isso lêes, alma cristã, nem sempre foste do aprisco de Jesus. Um dia houve em que viveste emara-

nhada nas sarças e nos espinhos. Quem, então, veio buscar-te?

Quem, suavemente, sem te magoar, desembaraçou teu coração de tôdas essas peias? Quem, depois, te apertou ao coração e te carregou nos ombros? Oh! bem o sabes! Foi o Mestre boníssimo, o mesmo que há vinte séculos narra essa parábola e, narrando-a, pensava em ti.

7. Pois Jesus teve por ti preferências, teve atenções especiais, que só tu podes conhecer: toques interiores, solitudes discretas de sua graça, apelos reiterados, a divina ternura com a qual por vêzes êle te envolve e, depois, êste ambiente sobrenatural no qual êle te faz viver e donde não te deixará mais sair.

E que pretende êle obter, por tantas provas de bondade? Deseja tão somente o coração, a vontade sincera, o amor ardente e generoso.

Esta gotinha de amor, que podes espremer de teu coração com o auxílio da graça, possui, aos olhos de um Deus onipotente, mais valor que mundos inumeráveis.

8. Quando Jesus consegue fazer-se amar sem reservas, ainda que de um único coração, julga-se indenizado de todos os seus sacrifícios. Quando êle pode excitar num só pecador um arrependimento sincero, consola-se de tôdas as tristezas do jardim das Oliveiras, esquece-se das ingratidões passadas, abre bem largas as portas do céu e transborda essa alma de delícias durante a eternidade.

O' Jesus! vós o sabeis, não é um ato dêsse amor que tanto prezais que eu vos quero dar; são milhões, milhares de atos semelhantes que espero apresentar-vos um dia. Não é uma hora de minha vida, a última, que vos quero consagrar: é tôda a minha vida, são todos os instantes do dia e da noite que eu quero aproveitar com santa avidez. Não é um amor qualquer que desejo oferecer-

vos: é um amor terno, delicado, generoso, tão perfeito quanto é possível ao meu pobre coração.

9. O' Deus de amor! como é preciosa minha curta existência terrestre, já que me é dado causar-vos tanto prazer por tão pouco! Como eu quisera consumir-me de amor por vós, esquecer-me de tudo e esquecer-me de mim mesmo!

Jesus! vivei em mim cada vez mais; fazei-me semelhante a vós, amai-vos a vós mesmo em mim e purificai constantemente o meu amor.

DIA V

MEDITAÇÃO II

JESUS E' ACOLHEDOR

Advocans Iesus parvulum (Mt 18, 2).
Jesus chama a si uma criança.

1. O sinal de um bom coração é ser delicado para com todos. Semblante sempre assim sereno, sempre franco, sempre afável trai a bondade da alma.

Assim é Jesus. Durante a sua vida terrestre, acolhia a todos com o mesmo carinho bondoso. Sua fronte era sempre calma e seus olhos sorriam. Todos podiam aproximar-se dêle sem temor e, com efeito, assim o faziam.

Os fariseus e os saduceus expõem-lhe dificuldades, armam-lhe ciladas. Jesus desfaz suas intrigas com uma palavra cheia de luz, com uma diversão inesperada, com um milagre, nunca, porém, os repele.

Os ricos convidam-no à mesa, ora com admiração sincera, ora por vã ostentação. Jesus aceita o convite e, por vêzes, não convidado, se convida.

Tanto freqüenta a casa dos grandes como a choupana do pobre; vai repousar na vila de Lázaro, em Mágdala, e na cabana da sogra de Pedro, o pescador.

Acolhe, com a mesma bondade, o jovem rico, o sábio José de Arimatéia e o mendigo cego sentado à beira

da estrada, e o infeliz coberto de lepra que de longe implorava sua clemência.

Distribui seus favores a todo o mundo. Ressuscita Lázaro, seu amigo, e restitui a orelha a Malco, seu perseguidor.

Dá a vida à filha de Jairo e ao filho único da viúva de Naim.

Jesus é sempre bom, sempre acolhedor.

2. Contudo tem suas preferências, e estas são pelas crianças, pelos pobres, pelos humildes, pelos infelizes deste mundo. E é nisso que se mostra a singular delicadeza do coração de Jesus.

O bom Mestre ama as crianças; e disso não faz mistério.

Sente-se feliz cercado por elas; acaricia-as, toma-as em seus joelhos e as abençoa; e quando Pedro, julgando que a precipitação das mães e o atropêlo das crianças incomodam o Mestre, quer despedi-las, Jesus toma-lhes a defesa!

3. No tempo em que vivia o Salvador, a criança não era suportada nem amada. Em muitos povos, decidia-se, no seu nascimento, se ela devia viver ou perecer.

Mas, desde que Jesus reuniu em volta de si as crianças, espalham-se por tôda parte creches, orfanatos, institutos de tôda espécie, e virgens consagradas a Deus, espôsas do Rei dos reis, fizeram-se servas, educadoras e mães dêsses pobres sêres abandonados, sem proteção, sem lar e sem amor.

4. E esta compaixão de Jesus estende-se a tudo que é pobre, humilde e infeliz.

Bem sabia êle quão dura era para os pequenos a vida neste mundo. Infelizes, estão à mercê dos caprichos dos senhores. Para êles ninguém tem coração, ninguém tem uma atenção delicada. Quando solicitam uma coisa que

lhes é devida, parece que, concedendo-a, se lhes faz um favor; contra a violência e a injustiça dos grandes êles não têm recurso.

Oh! como essa condição é dura para o pobre! Jesus comoveu-se à vista dessa desgraça e baixou à terra sobretudo para salvar e consolar os humildes, os abandonados.

5. E para vir mais eficazmente em seu socorro e levantá-los com mais amor, o bom Jesus se fez um dêles: tomou, diz São Paulo, a semelhança de um escravo (Filip 2, 7).

Nasce de pais pobres. Sua mãe e seu pai adotivo não gozam de nenhuma consideração. Para êles estão fechadas tôdas as portas e o Criador do mundo vê-se constrangido a nascer numa estrebaria, a deitar-se num presepe e ser aquecido pelo hálito de animais.

Pouco depois os poderosos do mundo o perseguem. Vê-se obrigado ao exílio no Egito. Lá a vida é penosa, sem teto onde abrigar-se, pouco trabalho para José, pouco pão para Jesus.

Oh! como é amável êsse caro menino Deus, reduzido voluntariamente a uma negra miséria, porque quis ser efetivamente um pobre, mais necessitado que os mais pobres. Como Jesus é bom!

De volta para Nazaré, faz-se aprendiz de José, o carpinteiro.

Com o pai adotivo, vai trabalhar todos os dias; à tarde, voltam juntos a casa, trazendo aos ombros as ferramentas. E o criador do mundo leva esta vida de humilde operário, até a idade de trinta anos.

6. Chega o tempo da vida pública. Jesus, em "um sábado, vai à sinagoga com outros judeus e pede que lhe passem o livro das santas Escrituras. Abre-o ao acaso sobre a passagem de Isaías: O Espírito do Senhor está sobre mim, e por isso ungiu-me e enviou-me a pregar o

Evangelho aos pobres e curar os que têm o coração contrito. Fechando o livro, deu-o ao servidor e sentou-se. E na sinagoga os olhos de todos os assistentes fixaram-se nele. E começou por dizer-lhes: Cumpriu-se hoje a escritura que acaba de ferir vossos ouvidos" (Lc 4, 18-21).

7. Preguar aos pobres, ajudar os humildes, consolar aos aflitos, resgatar os prisioneiros, libertar os escravos, eis a missão dêsse divino Mestre. Assim manifesta-se êle desde a primeira vez que faz sua aparição em público.

Daí em diante, Jesus não cessará de ser rodeado de pobres e doentes, mutilados, cegos, surdos, mudos, infelizes de tôda sorte que virão pedir-lhe cura, conselho, consolação, defesa contra inimigos e caluniadores.

O bom Mestre a todos acolhe com a mesma clemência, cura, absolve, defende. Êle é o homem do povo e o povo bem o sente e quer fazer dêle seu rei!

8. E vós não mudastes, bom Jesus! No decorrer dos séculos, eu vos vejo de preferência rodeado de humildes e pequenos e de todos que a êles se assemelham.

Vós não amais o orgulhoso nem o rico que se apega aos seus bens.

Vós não amais o coração confiante em si mesmo, em sua própria prudência; vós vos afastais daqueles que buscam o esplendor e o poder; vós preferis a humilde solidão do coração vazio de si mesmo e de afeições estranhas.

9. Jesus, vós amais as almas pequeninas que desconfiam de si mesmas, que não buscam outro recurso que vossa bondade, nem outro apoio que vosso Coração, nem outra ciência que não o vosso amor.

Oh! com que satisfação vêdes êstes filhos que se comprimem em redor de vós para vos tomar a mão e acariciar-vos.

Como preferis sua simplicidade e ignorância à ciência das almas que têm consciência de seu valor e olham com piedade, senão com desprezo, essa devoção infantil!

Eles não compreenderam, êsses sábios, a inefável bondade e a grande indulgência de vosso Coração.

O' Jesus! como me faz bem sabê-lo acessível aos ignorantes, aos humildes e aos pequenos! Eu quero ser também um deles.

Não conheço e nem quero conhecer outra coisa que não seja vós e o vosso amor. Acolhei-me sempre.

DIA V

MEDITAÇÃO III

JESUS E' MISERICORDIOSO

Debit per omnia fratribus assimilari
ut misericors fieret (Heb 2, 18).

Ele devia ser em tudo semelhante a
seus irmãos para tornar-se misericor-
dioso.

1. Somos todos pecadores e temos tanta necessidade de um coração amigo que se compadeça de nossas misérias, compreenda nossas fraquezas, nos auxilie, nos encoraje e não se canse de nos perdoar.

Mas onde encontrar esse coração? O mundo é tão cheio de egoísmo e de crueldade. Meus melhores amigos nem sempre me valem, e, aliás, nada compreendem de minhas fraquezas.

E' para vós que me volvo, ó Jesus! Vós sois cheio de compaixão e de misericórdia.

2. E' a compaixão pelos pobres pecadores que faz baixar do céu o Verbo de Deus.

Quando o homem, depois de sua queda, jazia no abismo do pecado, sem esperança de sair de lá, reuniu-se a santíssima Trindade em augusto conselho: abandonar-se-ia à sua sorte a pobre humanidade, entregando-a sem recursos, como os anjos rebeldes, aos castigos eternos?

O Coração do Verbo de Deus moveu-se de compaixão diante desta terrível perspectiva. Ofereceu-se então a seu Pai e disse:

Eis-me aqui; enviá-me (Is 6, 8) à terra. Repararei, com a minha morte, a culpa de Adão, e oferecerei a todos os homens a possibilidade de reconquistar o céu.

E êle encarnou-se, apareceu entre nós como uma graciosa criança, submeteu-se a tôdas as fraquezas da primeira idade, e, depois, chegando à sua vida pública, revelou o mistério da redenção.

3. Eis tôda a história da humanidade regenerada; ela tem seu princípio, seu meio e seu fim na compaixão do Coração de Deus pelos nossos infortúnios.

Esta bondade misericordiosa manifestou-se a cada instante da vida tão curta de Jesus. Êle não pode ver um infortúnio sem se compadecer. Vinde a mim, diz êle, vós todos que sofreis e estais sobrecarregados e eu vos aliviarei. Se alguém tem sede que venha a mim e beba.

Êle tem compaixão da miséria do povo que anda errante como um rebanho sem pastor. Êle mesmo vai esperar a samaritana e a induz suavemente a reconhecer as suas faltas. Vai à piscina milagrosa para curar o paralítico que há trinta e oito anos padece. Vai de propósito, próximo à cidade de Naím, ao encontro do cortejo fúnebre que acompanha ao túmulo o filho da viúva. Chora sobre as desgraças que vão castigar a ingrata Jerusalém; chora, enfim, diante da dor de Marta e Maria.

4. Jesus é bom. Êle é tão bom que estaria pronto a perdoar Judas, o traidor; tão bom que morreria com prazer pelos condenados, se êles fôsem suscetíveis de redenção. E' uma revelação feita por êle mesmo a uma santa.

E' tão grande a sua compaixão que havia de sujeitar-se de bom grado a todos os suplícios da sua paixão, tantas vêzes quantos fôsem os pecadores sobre a terra, aos quais pudesse, assim, amolecer a dureza de seus corações.

5. E tu, alma cristã, se fôsses sôbre a terra a única pecadora, Jesus encarnar-se-ia por ti unicamente, e morreria para arrancar-te ao inferno e possuir teu coração.

Como é possível, pois, que tantas vêzes tenhas mêdo de Deus? Depois de tuas faltas, teu coração se aperta, concentra-se e fecha-se. Em vão Jesus bate à tua porta e convida-te para abri-la e pedir-lhe perdão: ocultas-te como Adão no paraíso terrestre.

6. A desconfiança na misericórdia de Deus, depois de tuas faltas, é um dos maiores obstáculos à perfeição.

Provém de um íntimo apoio de si mesmo, é um despeito disfarçado de sentir-se miserável.

Que há de extraordinário em ter a alma confiança em Jesus, quando ela não o ofendeu, quando tem consciência de merecer o seu auxílio?

Mas esperar nêle depois de ter pecado, quando, pela milésima vez, reincidiu no mesmo pecado, não obstante a resolução firme de se corrigir, eis o que agrada ao coração de Jesus, eis o que faz jus à sua inesgotável misericórdia, eis a confiança pela qual êle ansia. E Jesus não muda.

7. "Eis, sobretudo, o que tenho a dizer-te, minha Benigna¹, é que a alma nunca deve ter mêdo de Deus, porque Deus é misericordiosíssimo: o maior prazer do Coração de teu Jesus é conduzir numerosos pecadores a seu Pai; êles são minha glória e minhas jóias... eu os amo tanto, pobres pecadores! Escuta, minha Benigna, minha alegria, escreve isso: O maior prazer que se me possa fazer é crer no meu amor; quanto maior fôr a confiança, tanto maior é o meu prazer, e, se querem que o meu prazer seja imenso, é preciso que não haja limites a essa fé em meu amor... Se eu sou bom para todos, sou mais ainda para os que confiam em mim. Sabes quais

¹) Irmã Benigna Consolata (1885-1915).

são as almas que mais se aproveitam de minha bondade?... As almas confiantes são as ladras de minhas graças... Escreve que é indizível o prazer que me causa a alma confiante...”.

8. Por que Jesus, nestes últimos tempos, precisa manifestar de novo o desejo que tem de esquecer, de perdoar, de enriquecer de graças as âlmas pecadoras mais confiantes?

Sem dúvida, ó bom Mestre, porque nos esquecemos de reler o vosso Evangelho, de aplicar a nós mesmos as parábolas do filho pródigo, a conversão da samaritana, da mulher adúltera e tantas outras.

Esquecemo-nos de reler vossa promessa de sempre atender-nos quando rezamos, de carregar-nos nos vossos ombros, quando, pobres ovelhas, somos desvencilhados pelas vossas mãos piedosas dos espinhos do pecado.

9. O' Jesus, eu quero ser confiante, quero voltar aos vossos pés sem temor e sem despeito, quero sentir alegria na minha fraqueza, quero fazer de minha miséria um título a vossa perpétua bondade.

Não sois o Salvador? a razão de vossa presença em mim não é perdoar-me, purificar-me com vosso contacto? Vós não viestes chamar os justos, mas os pecadores.

Jesus, eu tenho confiança em vós, eu vos amo.

DIA V

MEDITAÇÃO IV

JESUS É FIEL

Et non rapiet eas quisquam de manu mea (Jo 10, 15).

E ninguém as arrancará de minhas mãos.

1. Nosso coração é assim feito, que busca sem descanso um amigo fiel e, quando o encontra, crê possuir um tesouro.

O amigo fiel é, com efeito, preferível ao ouro e à prata.

As riquezas de nada valem quando no coração não há amor.

Ao contrário, a privação, o sofrimento perdem sua amargura quando um coração amigo vem compartilhá-las conosco.

2. Jesus conhece esta lei de nosso coração humano e quis ser nosso amigo fiel. Ainda mais, êle encheu nosso coração de exigências tão vastas e deixou-o exposto a fraquezas tais, que nenhum amigo terrestre pode satisfazê-las nem supri-las completamente.

Oh! como isso é verdade. Ninguém seria bastante paciente conosco a não ser um Deus. Somos tão inconstantes, tão caprichosos, e com tudo isso exigentes, que é preciso a Jesus uma bondade infinita para não nos abandonar.

Hoje estamos alegres, amanhã, tristes; hoje, atenciosos, amanhã, de mau humor, cheios de amor-próprio, incapazes de uma mortificação. E queremos que em redor de nós todos sejam sempre bons, pacientes e tolerantes, sempre cheios de atenções e amabilidades.

Realmente, ninguém terá virtudes bastantes para nos ser sempre fiel.

3. Jesus, é a vós que me dirijo: vós sois o amigo fiel, aquêlê que não desampara, aquêlê que sempre me suportou, sempre me atendeu com paciência.

Quando meu coração se perdia entre as criaturas e buscava nelas uma satisfação que me não podiam dar, vós me esperáveis silencioso e paciente, e quando, enfastado de tôda alegria humana, eu me dirigia a vós, acolhestes-me com ternura.

Quando me descuidava de dirigir-me à vossa bondade em minhas necessidades, e ia haurir a felicidade em cisternas áridas, não cessastes de me chamar para o vosso Coração, fonte perene de tôda a felicidade.

4. O' Jesus! vós sois fiel, sois meu divino amigo para sempre.

Fôstes vós quem assim disse: Eu dou minha vida pelas minhas ovelhas; ninguém as roubará da mão de meu Pai (Jo 10, 15-29).

Cristão, meu irmão, se queres ser o amigo de Jesus, se queres amá-lo de todo o teu coração, o céu e a terra podem perecer, mas tua alma não perecerá.

Lembra-te desta verdade nos momentos difíceis.

5. Bem o sei: por vêzes a tristeza vem bater à tua porta.

O exílio é bem longo, o caminho bem monótono e Jesus está tão longe!

A alma tanto tem ouvido falar dêsse país de amor, dessa casa de seu Pai e continua a gemer aqui em terra estranha!

Falaram-lhe tanto de Jesus, de seu terno amor, de suas delicadas atenções, dos cuidados paternais que tem para cada alma, e parece que diante dela êle se oculta!

E os pensamentos sombrios se avolumam. Quem nos diz que Jesus se interessa pela sua pobre existência? Ela que têm sido tão infiel, tão covarde e tão ingrata! Quem nos diz que os seus projetos de santidade não são apenas sonhos que se dissipam ao aproximar-se o crepúsculo da sua vida?

6. Oh! certamente, alma querida, são bem tristes êsses pensamentos. Mas êles não vêm de Jesus. Vêm de teu inimigo, que procura desanimar-te nas horas difíceis.

Jesus não fugiu de teu coração. Oh! não. Teu coração é um agradável santuário onde êle se compraz, onde observa feliz o esforço que fazes para lhe ser agradável, de onde te oferece o auxílio necessário para que não sucumbas na luta.

Jesus não te abandonou. Quando muito, oculta-se à tua vista para mover-te a buscá-lo com mais fervor, a servi-lo com mais pureza e mais renúncia de ti mesma.

7. Certo dia, os apóstolos navegavam no lago de Genesaré. Jesus, fatigado, adormece na barca. Súbito, surge violenta tempestade. Amedrontam-se os apóstolos.

Jesus dorme também, por vêzes, em tua alma. Durante o seu sono, a aridez, a distração, o tédio, a tentação, a dúvida e as sombrias previsões do futuro sobem como vagas furiosas e ameaçam submergir tua frágil embarcação.

Inquieta, apressas-te em acordar o Mestre que dorme. Lamentas-te repetindo que não amas a Deus, que Jesus dorme devido aos teus pecados, que tua barca vai soçobrar. Confias teus males a quem quiser ouvir-te. Enfim, tanto fazes que Jesus, de bom ou mau grado, acorda para ordenar aos ventos e à tempestade, mas também para dizer-te "Alma de pouca fé, por que duvidaste?"

8. E' que Jesus quer que se creia em seu amor (Jo 4, 16). Quando lhe apraz dormir, deve-se deixá-lo repousar e dizer com Santa Teresa do Menino Jesus: "Menino Deus, estás fatigado, porquanto poucos são os corações que te oferecem hospitalidade: repousa, pois, no meu. Dorme, meu Jesus; durante teu sono, cantarei um cântico de amor!"

Saibas, pois, para tua consolação, que não existe e jamais existirá uma alma, por mais fervorosa que seja, que não sinta impressões semelhantes àquelas que fazem o teu tormento.

Há almas boníssimas nas quais essas provações duram anos e anos, em outras dura tôda a vida e em outras enfim desaparecem em pouco tempo.

9. Oh! como as almas conhecem pouco seus verdadeiros interesses! Se elas deixassem Jesus absolutamente livre de fazer nelas sua vontade, aliás sempre boa, avançariam a passos de gigante na perfeição.

Elas querem, porém, controlar a ação do divino Artista. Querem ter suas garantias e, mais ainda, querem gozar de Jesus.

Elas consentem em amá-lo, contanto que êsse amor lhes proporcione, desde já, uma satisfação. Querem servir a Jesus; desejam, porém, que êle as sirva por sua vez.

10. Longe de ti, minha alma, semelhante pretensão! Jesus tem sido excessivamente bom para contigo: Não tem êle o direito de exigir de ti confiança na sua amizade? Vives aqui no mundo nas sombras da fé; podes, pois, exigir as claridades da visão?

Que mérito há se amas a Jesus presente cumulando-te de carícias? Que glória lhe dás se te apegas a êle, atraída pelas suas bondades e suas doçuras? Assim, até os próprios pagãos são suscetíveis de amar.

Sê forte e magnânimo. Não és um mercenário. Consagra-te teu amor a Jesus porque êle é imensamente digno.

E' nas obscuridades, nas distrações, nas penas interiores, nas ausências aparentes de Jesus, que lhe podes dar provas de teu amor.

Aviva, pois, a tua fé e lembra-te que êle disse que ninguém te arrancará de suas divinas mãos. Lembra-te que êle se interessa por ti mais que por todo o universo material; que êle tem os ouvidos atentos quando murmuras um ato de abandono, que seu Coração estremece de felicidade quando lhe fazes um sacrifício.

11. Oh! como és amada. És o filho da casa, exilado, porém. Lá em cima, um Pai e uma Mãe seguem todos os teus passos com solicitude, irmãos e irmãs contam já os dias que te separam ainda do doce e eterno encontro.

O' Jesus! será verdade que lá em cima, no céu, se interessam pela minha vida tão insignificante e monótona; que os anjos e os santos esqueçam, de algum modo, o amor tão puro que vos dedicam para não prestar atenção senão ao balbuciar do meu pobre coração esforçando-se por amar?

Será verdade que êles invejam, por assim dizer, a minha sorte, êsses santos que tanto quizeram sofrer por Jesus, o que agora não lhes é possível, enquanto que eu posso ainda trabalhar por Jesus e sofrer por êle?

Pensa, pois, minha alma, como Jesus deve amar-te e como o céu há de inclinar-se para ti com respeito e reconhecimento!

12. Oh! Não quero mais afligir-me, nem entregar-me à dúvida, nem ao pesar, pensando que a vida é bem longa, o caminho obscuro e a pátria longínqua. Sou o filho de família impacientemente esperado lá em cima, ardentemente querido, protegido com solicitude por uma terna Mãe e por Jesus, o amigo fiel, meu irmão predileto.

DIA VI

MEDITAÇÃO I

JESUS E' AMANTE

Ecce quomodo amabat eum (Jo 11, 36).
Vêde como êle o amava.

1. Ninguém ainda nos amou e ninguém nos amará tanto quanto Jesus. Êle fêz nosso coração semelhante ao seu para poder amá-lo mais e excitá-lo a um amor recíproco. Êle conhece-o em todos os mínimos recantos e compreende-lhe tôdas as generosidades e fraquezas e conta tôdas as palpitações. Vela sôbre nós como mãe alguma velaria pelo filho.

Assiste à nossa cabeceira à noite para que, ao despertarmos, seja para êle o primeiro movimento de nosso coração. Fica conosco durante o dia para que nenhum perigo ou tentação nos possa prejudicar. Permanece perto de nós no santo tabernáculo, com sua humanidade santa, de mêdo que o esqueçamos e nos inclinemos a um amor estranho.

2. Êste amor Jesus sempre teve para conosco: "Eu sempre te amei com um amor eterno; na minha misericórdia eu te atraí a mim" (Jer 31, 3).

Oh! com efeito, assim é. Êle preveniu-nos, vendo nossa miséria, atraiu-nos ao seu coração e aí nos conserva até à morte, de mêdo que o abandonemos.

Oh! o amor de Jesus é uma fornalha ardente da qual não vemos, aqui na terra, senão algumas centelhas. Elas são, porém, suficientes para sentirmos o seu ardor.

3. Algumas dessas centelhas desprenderam-se do Coração de Jesus enquanto êle vivia sôbre esta terra. São as provas do amor inefável que êle nos deu, apresentando-se entre nós sob o aspecto de uma criança chorando no presepe e estendendo suas mãos para acariciar-nos.

São ainda suas carícias divinas para todos os infelizes, durante sua vida pública, a predileção pelas crianças, a solicitude pelos pobres e deserdados dêste mundo.

E' a sua atroz paixão; é, na véspera de seu suplício, a instituição da santa eucaristia e o desejo de ficar conosco até ao fim dos séculos.

4. Que ternura nestas palavras de Jesus aos seus discípulos, poucas horas antes de morrer (Jo 13, passim): "Filhinhos, por pouco tempo ainda estarei convosco; não vos perturbeis... eu vou preparar-vos um lugar... levar-vos-ei comigo, para que, onde eu esteja, estejais vós também... não vos deixarei órfãos no mundo".

Que bondade, que condescendência nas múltiplas aparições com que, depois de sua ressurreição, favoreceu os discípulos e a ardente Madalena! Que solicitude para que êles não sofram com a sua ausência, para que não se aflijam com a sua ascensão ao céu!

Ainda não é tudo! Parece que, depois da sua ascensão, a ternura de Jesus, para com aquêles que ficaram na terra do exílio, centuplicou-se. Desde êsse tempo, êle não cessou de manifestar seu amor, de uma maneira sensível, às almas que lhe são dedicadas.

5. Não parece que o tempo presente deve ser o tempo da fé pura, o tempo da obscuridade e da esperança? Porém a ternura de Jesus não pode esperar a eternidade para manifestar-se a seus filhos. Não há uma só alma,

que se entregue a Jesus, que não conheça esta misteriosa intimidade, essa expansão deliciosa que se estabelece entre ela e Jesus, ainda mesmo neste mundo; e esta comunicação sobrenatural tomou, em certas almas, proporções assombrosas.

Quem não medita, aqui, no amor, mesmo sensível, na ternura admirável manifestada por Jesus a Gertrudes, a Matilde, a Margarida Maria, a Pascoal Bailão, a Geraldo Majela e a tantos outros, sobretudo nos nossos tempos?

6. Sem dúvida, Jesus por vêzes retira da alma sua presença sensível. As mais privilegiadas passaram por esta prova.

Jesus assim age para fortificá-las no amor. Ele mergulha a alma nas trevas, para que ela se apegue, não às doçuras espirituais, mas à sua divina Pessoa. Essas mortificações são precisamente a prova maior de seu vigilante amor.

7. Oh! como se deveria pagar com usura êsse amor a um Coração tão amante! Como se deveria dizer a Jesus e repetir-lhe que o amamos e confiamos no seu amor!

E' bem de temer que êsse divino amigo, cuja alma é tão delicada e tão dedicada, sinta por vêzes essa terrível solidão do coração que tanto faz sofrer!

Quantos altares onde êle se sente cercado de corações frios e mesmo secretamente hostis, onde não há para êle nenhuma atenção delicada!

Nenhum amigo íntimo dentro de uma paróquia, quem sabe, mesmo num convento; nenhuma alma na qual êle possa confiar, com a qual possa entreter-se à vontade e na intimidade!

Oh! como êle se sente só nesses lugares onde a sua permanência lhe deve ser tão penosa.

E o padre que deu a Jesus um tabernáculo, que o convidou para sua casa, não cogita em trazer-lhe visitantes,

procurar-lhe amigos, fazer conhecer àqueles que lhe foram confiados qual é o benfeitor que reside tão perto dêles.

8. Não sentiste, alma que nasce, exalar-se do tabernáculo a queixa discreta do divino Prisioneiro?

“Os homens testemunham-me mais respeito que amor. Sem dúvida, agradam-me suas homenagens, mas tenho sede de seus corações, e com tôdas as suas demonstrações de respeito sinto-me, em meio dêles, como um chefe que se teme, um monarca cujo poder se receia.

E raramente se aproximam de mim com intimidade, para entreter-me e transbordar seu coração no meu.

O que eu quero, é o abandono filial, é a ternura, é a intimidade. Eu tenho um coração humano. Quero mais confiança, cordialidade franca, mais abandono entre mim e meus filhos.

Oh! como me entristece sentir-me estranho no seio de minha própria família, fundada por mim mesmo, em meio de meus filhos pelos quais morri e que alimento com a minha carne e meu sangue!

Tu, meu filho, amas-me bastante; dilatarei as paredes de teu coração para que teu amor tome proporções quase infinitas e por ti quero fazer ouvir minha voz a outras almas.

Quero criar, nestes últimos tempos, uma plêiade de almas boas que me amarão sem restrição e junto das quais meu Coração triste irá expandir-se e confiar suas delusões.

Elas não terão outra coisa a fazer senão amar-me; terei cuidado de tudo quanto lhes diz respeito. Eu as quero para mim. Farei delas o que eu quiser. A elas compete confiar-se e amar-me.

Elas serão minha família aqui na terra, minha casa aonde poderei retirar-me quando me sentir estranho entre os homens.

Elas formarão minha Betânia; junto delas irei repousar das minhas fadigas e consolar-me de minhas decepções.

Em recompensa de sua afeição, de seu amor delicado, santificá-las-ei, associá-las-ei à minha obra de redenção. Se alguma coisa pode prender-me neste mundo e fazer-me suportar com paciência minha triste situação nos tabernáculos, é o seu amor, suas orações, seus sacrifícios.

Eu sou assim, que nem posso recusar o que se me pede, e, para as almas que me amam sinceramente, faria prodígios inauditos, criaria de novo o mundo, morreria milhares de vêzes no mesmo abandono e na tristeza cruel que senti sôbre a cruz. Oh! como eu as amo, a essas almas! Elas bem o sabem, se bem que incapazes ainda de compreender tôda a minha ternura!

Dá-me dessas almas. Louva em tôdas as ocasiões o meu amor, aos sábios e aos ignorantes, até mesmo às crianças. A semente de tua palavra não se perderá. Aqui e ali, levantar-se-ão almas de boa vontade. E' a minha graça que as fará germinar, é o meu sol, a minha caridade que as fará amadurecer.

Oh! como eu quero ser amado e tratado como confiante e amigo!"

DIA VI

MEDITAÇÃO II

JESUS SOFRE

Tristis est anima mea usque ad mortem (Mc 14, 34).

Minha alma está triste até à morte.

1. Há vinte séculos, quando ninguém pensava ainda em mim, quando ninguém podia ainda suspeitar que um dia eu existiria, um Coração me amava, interessava-se pela minha felicidade e se entristecia pelos meus pecados futuros.

Oh! como êsse último pensamento me punge a alma de dor e remorso! Jesus entristeceu-se e sofreu por causa de meus pecados e dos de cada homem em particular.

2. Jesus era Deus. Via clara e minuciosamente todos os meus pecados e os crimes do mundo inteiro. Contava-lhes o número e pesava-lhes a gravidade e compreendia a malícia infinita de todos êles.

Continuamente tinha diante dos olhos essa montanha de crimes; continuamente pesava no seu coração a ofensa infinita feita a Deus, ofensa tantas vêzes repetida e desejada, de algum modo, pela vil criatura humana.

As lágrimas que derramou no presépio foram lágrimas de tristeza à vista de tantas ingratidões. Quando môço,

a idéia de todos os sofrimentos e da morte, que o esperavam, jamais o abandonou.

3. Diz a piedade cristã que, estando Jesus já crescendo e começando a andar, no vaivém contínuo em torno de José na sua oficina de operário, tomou dois pedaços de madeira e, dispondo-os em forma de cruz, mostrou-os à santa Virgem. Vendo-os, os olhos da Mãe arrasaram-se de lágrimas e o Coração de Jesus encheu-se de tristeza.

A menor lembrança reabria essa ferida na alma de Jesus e de Maria. A vista de um cordeiro, de uma pomba, a vista de pregos, de um martelo, ou de outros instrumentos da paixão, lembravam os cruéis suplícios que esperavam o inocente Jesus.

Quando revestia o Filho da pequena túnica, diz S. Afonso, Maria entrevia o dia em que lhe arrancariam as vestes para flagelá-lo e crucificá-lo; quando o alimentava com o seu leite virginal, pensava no fel e vinagre que lhe dariam para mitigar-lhe a sede; quando olhava as mãozinhas que se estendiam para abraçá-la, via-as perfuradas com grossos cravos e fixadas na cruz; quando lhe envolvia em faixas o corpinho, transportava-se em espírito junto ao túmulo onde havia de envolvê-lo um dia no sudário.

4. Oh! que amargura para o coração dessa Mãe e desse Filho, que tudo sabiam de antemão! E a dor aumentava à medida que se aproximava o dia fatal.

Durante a vida pública de seu querido Filho, e sobretudo no último ano, Maria tinha quase sempre os olhos rasos de lágrimas e o pensamento em Jesus, nos seus sofrimentos, e na sua morte, não mais a abandonava.

Algumas palavras do Evangelho no-lo dizem quando mesmo não o adivinhassem os nossos corações.

Um dia, atravessando a Galiléia, Jesus disse aos discípulos: O Filho do homem será entregue nas mãos dos

homens que o farão morrer, e, ao terceiro dia, ressuscitará. E os discípulos entristeceram-se profundamente (Mt 17, 21-22).

Uma outra vez, indo a Jerusalém, Jesus levou consigo seus doze apóstolos e lhes disse: Eis que vamos a Jerusalém e o Filho do homem será entregue aos príncipes dos sacerdotes e aos escribas e eles o condenarão à morte. E eles o abandonarão aos gentios para ser escarnecido, flagelado, e ao terceiro dia ele ressuscitará (Mt 20, 18).

E no dia de sua glória durante a transfiguração no monte Tabor, Moisés e Elias entretêm-se com ele sobre a cruel morte a que teria de sujeitar-se em Jerusalém (Lc 9, 31).

5. Chega, finalmente, êsse dia de suprema tristeza, dia, aliás, tão desejado pelo amante Redentor.

Jesus despediu-se de sua Mãe, entreteve-se tristemente com ela sobre os dolorosos acontecimentos que deviam seguir, consolou-a com a visão de sua próxima ressurreição e do resgate do gênero humano. Depois abraçou, pela última vez, a pobre Mãe em lágrimas, e afastou-se lentamente, o coração partido, para presidir a última ceia, que seus discípulos lhe haviam preparado.

6. Aqui, novas tristezas. Vinte séculos são passados, e nossos corações tão frios enchem-se ainda de piedade ao ler estas palavras do Evangelho: "Em verdade, em verdade eu vos digo, um de vós há de me entregar". E estas outras palavras de Jesus a Pedro: "Em verdade, em verdade eu te digo: Não cantará o galo sem que me tenhas negado três vezes" (Jo 13, 21-38). Eis que vem e já é chegada a hora em que sereis dispersos, cada um de seu lado, e me deixareis só.

7. O que aflige ainda mais o divino Mestre é deixar seus discípulos como ovelhas sem pastor, os quais, na sua ignorância, não compreendem a desgraça prestes a cair

sobre êles. Agora, disse Jesus, vou para aquêles que me enviou, e nenhum de vós me pergunta: para onde ides? (Jo 16, 5).

O bom Jesus, porém, esquecia-se da sua própria dor e, consolando ainda seus discípulos, acrescentou: Agora vós tendes tristeza, mas eu vos tornarei a ver, e vosso coração se há de alegrar, e a vossa alegria ninguém vo-la poderá tirar (Jo 16, 22).

8. Ao pronunciar estas últimas palavras, Jesus já estava em caminho para o horto das Oliveiras! Quando lá chegou sentiu-se invadido pela tristeza e pelo tédio e disse: Minha alma está triste até à morte. Ficai aqui e velai comigo (Mt 26, 38).

E Jesus foi como que envolvido por mortal angústia, um suor de sangue cobriu-lhe todo o corpo e, embebedando-lhe as vestes, correu até ao chão (Lc 22, 44).

9. Oh! quanta tristeza Jesus sofreu pelas nossas ingratidões!

Previa então que, de sofrimentos tão intensos, poucos seriam os resultados; que muitos homens passariam indiferentes diante de sua cruz, muitos outros recusar-se-iam a conhecê-lo, mais ainda, haviam de blasfemar e esforçar-se por afastar as almas simples; enfim, um número incalculável de almas jamais ouviriam pronunciar seu nome.

Oh! como nossos corações se oprimem de tristeza à vista de tanta ingratidão dos homens. Bom Mestre, perdoai as nossas ofensas como perdoastes sobre a cruz e derramai graças abundantes sobre todos os homens, a fim de que todos sejam forçados a reconhecer-vos e amar-vos.

10. E tu, alma tão amada, toma a resolução de consolar o Coração de Jesus e promete conquistar-lhe outras almas.

O' Jesus! como eu desejava estar lá no horto das Oliveiras, para consolar-vos com a minha fidelidade! Como agradeço a Verônica ter afrontado as injúrias, os golpes, para tocar com seu véu o vosso rosto sagrado; como me consola a compaixão das filhas de Jerusalém pela vossa sorte; como eu teria desejado ainda ajudar Simão a levar vossa cruz e aliviar assim vossos padecimentos, como, sobretudo, agradecer a vossa pobre Mãe de vos ter seguido até o Calvário, de se ter aproximado bem perto de vosso patíbulo para melhor partilhar dos vossos sofrimentos, e ter querido com a sua heróica fidelidade poupar-vos a pena que vos causariam nossas futuras pusilanimidades!

O' Jesus! eu vos amo, eu quero consolar-vos a poder de amor e paciência. Auxiliai-me!

DIA VI

MEDITAÇÃO III

JESUS MORRE POR NÓS

Cum adhuc peccatores essemus, Christus pro nobis mortuus est (Rom 5, 8-9).

Quando ainda éramos pecadores Cristo morreu por nós.

1. Não há prova maior de amor do que sofrer pelo objeto amado. E' Jesus mesmo quem no-lo diz: Ninguém tem maior amor do que aquêle que dá sua vida pelos seus amigos (Jo 15, 13).

Vós, Jesus, observa São Paulo, nos destes um testemunho de amor maior ainda, morrendo por nós quando éramos vossos inimigos.

Jesus foi bom para o homem durante tôda a sua vida. Porém, no último dia da sua vida, êle deu dessa bondade provas que causam assombros aos céus e à terra. Para salvar o homem, culpado, e provar-lhe seu amor, êle quis ser mergulhado num oceano de humilhações e de angústias.

Para compreender um pouco êste acúmulo incrível de tormentos interiores e exteriores, é preciso refletir primeiro nas causas íntimas da paixão de Jesus.

2. Nosso amante Salvador, sendo cabeça do corpo místico do qual nós somos membros, queria experimentar

em seu coração, sòzinho, tôdas as penas, tristezas, humilhações, angústias que um dia torturariam todos os seus filhos e cada um dêles em particular.

Ele quis sentir em si mesmo, com tôda a intensidade, a angústia que oprimiria um dia o coração de cada um de seus irmãos, a fim de torná-la mais suportável.

Que se medite no quanto há de aflição, de dolorosas angústias num só coração humano, num coração de mãe no leito de dor de seu filho, num coração de órfão sôbre o túmulo de seu pai e de sua mãe.

Multiplique-se à vontade esta dor, acrescentando-se-lhe tôdas as amarguras experimentadas ou a experimentar por um coração humano: será apenas uma sombra da dor que Jesus, sòzinho, experimentou em seu Coração.

3. Jesus queria, além disso, suportar, êle só, no seu corpo, tôdas as dores físicas que, no decorrer dos séculos, seriam espalhadas sôbre tôdas as criaturas humanas juntas.

Que se nos apresente esta série interminável de males, doenças de tôdas as espécies, de chagas horríveis, úlceras atrozes que ocultam todos os hospitais do mundo, que se acrescentem as crueldades, as mutilações, as carnicinas nos campos de batalha, que se afigurem enfim todos os gêneros de suplícios infligidos a milhões de mártires, as unhas de ferro, as lâminas ardentes, as tenazes, as correias de couro, os punhais, as rodas dentadas, os animais ferozes, a água fervendo.

Jesus quis, primeiro que tudo, sofrer, êle só, em seu corpo, todos êsses suplícios que um dia iria sofrer cada um de seus eleitos.

4. Demais, Jesus devia expiar na sua paixão todos os pecados mortais e veniais de cada um dos homens que viveram ou hão de viver no mundo; tôdas as injustiças, impurezas, crueldades, ingratidões, tôdas as blasfêmias, todos os escândalos.

Ele devia expiar a malícia de cada um desses pecados. Ora, esta malícia é infinita. O pecado é a ofensa a um Deus, o insulto de um verme da terra lançado ao rosto do Rei dos reis.

Esta montanha de pecados, com sua malícia infinita, pesava sobre o Coração do divino Redentor. Ele devia satisfazer por todos, em cada minúcia e em todo o rigor.

5. Ele devia, além disso, sujeitar-se à pena devida por todos esses pecados.

Devia satisfazer inteiramente e sem auxílio de ninguém.

Como poderia um só homem, fôsse ele um homem-Deus, sofrer tanto em seu coração e no seu corpo para satisfazer tão completamente a tôdas as exigências da justiça divina?

Será sempre um mistério para nós. Ninguém, nem mesmo a santa Virgem, sondou o abismo de dor no qual morreu Jesus. Sabemos tão somente que ele morreu simplesmente de dor.

6. Não ignoramos, aliás, que Deus Pai deu a seu filho um corpo e um coração feitos expressamente para sofrer, que ele lhe comunicou uma sensibilidade e delicadeza tais, que o sofrimento pudesse atingir o grau exigido pela sua justiça.

Sabemos, enfim, que Deus, em sua justiça, e o inferno, em seu ódio, multiplicaram tão pròdigamente os suplícios e os variaram tão horrorosamente, que a pobre vítima foi como que submergida numa tempestade de dor: *Veni in altitudinem maris et tempestas demersit me* (Sl 68, 3).

7. Ele foi ligado, amarrado, arrastado, esbofeteado. Seu corpo foi retalhado por unhas de ferro. Sua fronte, varada por enormes espinhos. Seu semblante, coberto de horríveis escarros; seus ombros, amolgados pela madeira da cruz; suas mãos e pés, transpassados por pregos; seus membros, estirados, seus nervos rompidos, suas articula-

ções, afrouxadas, sua barba, arrancada, sua bôca, abraçada pela sêde, seus olhos, cheios de grumos de sangue, seus ouvidos, feridos pelas blasfêmias.

Êle foi escarnecido pelos soldados no jardim das Oliveiras, vilipendiado como falso profeta diante de Anás, acusado de impostura e mentira diante de Pilatos, tratado como insensato por Herodes, considerado mais abominável que o assassino Barrabás, por tôda a multidão, reconhecido digno de morte pela turba, exposto como um rei de teatro às pilhérias da soldadesca, zombado pelos príncipes da sinagoga, pelo povo, criados e até mesmo pelo assassino crucificado com êle.

E todos, amigos e inimigos, concorreram para êsse suplício: o Pai celeste com sua rigorosa justiça, o inferno com seu ódio, Judas com sua traição, os discípulos com sua covardia, Pedro com sua infidelidade, os criados com sua insolência, os soldados com sua brutalidade, os príncipes dos sacerdotes com sua perfídia, Pilatos com sua pusilanimidade, Herodes com seu desprezo e compaixão impotente, e a divina Mãe com sua dor inconsolável.

8. Enfim, o que rematou todos os suplícios e os intensificou ao infinito, foi o que sentiu a humanidade santa de Jesus pelo abandono de seu Pai celeste. E êle soltou o brado aflitivo que despedaçou o coração de Maria! Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste? (Mt 27, 46).

9. Minha alma, medita longa e minuciosamente na paixão de teu Jesus: jamais sondarás o fundo dêsse abismo. Perguntas por que tantos suplícios?

Únicamente para expiar teu pecado e obter o teu amor.

Concebe, pois, um horror salutar ao pecado, um horror sem limites e, depois... decide-te a dar a Jesus o que êle tão ardentemente deseja de ti: dá-lhe teu coração.

O' Jesus! que sou eu para que me tenhais amado tanto?

O que é o meu amor para que vós tenhais preferido morrer, e de que modo, a me ver perdido?

O que é a palpitação de amor de meu coração para que vos tenhais exposto a tais tormentos a' fim de garanti-lo?

Que poder exercem, pois, sôbre vós essas simples palavras: Jesus, eu vos amo! para que estejais pronto a fazer de novo a vossa paixão, se fôsse possível, para ouvi-las pronunciadas por mais uma alma?

O' Jesus! eu vos amo, eu vos amo! Esta aspiração, tão cara ao vosso Coração, repeti-la-ei sem cessar. Ela será o comêço, o meio e o fim de minha vida espiritual.

DIA VI

MEDITAÇÃO IV

JESUS EUCARISTIA

Ego sum panis vivus (Jo 6, 51).

Eu sou o pão vivo.

1. Depois de haver oferecido por nós a vida, parece que o divino Mestre nada mais tinha a nos dar. E, tivéssemos vivido perto d'êles, não teríamos podido sugerir-lhe outro meio de nos provar o seu amor.

Entretanto, a Sabedoria e a Bondade infinitas reservaram o benefício dos benefícios, aquêles que excederia em grandeza, em perpetuidade, em universalidade a todos os outros, que de algum modo concentraria todos num só, porém intensificando-lhes o valor, estendendo-lhes o fruto a cada um, até ao fim dos tempos.

Realmente, Jesus é admirável. Ofereceu-se aos homens, nascendo por êles de uma Virgem, vivendo com êles, sacrificando-se por êles, e eis que a santa Eucaristia vai renovar êsses três benefícios de uma maneira inefável.

2. Pelas palavras da consagração, Jesus vai nascer todos os dias de uma maneira misteriosa nas mãos dos sacerdotes, tão realmente como nasceu da puríssima Virgem Maria.

E esta presença não será efêmera. Esse Jesus, que conviveu trinta e três anos com os homens, vai estabelecer agora sua residência entre eles para sempre.

Todos poderão aproximar-se d'ele, expor-lhe suas suplicas, confiar-lhe suas penas, e sobretudo confessar-lhe seu amor.

Outrora, José de Arimatéia escolhia a noite para sua visita; agora todos, sem temor, podem apresentar-se-lhe a qualquer hora.

Os gentios dirigiram-se a Filipe para que avisasse o Mestre que queriam falar-lhe: mas, aqui, todos, mesmo o pecador, apresenta-se sem recomendação e é admitido sem demora e sempre divinamente recebido.

Nós invejamos, quem sabe, a felicidade dos fiéis que assistiram ao grande sacrifício da cruz, onde o Senhor do mundo morria por seus escravos.

Não obstante, graças à engenhosa caridade de Jesus, temos na santa missa o renascimento não sangrento, porém verdadeiro, do drama do Calvário, e cada fiel pode aplicar a si mesmo os méritos infinitos desse sacrifício ou aplicá-los às almas que quer socorrer.

E assim será até ao último dia do mundo, pois Jesus nos prometeu não nos deixar órfãos, e permanecer conosco até ao fim dos tempos.

3. Mas há, ainda, o mais admirável. Esse Jesus não se satisfaz em ser nosso hóspede no santo tabernáculo; quer habitar em nós, com seu corpo e sua alma, com sua humanidade e sua divindade.

Para chegar seguramente até ao nosso coração, cujo amor tanto deseja, faz-se nosso alimento e insinua-se no mais íntimo de nós mesmos; penetra no centro do nosso ser humano, envolve nossas potências, purifica-as, enche-as e transforma-as.

Eu sou o Pão vivo, diz êle; aquêle que come o meu corpo e bebe meu sangue tem a vida em si.

Jesus é o Pão vivo; êle é a vida, e para no-la comunicar mais seguramente, faz-nos comê-la e bebê-la.

“Come a vida, diz S. Agostinho¹, bebe a vida, assim terás a vida por excelência”.

4. Que maravilha não opera na alma bem preparada aquêle que aí vem somente para dar!

Êle é a vida em essência: “Aquêle que come a minha carne e bebe o meu sangue, diz êle, viverá em mim” (Jo 6, 57).

Êle é luz: à sua aproximação tôdas as trevas dissipam-se instantâneamente.

Êle é a caridade: que coração, fôsse êle de gêlo, não se fundiria quando o calor por excelência, o amor infinito, o envolvesse e penetrasse por todos os lados?

E todos êsses benefícios Jesus os tem em reserva para tôdas as almas que querem vir até êle, e isso até ao fim dos tempos.

5. E' verdade que, para realizar êsse milagre de bondade, Jesus deverá multiplicar como que infinitamente os prodígios de seu poder. Deverá suspender, de algum modo, tôdas as leis da natureza para tornar-se presente, simultâneamente e todo inteiro, sem ser percebido pelos sentidos, sôbre todos os altares católicos, em tôdas as hóstias e parcelas de hóstias consagradas.

Êsses prodígios, deverá renová-los todos os dias, à voz de cada um dos padres que oferecerem o santo sacrificio da missa.

O que são, porém, os milagres para Jesus onipotente, quando êle pode assim satisfazer seu amor e causar prazer aos seus filhos?

¹) Sermo 2. De Verbis Apost.

6. E' ainda verdade que, para instituir a santa eucaristia, Jesus transpôs montanhas de obstáculos. Foi-lhe preciso enfrentar a incredulidade daqueles que não querem crer no seu amor.

Foi-lhe preciso também arrostar muitos ultrajes.

Previa que os inimigos, no decorrer dos séculos, se incumbiriam de injuriá-lo no seu sacramento de amor, se apoderariam de hóstias consagradas para profaná-las com a blasfêmia e a luxúria, nas suas infames reuniões.

Foi-lhe preciso ainda enfrentar a indiferença dos fiéis e, o que é pior, a traição de alguns de seus ministros. Haveria padres indignos, bem o sabia Jesus, que não consagrariam senão para injuriá-lo e mergulhá-lo numa consciência manchada.

Foi essa, sem dúvida, a dor mais sensível ao Coração de Jesus, êsse beijo de Judas renovado no decurso dos séculos.

7. Jesus sabia, pois, tudo quanto o esperava de injúrias, ultrajes, ingratidão, covardia, indiferença, se ficasse entre nós; sabia também que algumas almas o amariam para sempre, até à morte. Êle sabia as delícias, a consolação e o confôrto que as almas simples haviam de haurir na sua presença. Poderia êle recusar-lhes êsse benefício, êle, que era tão bom?

O' Jesus! eu vos amo e vos agradeço ter instituído a santa eucaristia.

8. Eu imagino êsse momento solene em que tomaste na mão o pão e o vinho e pronunciastes aquelas extraordinárias palavras: Tomai, êste é meu corpo; bebei, êste é meu sangue.

Afigura-se-me que, nesse instante, vossos olhos, divinos encheram-se de lágrimas de felicidade, pensando nos felizes que fariéis, até ao fim dos tempos.

E gosto de pensar, Jesus querido, que Vós, que sabeis tudo e que vêdes tôdas as coisas como se fôsseis presen-

tes, vos apercebestes então de minha alma tão pobre, mas tão esfaimada, e vosso Coração tão indulgente estremeceu de felicidade, pensando no prazer que havíeis de fazer-me e na consolação que me preparáveis.

9. O' Jesus! como eu vos amo por tanta bondade e como vos prometo com sinceridade jamais cessar de vos repetir meu cântico de amor: Jesus eu vos amo!

Vós dissestes um dia a Santa Matilde que a abelha não se lança com mais avidez ao cálice das flôres para sugar-lhes o mel, que o vosso Coração para a alma desejosa de receber-vos.

Eu creio sem relutar, bom Mestre! Vinde, pois, divina abelha, abro-vos amplamente o cálice de minha alma. Introduzi-vos em meu coração e amai-me. Que posso eu fazer, pobre florzinha sem aroma e sem graça, senão deixar-me amar por vós que não reputais nem os méritos nem as qualidades, mas tão sòmente a boa vontade?

DIA VII

MEDITAÇÃO I

JESUS E' TUDO EM TODOS

Per ipsum et in ipso (Col 1, 16).

Por êle e para êle.

1. Jesus é tudo em todos (Col 3, 11). Êle é o princípio e o fim; êle é o alfa e o ômega. Êle era ontem, é hoje e será em todos os séculos.

Êle é a imagem do Pai, o símbolo de sua substância e o Verbo de Deus. Êle é o vínculo entre o Pai e o Espírito Santo.

2. Jesus une e unifica em si mesmo o mundo divino e o mundo criado. Êle eleva, santifica e transforma em sua Pessoa os mundos da natureza e da graça e os transporta consigo ao mundo da glória.

3. Jesus é o centro do mundo criado. Tudo foi feito por êle, tudo subsiste, desenvolve-se, aperfeiçoa-se por êle. Tudo representa, simboliza e reproduz sua vida, sua paixão, suas virtudes, suas perfeições.

Jesus é o primogênito de tôdas as criaturas. No pensamento do Pai celeste, o mundo não continua a existir senão para lhe dar novas almas aptas a se transformarem em sua imagem.

4. Jesus é o centro da história. Ele faz escrever pelos seus profetas a história do antigo testamento, a sucessão dos impérios, as revoluções e as guerras.

Aparecendo na terra, ele mesmo indica, por algumas palavras pronunciadas como que por acaso, em meio de uma conversação, a série dos principais fatos da história do futuro.

5. Jesus é o centro das preocupações do mundo. Como era ontem, é hoje e será amanhã. Quanto mais a sociedade atual, indiferente ou hostil, quer afastar o problema religioso e fazer pairar o silêncio sobre a Igreja e sobre Cristo, tanto mais os olhares se voltam para o papa, e tanto mais o poder e o prestígio do representante de Cristo crescem e se consolidam.

6. Jesus é o foco de toda verdadeira civilização. Onde ele reina, reinam com ele a ciência, a arte e a caridade. Onde ele passou, as trevas são menos espessas, os costumes menos ferozes, os homens menos bárbaros. Onde ele ainda não é conhecido, dominam o paganismo, a idolatria e as trevas.

Quando a sua estrela apareceu aos Magos do Oriente, os povos pagãos estavam imersos nas sombras da morte.

O erro imperava; o pai da mentira dominava em tudo. As fábulas mais absurdas eram aceitas como verdades indiscutíveis e formavam o fundamento da sociedade civil e familiar.

Os vícios mais monstruosos eram considerados como virtudes; tinham seus templos e suas divindades. A escravatura, a tirania, a crueldade constituíam a base de todas as instituições. Por toda parte reinavam as trevas, o vício, a degradação da mulher, a opressão da criança, a exploração do pobre.

Oh! era tempo que Jesus viesse dissipar essas trevas e expulsar o príncipe da mentira. Anuncia seu Evange-

lho num canto retirado do mundo; seu auditório é de gente simples e sem cultura, seus discípulos são pescadores; sua doutrina é repelida por tudo quanto sua pátria conta de homens doutos e influentes, e êle mesmo, enfim, é pregado por seus inimigos na cruz de ignomínia.

Uma vez, porém, elevado na cruz, atrai a si todos os olhares. Sua doutrina espalha-se através do mundo, como uma esteira de luz. As trevas do paganismo dissipam-se e os espíritos mais considerados pelo seu saber vêm curvar a fronte perante o Mestre da verdade.

Bem depressa os costumes purificam-se; os desertos povoam-se de monges e de virgens; a escravidão enfraquece-se, a tirania dos senhores abrandam-se, a crueldade cede lugar à caridade cristã, a opressão dos fracos e dos pequenos se transforma em respeito, em proteção, em amor.

A verdade de Cristo, unicamente pelo seu fulgor, transformou a sociedade, a família e o indivíduo, e a civilização sucedeu à barbárie.

7. Jesus é o sol das inteligências. Quanto mais se busca ofuscar o esplendor de sua luz, tanto mais ela fulgura e ilumina.

O inferno não cessou, no decorrer dos séculos, de suscitar cismas destinados a dividir os espíritos, separá-los de Jesus. Desencadeou inúmeras heresias, a fim de obscurecer a verdade de Cristo. Serviu-se da astúcia, da mentira, da violência, da cumplicidade dos poderes públicos para desacreditar a doutrina de Cristo.

Tudo, porém, foi em vão: Jesus vela, e a verdade permanece.

Enquanto os erros se fracionam em seitas sem conta, deslocam-se e destroem-se entre si, o edifício da verdade eleva-se cada vez mais majestoso.

8. O farol aceso por Jesus difunde sua luz não somente nas verdades referentes à fé e aos costumes, como

ilumina tôdas as ciências naturais, ajuda a descobrir as leis que as regem, o princípio em que se firmam, a unidade admirável que as liga tôdas à sua causa primeira, o Verbo de Deus, a Sabedoria eterna, a Luz da luz, a Verdade inciada.

Entretanto não é iludindo a inteligência ou o coração que Jesus atraiu o que a humanidade tem de espíritos eminentes pela profundidade e universalidade de seu saber.

A doutrina de Jesus é uma doutrina austera que combate o orgulho e contraria as paixões. Propõe, à arrogante razão humana, mistérios incríveis.

Jesus diz: Ajoelhai-vos diante desta hóstia sôbre a qual um pobre sacerdote pronunciou em meu nome algumas palavras; adorai-a, nesta pequena hóstia, permaneço eu mesmo com a minha humanidade e minha divindade. E as inteligências mesmo as mais orgulhosas curvaram-se e adoraram-na.

Jesus diz ainda: Prostrai-vos aos pés do sacerdote, fraco mortal como vós. Confiai-lhe tôdas as vossas fraquezas e, com meu poder, êle perdoará os vossos pecados, fechará o inferno diante de vós e abrir-vos-á o céu! E os primeiros mestres da ciência, em todos os séculos, prostaram-se e confessaram suas faltas.

9. O' Jesus! vós reinais gloriosamente nas inteligências. Os séculos passados dão brilhante testemunho, e os tempos modernos não ficam atrás.

Enquanto que a meia ciência se separa de Jesus e é arrastada pela corrente do modernismo e racionalismo, a ciência completa, a ciência profunda, buscando a causa última, encontra a Cristo Jesus. E as universidades mesmas que, por algum tempo, não julgaram dever a Jesus senão a injúria ou o sarcasmo, voltam para depositar aos pés do Mestre, cujo majestoso vulto tudo domina, a homenagem de sua admiração.

10. Jesus é a origem de tôdas as artes. Êle mesmo é a maior obra-prima do divino artista. Êle é a beleza suprema expressa numa forma sensível por uma sabedoria e um poder infinitos.

São suas perfeições e seus encantos que tôda a natureza criada canta, pinta e reproduz de mil modos diferentes.

Sem êle, não há ritmo nem harmonia, não há atrativos nem graças, nem inocência, nem beleza. Êle é o divino modelo contendo em si mesmo todo o ideal.

E' a sua pessoa, sua vida, sua paixão, seus santos que têm inspirado o talento dos artistas de todos os séculos.

E' a sua beleza ideal que copiam vagamente, sem o saber, aquêles que não desejariam conhecê-lo.

11. Jesus é o braseiro de tôda a caridade no mundo.

Instituindo a divina Eucaristia, entregou-se com seu espírito de bondade generosa. Deixou-nos sua alma de caridade, seu Coração amante, donde manaram sôbre os homens, durante sua vida mortal, todos os benefícios.

Essa alma de caridade encarnou-se em milhares de cristãos que se dedicam ao alívio dos infelizes e dos doentes.

Quem poderá enumerar as casas de saúde, os asilos, os hospitais onde são tratadas por mãos virginais tôdas as enfermidades humanas? Êsses filhos e filhas do Rei dos reis oferecem sua vida e sacrificam sua mocidade, seus bens e sua saúde para aliviar e cuidar de estranhos, desconhecidos, quiça de ingratos.

Quem lhes ensinou esta lição de abnegação, a não ser Jesus, que se compadeceu da sorte dos enfermos, dos estropiados, que curava tôdas as moléstias e que não se dignou de tocar com suas divinas mãos nos pobres leprosos para purificá-los? Sempre êle!

12. Há algumas dezenas de anos, as autoridades japonesas, assustadas com a devastação da lepra, ordenaram que se reunissem em determinado lugar todos os infelizes

atacados por tão horrível mal. Os filhos entregaram seus pais, os maridos suas mulheres. Milhares de leprosos foram assim enxotados de todos os lados para o lugar indicado. Lá, fôra cavada uma imensa fossa. Nela são precipitados os infelizes em grande confusão e depois cobertos com uma camada de cal!

Nenhuma lágrima, nenhum remorso, nenhum gesto de compaixão respondeu aos gemidos, aos gritos de desespero, ao apêlo à piedade de seus concidadãos, de seus filhos, pais e mães!

Enquanto isso, nesse mesmo Japão, a bem pouca distância, religiosos e religiosas católicos, que abandonaram a pátria, os parentes, a casa paterna, dedicavam-se, em hospitais construídos à sua custa, aos leprosos pagãos, cuidavam de suas chagas infectas, alimentavam-nos, consolavam-nos, na persuasão (e não se enganavam) de que, em recompensa de sua dedicação, contrairiam êles mesmos a terrível moléstia!

E êsse heroísmo tranqüilo continua em nossos dias, em tôda parte onde há leprosos.

13. Quem ensina a essas almas um tal heroísmo? E' Jesus, que reside na sua modesta capela e que êles recebem todos os dias na santa comunhão.

O que êle ensina a essas almas generosas, inspira, ao mesmo tempo, a milhares de outras e sôbre tôda a terra, e em proveito de todos os infortúnios, de tôdas as misérias:

E' êle quem inspira os Paulino de Nola, os Las Casas, os Pedro Claver, os Padre Damião e todos êsses heróis que dedicaram sua existência em cuidar dos pobres negros e escravos abandonados.

E' êle quem multiplica nos nossos tempos as dedicações, e faz como que brotar da terra missionários para o Oriente, a China, o Japão, o Congo e todos os países aonde se vai para sofrer e salvar almas.

14. E essa caridade, que se irradia do santo tabernáculo, envolve tôdas as nossas necessidades e tôdas as misérias da humanidade. Não há um mal que não seja socorrido; não há uma necessidade moral, intelectual ou física que seja esquecida e que não encontre, onde quer que seja, uma escola, um hospital ou um asilo.

Oh! sim, Jesus, vós sois o princípio e o fim, sois o alfa e o ômega, sois tudo em tôdas as coisas!

15. Jesus-eucaristia, sois vós que atraís tôdas as almas amantes, que fascinais as almas puras, que estimulais as almas generosas, que reergueis as almas que tombaram, consolais as almas penitentes.

Jesus-eucaristia, sois a fonte donde se derramam sôbre o mundo tôdas as graças, donde partem todos os perdões para a sociedade culpada. Sois o sol donde se irradiam todos os raios de luz que rompem ainda por vêzes as trevas do moderno paganismo. Sois o altar donde se elevam ao trono do Pai eterno incessantes apelos à misericórdia!

Jesus-eucaristia, sacrificado sôbre o altar, vós pacificais em vós mesmo tôdas as coisas, reconciliais o mundo com vosso divino Pai; emprestais uma voz a tôdas as criaturas que gemem aqui na terra e esperam sua liberdade; dais um sentido a todos os sacrifícios oferecidos em todos os tempos, pelos povos de tôdas as crenças. Sois o cordeiro imolado desde o comêço do mundo (Apoc 13, 8).

Jesus, divino Jesus, eu vos amo, e não cessarei de vos repetir meu cântico de amor. Penetrai tôdas as minhas potências, fascinaí todos os meus sentidos, cativai minha inteligência, prendeí meu coração para sempre!

DIA VII

MEĐITAÇÃO . II

JESUS, REI DOS CORAÇÕES

Traham eos in vinculis caritatis (Os
11, 4).

Eu os atrairei com cadeias de amor.

1. Oh! que modesta guarida é êsse pequeno tabernáculo onde reside Jesus, noite e dia. E bem mais humildes ainda são as espécies de pão e de vinho sob as quais oculta sua presença!

Mas essa pequena hóstia branca é o ponto de atração de todo o mundo espiritual. E' o astro central em tórno do qual gravitam todos os corações de boa vontade.

Aquêles que se deixam atrair por seus suaves encantos acham a paz, a felicidade e o amor; aquêles que se desviam de sua órbita vagam pelo mundo ao acaso, arrastando após si a cadeia de seus desejos insaciados e suas esperanças frustradas.

Foi Jesus quem fêz o coração do homem, êsse coração tão assombrosamente vasto que nenhuma criatura pode enchê-lo, nem contentá-lo as honras humanas, nem satisfazê-lo nenhum amor terrestre.

Mister se faz, pois, voltar ao seu centro, Jesus, ou ser vítima da perturbação, da inquietação e do desespero.

2. O homem quer a felicidade. Êle a persegue por todos os seus atos, a ela aspira com tôdas as potências de seu ser, e essa felicidade procurada fora de Jesus Cristo, êle jamais a encontra.

Algo, como uma fatalidade, o impele a abraçar aquilo que êle chama felicidade e, quando julga tê-la alcançado, verifica que perseguiu uma quimera.

Bem mais, ao invés de encontrar a felicidade, o homem topa a cada passo com a dor. Êle, que se sente feito para a felicidade e para ela tende invencivelmente, não recorre no fim de seus esforços senão decepções e aflição.

Quem poderá enumerar todos os sofrimentos da alma, perseguições exteriores, dores íntimas, dúvidas de espírito, angústias de coração, ruína da saúde, da fortuna ou da reputação?

Ao menos se lhe fôsse permitido prever êsses males, preveni-los, diminuir-lhes as conseqüências funestas... Mas, diante dessas desgraças, êle sente-se impotente.

Todos podem atingi-lo ao mesmo tempo, sem que êle nada possa fazer para se garantir. Mil causas desconhecidas, mil agentes secretos, mil influências misteriosas podem provocá-los.

Êsses males do homem têm sua origem no seu organismo, em sua imaginação, em seu coração, na maldade ou imprudência de outrem, em acontecimentos fortuitos, nas leis da natureza, enfim, em mil coincidências independentes de todo querer humano.

Oh! quão infeliz é o coração que sofre sem ter aprendido na escola de Jesus o sentido da cruz. Êle foge da dor e deve sofrê-la, odeia-a e a maldiz.

O discípulo de Jesus, ao contrário, compreende o sofrimento, recebe a dor como uma irmã querida. Mais ainda, vai-lhe ao encalço e suplica-a a Jesus, ama-a, e encontra nela suas mais puras delícias.

3. O homem não somente busca a felicidade; êle quer ainda viver e viver para sempre. Novo mistério, novo tormento para o pobre coração humano que não conhece Jesus.

O homem sente-se feito para a imortalidade e sabe que deve morrer. Tem o instinto de sua conservação; mais, tem a vontade refletida de viver e por tôda parte vê surgir diante de si a sombra da morte. Luta pela sua existência e sabe que luta em vão. Sua agonia é o combate supremo e sabe que fatalmente sucumbirá.

Ah! como é infeliz o coração afastado de Jesus! A natureza o impele invencivelmente a resistir à morte, e sua consciência o adverte que todos os seus esforços são estéreis. Após uma luta suprema, seu ser humano se dissolverá e suas esperanças de imortalidade, acariciadas durante tôda a vida, se sepultarão com seu corpo, assim pensa, numa fossa.

Jesus, refugio-me em vosso Coração sagrado! Vós disestes: Eu sou a ressurreição e a vida. Aquêle que crê em mim não morrerá eternamente (Jo 11, 26).

Só vós, bom Mestre, sois o caminho, a verdade e a vida (Jo 14, 6).

Só vós sois capaz de satisfazer meus desejos de felicidade inalterável, de vida sem fim e de amor sem limites.

4. Porquanto o homem não quer somente ser feliz e viver, êle quer amar. E êsse sentimento, é, nêle, o desejo mais violento, o mais tirânico e, ai de nós! fora de Jesus, o mais insaciado.

O homem quer amar. Apega-se apaixonadamente a tudo quanto é bom e belo. Quer incorporar-se, assimilar-se ao objeto que o fascinou. Êbrio de ilusões, crê encontrar por tôda parte o amor e não encontra senão decepção.

Nenhum homem pode compreender perfeitamente o seu coração, acomodar-se aos seus caprichos, satisfazer tô-

das as suas exigências, adivinhar tôdas as suas necessidades. Êle quer cada vez mais a intimidade, a compreensão recíproca e atenções delicadas.

Mas, quanto mais goza do objeto de seu amor, tanto mais descobre nêle lacunas e defeitos.

E se, o que é impossível, achasse um outro coração capaz de satisfazer todos os seus desejos, seria de antemão infeliz, com a idéia de que o perderia em breve.

5. Aspirar sempre e nunca ser satisfeito, ter fome e sede de amor e não ser saciado, sonhar o amor ideal e não o alcançar jamais, eis sua condição miserável, a não ser que um dia, cansado, desiludido, se volva àquele que assim disse: Vinde a mim, vós todos que sofreis e que estais oprimidos, eu vos aliviarei (Mt 11, 28).

Em Jesus, sômente, o homem encontra tudo quanto deseja, a vida, a felicidade, o amor, e o amor sem limites, pois que Jesus é o Rei dos corações. Existem, com efeito, entre o coração do homem e o de Jesus, afinidades profundas e misteriosas e elas datam da eternidade.

6. Quando Deus cogitou em dar o ser a essa criatura privilegiada, seu pensamento transportou-se primeiramente ao seu Filho, àquele que seria o primogênito de tôda criatura (Col 1, 15), e formou em Adão um corpo e uma alma semelhantes aos que sua divina sabedoria reservara a Jesus, obra-prima da criação.

Ainda mais, a santíssima Trindade abandonou ao Verbo, por quem tudo foi feito, o cuidado de plasmar o coração dêsse ser maravilhoso que devia ser o homem (Jo 1, 3).

E o Verbo depositou nesse coração humano emoções, sentimentos e necessidades semelhantes àqueles que êle mesmo desejaria experimentar.

E nêle incrustou aspirações tão profundas, das quais só o seu divino Coração poderia fazer-se eco e acalmá-las plenamente.

O Coração de Jesus e o do homem tornaram-se assim como duas cordas de uma harpa harmoniosamente afinadas para vibrarem juntas, e tão delicadamente ligadas entre si, que a vibração de uma delas provocaria no mesmo instante um som correspondente na outra.

7. E' êsse o segrêdo da simpatia incansável que Jesus testemunha ao homem mesmo pecador, mesmo infiel e mil vêzes ingrato. E' a explicação destas palavras de ternura que êle pronunciou: Minhas delícias são estar com os filhos dos homens (Prov 8, 31). Vinde a mim, vós todos que sofreis, que estais oprimidos, eu vos aliviarei (Mt 11, 28). Tal a origem dessa inexprimível ternura que Jesus demonstra às almas que compreenderam seu Coração e se abandonam ao seu amor. E' também a causa dêsse mal misterioso, tormento do coração humano que ainda não se deu de todo ao divino Mestre.

A harmonia estabelecida entre Jesus e o homem é, com efeito, tão profunda que a infidelidade, mesmo prolongada, não consegue destruí-la.

Os preconceitos e as paixões podem abafar, por longo tempo, todo grito, tôda aspiração do coração para Deus; porém essa divina simpatia subsiste no fundo da alma. Um dia, quiçá, depois de muitos anos, ela despertará e a alma há de responder ao apêlo de Jesus.

E' a história das conversões operadas após quarenta, cinqüenta anos de vida culpada, por uma palavra de amigo, por um acontecimento imprevisto, por uma emoção súbita.

Jesus é o Rei dos corações. Foi êle quem os fêz, é êle quem compreende tôdas as suas aspirações e também suas fraquezas. E' êle quem reconduz a si, mais cedo ou mais tarde, aquêles que não se esquivam obstinadamente.

8. O' Jesus! eu não vos quero fugir, mas tão sòmente aproximar-me ainda mais. Preciso tanto de vós! Agra-

deço-vos ter feito meu coração tão grande que jamais pôde contentar-se com criatura alguma.

Procuro um amigo que possua ao mesmo tempo tôdas as perfeições e que não tenha nenhum defeito, um amigo com o qual eu possa expandir tôdas as idéias, satisfazer todos os desejos, que seja todo meu, tanto quanto eu quero, como eu quero e o tempo que eu quiser.

Procuro uma alma que compreenda minhas fraquezas e que delas se compadeça, que perdoe minhas culpas, e me auxilie com doçura a levantar-me sem me magoar, e sem me intimidar; uma alma que me julgue bom não obstante meus defeitos, fiel, apesar de minhas traições, que não desespere de minha boa vontade, que sempre confie em mim e seja enfim muito boa e muito nobre para ajudar-me sem desfalecimento e sem medida.

Mas, Jesus, a não ser vós, ninguém saberia compreender-me, amar-me como eu quero ser compreendido e amado.

9. Assim tudo me prende a vós, bom Mestre; meus temores, minhas aspirações, minhas qualidades, e até mesmo os meus defeitos! Tôdas as fibras de meu ser vos enlaçam, todos os ecos de meu coração vos repetem: Ficai comigo, eu preciso tanto de vosso amor, de vossa bondade, de vossa condescendência, de vossa paciência sem limites.

Sem vós, eu seria infinitamente infeliz. Oh! certamente pensáveis em mim quando narrastes a parábola do filho pródigo, quando atraístes Madalena a vossos pés e convertestes a samaritana.

Jesus, eu vos agradeço o olhar de ternura que lançastes, desde estão, sôbre minha alma. Vós bem sabíeis que um dia eu vos amaria sem jamais vos deixar.

Criai em mim um coração puro que se prenda sômente a vós. Dai-me energia para afastar de minha alma todo outro amor que não seja o vosso.

DIA VII

MEDITAÇÃO III

JESUS, CENTRO DA HISTÓRIA

Christus heri et hodie, ipse et in saecula (He 13, 8).

Jesus Cristo era ontem, é hoje e será também em todos os séculos.

1. Meu Jesus, iluminai-me, dai-vos a conhecer à minha alma. Vós sois o mistério dos séculos: vós sois o Deus escondido; vós habitais numa luz inacessível. Iluminai meu espírito para que eu vos conheça e vos ame.

Durante vossa vida mortal os judeus faziam conjeturas e perguntas sobre a vossa pessoa; vossos amigos suplicavam que vos manifestásseis a eles; os apóstolos, na véspera de vossa morte, pareciam ainda ignorar vossa divina Pessoa.

E agora, ó Jesus, que subistes aos céus, agora que estais presente nos tabernáculos, porém oculto sob as humildes espécies de pão, quem vos reconhece, quem pensa em vós?

Ao ver como o mundo vive e se agita, ao ver como os poderosos do dia dispõem os acontecimentos da história, suprimem ou criam fronteiras, dir-se-ia que vós de nada valeis no mundo.

2. E, todavia, sois o centro de tudo, éreis ontem, sois hoje, e sereis por todos os séculos.

Quando pensastes em criar o universo, foi com o fim de manifestar vossa glória. A criatura não é senão um reflexo de vossa beleza, uma sombra de vossa luz, um vestígio de vossa perfeição.

Vós sois o primogênito de tôdas as criaturas; no pensamento de vosso divino Pai o mundo não existe senão para vós.

Os séculos preparavam vosso advento; os povos que se sucederam não fizeram senão aplanar os caminhos diante de vós.

Vós sois o desejado das colinas eternas (Gn 49, 26). Os patriarcas e os profetas suspiravam pela vossa vinda, desejavam ver vossa face adorável antes de deixar esta terra de exílio (Mt 13, 7).

Vós dispersastes entre as nações o povo eleito para que êle preparasse vossa chegada, confiastes ao povo romano o poder do mundo, a fim de fixar no centro do universo a sede do vosso império espiritual.

Todo o antigo testamento está cheio de Jesus.

Quando tudo parece ir ao acaso, então o olhar puro aí descobre o desígnio grandioso de preparar os caminhos ao Rei eterno dos séculos, para quando êle quiser lançar os fundamentos de seu reinado.

3. Jesus era ontem, é hoje. Desde a sua vinda à terra, êle reina, apesar de seus inimigos.

Pobre e ignorado do mundo, nascido de uma Virgem desconhecida, numa obscura povoação, perseguido pela inveja, pelo desprezo e o ódio de seus compatriotas, êsse Jesus prepara tranqüilamente a história do novo testamento, até ao fim dos tempos.

À margem de um lago, no crepúsculo de um belo dia, anuncia a alguns pescadores que edificará sua Igreja e

que o fundamento dêse edificio será um dêles, Pedro, aquêle que o renegou três vêzes! Essa Igreja estender-se-á por todo o mundo e as portas do inferno não prevalecerão contra ela.

Se o orgulhoso Augusto, imperador romano, ouvisse êsse colóquio, sem dúvida se riria com desprezo, como sorriem na hora presente os incrédulos que se crêem detentores do poder neste mundo. E, todavia, essa Igreja fundou-se. Nem as perseguições, nem as heresias, nem os cismas, nem a deserção de seus filhos puderam causar-lhe a ruína, nem romper-lhe a vitalidade.

4. Uma outra vez, êsse Jesus, êsse operário nascido na povoação desprezada de Nazaré, diz que um dia, elevado na terra, êle atrairá todos a si.

Os apóstolos, por certo, não compreenderam essa palavra estranha e Jesus não lhes explicou seu pensamento. Contentava-se em contar a história do mundo.

Logo após, o drama do Calvário tem seu epílogo em sangue. Os inimigos de Cristo triunfam. Êles tinham jurado exterminá-lo da terra dos viventes, para que ninguém se lembrasse jamais nem mesmo de seu nome (Jer 11, 19). Não somente o exterminaram, como o cobriram de um amontoado de confusões e maldições (Gál 1, 13).

E eis que êsse homem sai glorioso do túmulo onde sua memória devera perecer; eis que a cruz, sobre a qual êle expirou, se cinge de raios de glória. Das extremidades do mundo acorrem ao Gólgota multidões comovidas e penitentes. E milhões de velhos, de mulheres, tímidas crianças entregam-se à fogueira, ao gládio, aos animais ferozes para provar o seu amor a êsse divino crucificado.

Os poderosos do mundo impressionam-se, observando essa corrente de veneração atravessar-lhes o império para alcançar o Calvário. Proíbem de glorificar, de adorar e de amar Jesus Cristo.

Entretanto, quanto mais derramam o sangue dos mártires, tanto mais a onda de amor se torna poderosa, até que enfim destrói as muralhas e mina os alicerces de seu império terrestre.

5. Jesus dissera ainda: Aquêles que não é por mim é contra mim (Mt 12, 30). Pronunciaria essas simples palavras diante de uma multidão de mulheres, pescadores e artífices. Os fariseus e os escribas não se dignavam misturar-se à turba.

Os retóricos, os filósofos da sábia Atenas e da orgulhosa Roma não julgavam, sem dúvida, que viriam a deslocar-se pelo obscuro profeta, sob pena de ser contra êle.

Jesus, porém, escrevia a história dos séculos futuros.

Em breve sua doutrina, tôda de amor e abnegação, propagou-se do Oriente para o Ocidente. Alguns anos após à morte do galileu, suas máximas são pregadas e aceitas nas principais partes do mundo. A própria côrte dos imperadores romanos encheu-se de cristãos e quanto mais os exterminavam, tanto mais pareciam brotar da terra.

Dois imensos campos se formam no mundo: os partidários de Cristo e seus adversários. Todos os interesses, a política, as artes, as ciências desaparecem, diante desta pergunta: És cristão? ou: És contra Cristo?

6. E os séculos seguintes não fizeram senão aprofundar êsse abismo entre os partidários de Cristo e os seus adversários.

Hoje, após dois mil anos, após vinte séculos de revoluções políticas, econômicas e doutrinárias, após a onda de intolerância, ceticismo e indiferença que passou e repassou o mundo, a questão religiosa permanece no primeiro plano das preocupações do mundo.

Todos os povos se ocupam, preocupam-se com Cristo, com seu vigário, com as relações a estabelecer ou rom-

per com o ancião do Vaticano, pois Jesus dissera outra: Aquêlê que não é por mim é contra mim.

7. O' Mestre adorado! Julgava-vos interessado exclusivamente com o progresso de minha alma. Imaginava que o vosso reinado fôsse todo espiritual, e eis que vossa ação cresce e se estende ao infinito, eis que todos, amigos ou inimigos, devem preocupar-se convosco, eis que vos estabeleceis centro do mundo, centro de tôda a história.

E verdadeiramente vós sois o Rei, o dominador do mundo.

8. Depois de ter traçado algumas linhas dessa história com vossas próprias palavras, encarregais um de vossos discípulos, São João, de anunciar aos séculos vindouros tudo que se vai passar até à consumação dos tempos. Vós lhe fazeis enumerar em seu Apocalipse as diferentes potências que hão de suceder-se até ao fim dos séculos, suas lutas entre elas e contra vossa Igreja. Descreveis de antemão a guerra que vos fará o inimigo do gênero humano, os sucessos passageiros que concedereis ao seu ódio e o seu aniquilamento final. Oh! se nossos olhos fôsem bastante puros, poderíamos ler nesse livro a história que se escreve sob nossos olhares, o grupo, que já se anuncia, de duas grandes potências que se irão enfrentar no fim dos tempos, a do catolicismo integral e a da incredulidade absoluta, isto é, do racionalismo com tôdas as suas conseqüências no terreno das idéias, da política e da economia.

Veríamos qual é essa grande Babilônia, essa sedutora dos povos. Veríamos qual é a bêsta de sete cabeças e dez cornos que blasfema de Deus e persegue os santos. Contemplaríamos com São João o céu aberto e o Filho de Deus aparecendo com os olhos brilhantes, a fronte ornada de um diadema e destruindo o anticristo, com um sôpro de sua bôca.

9. Oh! sim, Jesus Cristo vive e reina em todos os séculos. Êle é o Rei dos reis, o Dominador dos dominadores. Era ontem, é hoje e será nos séculos sem fim.

Oh! como é grande êsse Jesus que nos ama, em cujo Coração repouso cada dia, que diz ao ouvido de meu coração seus divinos segredos, que estende sua mão para impedir-me de tropeçar nas pedras do caminho.

Êle é grande, êle é bom. Eu o amo com todo o meu coração.

DIA VII

MEDITAÇÃO IV

JESUS, MISTÉRIO DOS SÉCULOS

Mysterium quod absconditum fuit a saeculis et generationibus.¹

Mistério que foi oculto aos séculos e às gerações.

1. Somente Jesus possui as chaves da ciência, as chaves do abismo. Só êle pode romper os sete selos que fecham o livro do futuro, ler os segredos e revelá-los.

A natureza criada, o espírito e o coração do homem, a sociedade, a história, a Igreja de Cristo, tudo isso é um livro cheio de enigmas. E tudo isso Deus abandonou à investigação e à discussão dos homens, mas, sem Jesus, nada se esclarece, nada se explica.

2. Que é na natureza essa morte aparente durante os longos meses de inverno, e depois essa germinação, essa decomposição do grão na terra, para produzir a planta, como se a vida devesse proceder da morte

Que é essa miríade de seres infinitamente pequenos, essa profusão de potências e riquezas para criar aquilo que não deve viver senão um instante, essa série inter-

¹) Col 1, 26. Cf. também Col 4, 3; Rom 16, 25; Ef 1, 9-10; 6, 19-20.

minável de sêres lançados ao acaso no mundo visível, como se da desordem pudesse nascer a harmonia?

Que são ainda essas anomalias, essas contradições e lacunas aparentes no govêrno do mundo material e esta admirável finalidade jamais frustrada, essa Providência jamais em falta?

3. E depois, como explicar essa necessidade de amizade que atormenta o coração do homem e o egoísmo que o acolhe em tôda parte; a aspiração universal dos homens para a solidariedade, para a união, para o amor, e as guerras, as revoluções com as oposições, as lutas e os ódios que são suas conseqüências?

Que é essa sêde invencível de justiça e eqüidade, e essas desigualdades permanentes, essas injustiças flagrantes, essa opressão dos fracos, essa exploração do indigente?

Louva-se a beleza da virtude; desejar-se-ia possuí-la, e, no entanto, caluniam-na e perseguem-na.

Todos reconhecem a necessidade do bem, e, fôrça é convir, assiste-se impotente à vitória do mal.

4. A história, por sua vez, é cheia de enigmas.

Os homens decidem à vontade a seqüência dos acontecimentos; fazem e desfazem impérios, criam povos, governam livremente, dispõem de tudo segundo seu capricho e sua ambição.

Entretanto, a história do mundo obedece a leis invariáveis. Uma mão invisível detém os fios dessa trama tão hábilmente urdida. O ser que se não vê, que se não pode ver, que se desejaria excluir, está em tôda parte, dirigindo à vontade os acontecimentos, dispondo, para um fim seu, o capricho desordenado das paixões dos homens.

Quanto mais o espírito humano se julga livre e independente tanto mais é escravo de seus preconceitos e de seus caprichos, tanto mais sente a necessidade de depender e de buscar senhores.

Quanto mais a humanidade se extraviou nos caminhos do êrro, tanto mais rãpidamente pôde ser reconduzida, pelo excesso mesmo de seus erros, à vida e à virtude.

5. E tôdas essas aparentes contradições não são senão aspectos particulares do problema universal, nos quais se tropeça a cada passo, no mundo visível, na arte, na ciência, na vida intelectual, familiar, social, na vida espiritual de cada alma e até mesmo na vida da Igreja.

Dois elementos entram em luta: é preciso conciliã-los. Dois tãrmos opostos enfrentam-se: é preciso uni-los.

E' o efeito variãvel, caprichoso, e a lei invariãvel; é a inércia e a atividade, a matéria e a forma, a potência e o ato, a liberdade e a autoridade.

Aonde quer que o homem leve suas investigações, na ordem da natureza ou das idéias no mundo moral, político, econômico ou no da graça, êle encontra em tôda parte êsses dois princípios.

Se êle procura suprimir um dêles, produz, na ordem filosófica, um êrro, no terreno teológico ou moral, uma heresia, na política ou na economia, uma perturbação, no mundo da natureza, um mal-estar ou cataclismo.

A concorrência livre e ilimitada, no ponto de vista material, produz o liberalismo econômico; a intervenção exagerada do Estado produz o socialismo.

A liberdade sem freio, em política, engendra a anarquia; a autoridade sem brandura produz a tirania.

A liberdade sem limites, em moral, é a relaxação; a autoridade não limitada pela liberdade é o rigorismo.

Desde há muitos séculos, os teólogos, os filósofos, os políticos, os economistas, os mestres de tôdas as ciências naturais, dividiram-se em escolas opostas para resolver o problema, conciliar êsses dois elementos sempre incompatíveis sob qualquer aspecto.

6. E êsse mesmo problema existe na vida espiritual de cada homem.

Como conciliar a extrema fraqueza da alma, suas quedas perpétuas, com seu progresso incessante; sua impotência para todos os bens, com o heroísmo ininterrupto de sua vida; suas infidelidades renovadas sem cessar, com a invencível ternura, que Deus lhe testemunha; o preceito, para a alma, de agir como se tudo dependesse dela, com a convicção que deve ter de que ela nada pode; essa absoluta desconfiança de si mesma e a persistente confiança que atingirá à santidade; a pequenez de suas obras; a imperfeição de sua vida, as fraquezas na luta e a persuasão de uma tão grande recompensa; os sofrimentos físicos e morais que destroem seu ser; e a certeza de que dessa morte surgirá a vida para outras almas; enfim as vicissitudes interiores, os erros perpétuos em meio do deserto da vida espiritual, e a confiança da alma em alcançar em breve a terra prometida?

7. E, acima de tudo isso, paira um mistério ainda maior, aquêle que envolve um fato único na história, o da Igreja católica.

A Igreja sempre combatida, já na sua doutrina, já na sua moral e no seu governo... e sempre de pé.

A Igreja sempre imutável nos seus dogmas, e sempre adaptada às necessidades dos tempos, sempre intransigente e sempre condescendente, sempre sofredora e sempre triunfante, sempre enfêrma, e achando sempre, na sua própria enfermidade, fôrça e vigor.

A Igreja perpétuamente odiada e sempre temida, propositadamente desprezada e ignorada, e sempre no primeiro plano das preocupações do mundo.

A Igreja trilhando um fim espiritual e buscando para os homens a felicidade e o bem-estar material.

A Igreja proclamada inimiga de tôda cultura e conduzindo ou arrastando com ela a civilização.

A Igreja propondo dogmas incríveis, e cativando sob seu jugo a elite das inteligências; impondo a seus dis-

cípulos a renúncia e a cruz e sempre ouvida e sempre obedecida.

A Igreja estabelecendo-se, apesar de perseguições, renovando-se no tempo das lutas e dos sofrimentos, regenerando-se no sangue de seus próprios filhos.

A Igreja mais fraca na aparência que os impérios que a rodeiam e, em verdade, sobrevivendo a todos.

A Igreja impotente, privada de todo socorro humano, despojada, subjugada, não dominando sobre os corpos, mas forte, livre e subjugando os corações!

8. Enfim, aproximando-nos de Jesus, encontramos, acumulados, todos os problemas esparsos pela natureza inteira, no coração e no espírito do homem, na sociedade, na história e na Igreja universal. Jesus é o problema por excelência. Aquêlê que o compreende encontrou a solução de todos os outros. Êle é o mistério que Deus ocultou desde o comêço dos séculos e do qual deixou traços em tôda a criação.

E qual é êsse mistério? E' a união que se faz em Jesus do finito ao infinito, da humanidade à divindade, da fraqueza à fôrça, da morte à vida, da pobreza à riqueza, da obediência à liberdade, do sofrimento ilimitado à felicidade infinita.

Jesus, o homem-Deus, une tudo numa síntese magnífica: a ciência e a fé, o princípio imutável e sua fecunda aplicação, a imobilidade e o progresso, as leis eternas e os fatos particulares.

Êle harmoniza o finito e o infinito, a unidade e a diversidade, a inteira liberdade do homem e o soberano domínio de Deus, a responsabilidade da criatura e o movimento onipotente da Causa primeira, o mérito e a predestinação, o interêsse do homem e a glória de Deus, os direitos da justiça e as condescendências da misericórdia.

Jesus, só, concilia em si mesmo a homenagem finita que a criatura presta ao seu autor e a exigência de uma

glória infinita; a necessidade de amor sensível com a necessidade de amar soberanamente a espiritual beleza; a sêde de felicidade infinita do coração humano; a aspiração à imutabilidade, ao repouso, à vida sem fim, com o problema da dor e da morte.

Jesus está em toda parte. Ele ilumina tudo. Está no centro do mundo criado e incriado; corresponde a todas as necessidades da alma. Vive em toda a natureza que simboliza sua vida, sua morte e sua ressurreição.

Ele é a alma da sociedade, ele é a chave da história, ele é o chefe da Igreja que continua no mundo sua vida humilhada e triunfante ao mesmo tempo. Ele vive em cada alma, e completa nela sua paixão e a obra da redenção.

9. E o mais admirável ainda é que, esclarecendo todos os mistérios aqui na terra, ele não explica aos nossos olhos mortais nenhum a fundo.

Ele nos deixa suspeitar sua profundidade, nos faz adivinhar nele mesmo a fecunda solução, mas, de todos esses mistérios, ele não desvenda nenhum. Deixa-nos entre as sombras da fé. Suspende o véu, sem rasgá-lo. Dá-nos a certeza, mas sem a visão; concede-nos o gozo, sem, porém, diminuir o mérito; transporta-nos ao mundo divino, sem nos elevar da terra.

E o problema supremo, que é a chave de tudo, a união do finito e do infinito numa só pessoa divina, esse problema conserva-se o mais obscuro, o mais incompreensível aqui neste mundo.

10. O' Jesus! mistério dos séculos, eu vos adoro e vos amo. Curvo respeitosamente minha frente diante de vossa grandeza, e oculto-me confiante em vosso Coração sagrado.

Essa majestade soberana, aliada a uma ternura infinita, essa santidade sem mácula, unida a uma piedade incansável pela minha fraqueza humana, é ainda o mistério que encontro em toda parte, que me encanta aqui na terra em vós e que fará no céu minha adoração perpétua.

QUARTA PARTE

O AMOR TRANSFORMA

DIA VIII

MEDITAÇÃO I

A ALMA AMANTE CONVERSA COM JESUS

Caenabo cum ipso et ipse mecum (Apoc
3, 20).

Eu cearei com êle e êle ceará comigo.

1. Para imitar Jesus Cristo, a alma deve conhecê-lo. Deve estudar a vida e os exemplos de seu amável Redentor, entusiasmar-se pela sua divina pessoa. Com efeito, da admiração nasce o amor, e do amor a imitação.

O artista que quer produzir um quadro contempla-o constantemente até fixá-lo bem na memória.

Assim faz a alma desejar, de reproduzir Jesus na sua vida. Ela medita, lê, escuta com avidez tudo que se diz de Jesus nos santos Evangelhos e na vida dos santos.

Ela o contempla longamente e com amor em seus diferentes mistérios, em sua infância, na sua vida eucarística, na sua dolorosa paixão.

À medida que o ano litúrgico relembra as diferentes épocas da vida de Jesus, ela revive em si mesma os sentimentos experimentados pelo divino Mestre. E quanto mais ela vive com êle, mais e mais compreende, penetra em sua intimidade, e abrasa-se de amor por êle.

2. Tudo isso se chama oração. A oração é indispensável para se avançar rapidamente na vida espiritual, mas

algumas almas embarçam-na com exigências inúteis e envolvem-na em dificuldades imaginárias, transformando êsse exercício tão suave e tão frutuoso num trabalho penoso e ingrato.

Não te deixes iludir, minha alma. Medita de novo, durante o retiro, em alguns dos princípios fundamentais da oração, tal como os ensinam a experiência, a razão e a teologia.

3. Aproximando-se de Deus para fazer oração, a alma deve abismar-se, a princípio, no seu nada. Quanto mais consegue humilhar-se sincera e calmamente diante da grandeza infinita de Deus, tanto mais Deus a contempla com amor e dela se aproxima com desvêlo.

4. A verdadeira oração consiste em unir-se à vontade de Deus por um ardente amor, e dispor a alma a aceitar e executar sua divina vontade.

Tôda oração que realiza essas condições, ainda que árida e cheia de tédio como a de Jesus no jardim das Oliveiras, é excelente.

Aquela que não atinge êsse fim, ainda que acompanhada de consolações e mesmo de êxtases, é uma oração sem efeito.

5. Para atingir êsse fim da oração, as almas não seguem e nem devem seguir o mesmo caminho.

Umam encontram mais prazer e confôrto na reflexão. Outras sentem-se mais atraídas pelo amor. Algumas apegam-se a Deus, presente em si mesmas, por um olhar de amor prolongado, e recebem dêsse exercício fôrça e constância para as lutas da vida cotidiana.

A alma pode seguir sua inclinação, unir-se a Deus da maneira que lhe é mais fácil, sem desaprovar outros caminhos, sem preferir o seu ao dos outros.

Se, mais tarde, ela deve mudar de direção, a inclinação dirigida pelo diretor lho dará a conhecer. Na vida

espiritual, não deve apegar-se a coisa alguma com obstinação: Deus é o Mestre.

6. Em toda oração, qualquer que seja a forma de que ela se revista, cumpre dar uma grande parte à prece humilde. O homem jamais reconhecerá demasiadamente sua absoluta dependência de Deus e sua radical indigência pessoal.

Nosso saber, os belos pensamentos, os sentimentos ardorosos, tudo isso não é senão a flor. Se a graça obtida pela prece não fecunda a planta, a flor tombará sem produzir fruto algum.

Demais, é preciso, nessa oração, prestar ouvidos à voz de Deus, fazer silêncio, e, algumas vezes, ao menos, convidar o Mestre para falar e instruir.

Jesus é tão bom e tão amigo dos homens, que, se o escutassem humildemente, êle não se furtaria ao prazer de com êles se entreter.

Oh! como a oração seria bem feita se Jesus tomasse a iniciativa. E' preciso convidá-lo, insistir para que assim o faça, repetir-lhe freqüentemente: Senhor, ensina-me a orar (Lc 11, 1).

7. Jesus visita por vezes a alma, durante a oração, ou em meio de ocupações, já por emoções súbitas, raios de luz, por uma impressão profunda, uma advertência, uma palavra pronunciada no fundo da alma, ou por uma imagem da fantasia.

Quando essas impressões são calmas e conduzem ao cumprimento do dever e da humildade, elas são de Deus.

Ninguém poderia provocá-las ou retê-las mais tempo, ou chamá-las de novo quando passadas, ou somente prever com certeza se elas voltarão. E' o sinal de que elas não têm origem na própria alma.

8. Quando, em vez de raras e fugitivas, essas impressões tornam-se habituais, a oração muda de nome e chama-

se infusa. Então é o próprio Deus que a faz orar como êle quer e a alma contenta-se em receber essas carícias divinas e delas se aproveita para ser mais fiel, mais mortificada e mais humilde.

A alma abandonada a Deus não pede êsse favor. Ela é uma humilde pedra de espera; não deseja tal ou qual meio de santidade. Tôdas as suas aspirações dirigem-se ao mesmo fim, para o divino amor. E' a Jesus que compete saber o que lhe é mais útil.

9. O exercício da oração, quer seja ou não infusa, é comumente entrecortado de períodos de aridez, de trevas, de tentações.

A alma não se deixa levar pelo sentimento, mas persevera tranqüilamente nos seus esforços, mesmo quando não percebe nenhum resultado. A vontade, por êsse exercício, adquire uma singular energia e dá a Deus a prova mais sincera de seu amor.

Convém, pois, obstinar-se, nessas difíceis circunstâncias, em consagrar à oração a mesma duração e em unir-se a Jesus Cristo no jardim das Oliveiras.

Aquela que é fiel nas distrações, aridez e penas interiores, venceu uma das maiores dificuldades da vida espiritual.

Nessas provações, nem deve queixar-se demais, a nosso Senhor, de sua impotência, mas repetir-lhe pela vontade os atos habituais de amor, de confiança e humilde prece. Pouco se nos dá o estado em que nos encontramos, contanto que Jesus esteja contente.

10. A oração assim compreendida está ao alcance de qualquer alma de boa vontade, não importam quais as circunstâncias.

Tôda alma auxiliada pela graça — e essa jamais falta — pode unir-se intimamente a Deus, por um simples ato de vontade. Qualquer alma, por uma prece humilde,

meio sempre ao seu alcance, pode dispor pouco a pouco sua vontade livre a aderir cada vez mais a Deus.

11. Se convém à sua soberana Majestade fazer-te realizar a ascensão para as alturas, a pé, e pelos longos circuitos de uma prece árida, é que êle sente nessa direção maior segurança para tua humildade e mais glória para sua Providência.

Êle podia, sem dúvida, levar-te em seus braços, mas privar-se-ia da felicidade de ver e apreciar tua heróica constância. Privar-se-ia sobretudo do gozo íntimo de amparar-te em tuas quedas, de consolar-te em teus desalentos, e de perdoar-te as tuas inevitáveis faltas.

DIA VIII

MEDITAÇÃO II

A ALMA AMANTE VÊ JESUS EM TUDO

In ipso enim vivimus et movemur et sumus (At 17, 28).

Nêle, com efeito, encontramos a vida, o movimento e o ser.

1. Há, no homem sobrenaturalizado pela graça, um tríplice conhecimento ao qual corresponde uma tríplice vida: o conhecimento pelos sentidos, pela razão e pela fé.

Se a primeira domina no cristão, êle obedece às suas paixões, é êle êsse "animal homo" (1 Cor 2, 14), êsse homem animal que não percebe as coisas de Deus.

Se o segundo conhecimento é o dominante, o homem vive como filósofo, julgando mesmo a vida sobrenatural segundo as poucas luzes da sabedoria humana.

Se prevalece o terceiro, êle reduz ao seu jugo os sentidos e a razão, regula suas apreciações pela luz superior de Deus e por ela pauta sua conduta.

2. "Iustus meus ex fide vivit", diz São Paulo (Rom 1, 17). Meu justo vive da fé. Êsse justo és tu, alma fiel, que percorreste os degraus inferiores da vida espiritual e alcançaste a vida de união com Deus.

Quanto mais Jesus domina em ti pela caridade, tanto mais se apodera de tua inteligência e a faz caminhar na

verdade, impregna-a de sua própria luz e revela-lhe em toda parte a presença da Divindade.

A alma fiel a essa luz prende-se a Deus com grande amor: ela o vê em tudo e o ama sem cessar. Sua vida já se assemelha um tanto à visão.

3. Deus está presente em toda parte em sua essência ou em seu ser soberano.

Ele é o princípio de toda criatura. Ele a criou e continua a criá-la a todo momento. Concorre para cada um dos movimentos e a cada uma das operações de toda e qualquer criatura.

A ação de Deus enche o universo, está presente em toda parte por sua operação, e, por conseguinte, por seu ser todo inteiro, pois ele é indivisível e sua ação é ele mesmo.

Assim, o grande Deus da eternidade está presente em toda parte como está no céu, com suas perfeições, sua ciência, sua santidade, sua felicidade.

Ele está presente em toda parte e em toda parte todo inteiro, em tua alma e em suas potências, em teus pensamentos e tuas afeições, em teus desejos e tuas apreensões. Ele está presente em teu corpo e em cada uma de suas inumeráveis partes. Ele está nas vestes que te cobrem, no alimento que te sustenta, na água que te refresca, no ar que respiras.

Essa presença de Deus é real, física. Ele está mais presente em teu próprio ser do que tu mesma. Vives nele e por ele, Ele penetra até à tua essência íntima.

A alma apega-se tranqüilamente a essa suave idéia. A vida está oculta em Jesus Cristo nesse Deus imenso. Ela o adora e o ama.

4. Deus está presente, além disso, na alma em estado de graça. "Se alguém me ama... a ele viremos e nele faremos nossa morada" (Jo 14, 23).

As três pessoas divinas habitam em minha alma e aí continuam sua sublime vida. Em mim o Pai gera conti-

nuamente seu Verbo, e o Pai e do Filho procede sem cessar o Espírito Santo, seu mútuo amor.

Eu mesmo sou associado a essa vida divina. Com Jesus eu amo o Pai e em Jesus o Pai me ama. Eu vivo desde já na santíssima Trindade.

Deliciosa ocupação para a alma de fé. Quando ela é livre, concentra-se em si mesma, associa-se longamente por um ato consciente a êsses inefáveis mistérios que nela se completam. Ela desejaria permanecer assim calma e feliz em contacto com Deus. Já é um pouco a vida do céu.

Com Jesus, seu divino amigo, ela conserva-se abismada na santíssima Trindade. Oh! quando vier o momento de se romperem os véus, então, tudo quanto saboreou com amor, na fé, contempla com arroubos, na glória.

5. Deus procurou todos os meios para se aproximar do homem. Êle receia ser esquecido. Revelou-se à sua fé, fixando na alma justa sua morada permanente; revelou-se à sua razão, patenteando-lhe sua presença no mundo todo. Êle quer mesmo adaptar-se aos seus sentidos e tornar-se presente em tudo, ainda que velado sob as espécies eucarísticas.

Aqui, é o próprio Jesus, o homem-Deus, que se aproxima da alma. Pelo ministério do sacerdote, ao qual comunica seu poder infinito, Jesus quer estar presente em cada hóstia consagrada, e isso simultâneamente sôbre todos os altares do mundo.

Êle aí quer estar presente com sua alma e seu corpo vivo, com sua divindade e sua humanidade, e não esconde sua presença aos nossos sentidos senão para deixar-nos o mérito da fé.

Êle quer que nada tenhas a invejar aos apóstolos que com êle viveram, nem mesmo à divina Mãe que sempre estêve ao seu lado.

Tu o recebes em teu coração, como ela o trazia em seu seio puríssimo. Tu o adoras nos tabernáculos como

ela o adorava no presépio. Tu lhe confias tuas alegrias e tristezas como ela expandia seu coração no de seu Filho. Assistes à sua morte durante a santa missa, como ela mesma assistiu ao sacrifício do Calvário.

E essa vida podes levá-la sem interrupção e sem temor que Jesus se afaste de tua alma.

Oh! como o cristão é, pois, honrado: *Nimis honorificati sunt amici tui, Deus* (Sl 139, 17), e como é deliciosa a vida perfeita!

6. A alma de fé descobre e adora Deus presente em seu ser, no mundo todo, na alma do justo e na santa eucaristia; Deus, porém, não somente é o ser, mas também a verdade, a sabedoria encarnada, o Verbo.

Na sua divina inteligência vivem todos os seres. Ele os revestiu de perfeição e de beleza. Comunicou-lhes um raio de sua verdade. Todos, a seu modo, refletem suas infinitas perfeições, suas divinas amabilidades.

A alma pura, que vive de fé, entende a linguagem das criaturas e constantemente está inclinada sobre elas para aver, como num espelho, a beleza e a bondade do Criador.

Ela ama a beleza da natureza. Compreende a voz poderosa do vento que ruge nas grandes árvores e o débil sussurro das canas agitadas pela brisa: ela compreende a linguagem do regato e da humilde flor dos campos, ela percebe o monótono zumbido dos insetos, e o canto melodioso dos pássaros.

Para ela, tudo tem um sentido: o átomo de pó que se balança no ar, o grão de areia à beira do mar, as nuvens dos céus e o céu estrelado.

Tôda criatura lhe traz Deus, e ela o acolhe com uma imensa veneração e um amor sem limites.

7. A alma de fé recolhe, também, com respeito, tôdas as parcelas de verdade que a razão humana pode descobrir. A ciência e a arte são para ela um objeto de culto.

Ela sabe que eles são o reflexo da verdade e da beleza eternas. Ela procura, como por instinto, conduzir êsses fracos raios para seu foco único, para o Verbo de Deus, a sabedoria eterna, o espelho do Pai e o símbolo de sua substância.

8. Mas prefere, ainda mais, entregar-se à leitura da Escritura santa. Sabe que lá a verdade, como um imenso rio, corre em borbotões. Cada versículo, cada palavra é para ela sagrada, como uma encarnação do Verbo de Deus:

Ela aplica-se com fé não somente às verdades dogmáticas, mas também às verdades morais. Procura compreendê-las em toda a sua significação e por elas plasmar seu proceder.

Jesus disse: Se alguém quiser seguir-me, renuncie a si mesmo, tome sua cruz e siga-me (Lc 9, 23). Sede perfeitos, como vosso Pai celeste é perfeito (Mt 5, 48). Bem-aventurados os pobres de espírito, pois é deles o reino dos céus (Mt 5, 3).

Cada uma dessas verdades torna-se para ela uma linha de conduta da qual jamais se desvia.

9. Deus é o ser por excelência; é a verdade e também a bondade.

A alma fiel descobre, adora e ama em tudo a inefável bondade de Deus, sua providência paternal.

Deus tudo criou para um fim de bondade e de amor, pois êle é a bondade por excelência: Deus cuius natura bonitas, Êle é a caridade incriada: Deus caritas est (1 Jo 4, 8). Dessa fonte de bondade não podem correr senão benefícios.

A alma atenta abençoa Deus em todos os tempos: Benedicam Dominum in omni tempore (Sl 33, 2), a mais íntima criatura, da qual ela se aproveita ou que lhe presta serviços, arranca de seu coração um grito de gratidão para o Autor de todo o bem.

Os acontecimentos mais insignificantes são dispostos, ela bem o sabe, por uma mão paternal, para o seu bem, para afastar dela um perigo.

As cruzes que encontra em seu caminho, acolhe-as com veneração, leva-as aos seus lábios e coloca-as sobre seus ombros com prazer.

Assim ela vive, não vendo senão benefícios de Deus, sinais de sua ternura; assim, em tudo, ela adora sua divina bondade, assim abençoa em todos os tempos sua paternal providência.

10. Alma pura, aplica-te cada vez mais a essa vida ininterrupta de fé. Em breve, não mais poderás desviar teus olhos dêsse Deus de grandeza, de verdade e de bondade, que em todo lugar se oferece à tua adoração, à tua imitação e ao teu amor.

Viverás em perpétuo contacto com o Pai eterno que tudo criou, que governa tudo e que enche o universo de sua augusta presença; com o Verbo de Deus, esta verdade eterna que, sobre tôdas as criaturas, imprimiu sua imagem; com êste Espírito divino, o Amor substancial, a Bondade em essência, que derrama de todos os lados seus benefícios, que te santifica continuamente, que te faz entrar em Cristo, e depois te enraíza cada vez mais na sua divina caridade.

DIA VIII

MEDITAÇÃO III

A ALMA AMANTE OUVE A JESUS

Sedens secus pedes Domini audiebat
verbum eius (Lc 10, 39).

Sentada aos pés do Senhor, ouvia a sua
palavra.

1. A docilidade é uma disposição habitual para dar ouvidos à voz de Jesus, crer nos seus ensinamentos, aceitar o que ela dá, seguir seu impulso, e executar seus menores desejos.

E' a disposição da criança que nada sabe, que nada quer por si mesma.

Ser dócil, aqui, é não ter nem mesmo alguma idéia formada de santidade. A alma, que não compreendeu esse perfeito desprendimento de si mesma, quer um modo de orar sem distração, sem aridez, certas ocupações a seu gosto, de acôrdo com seu temperamento, certo modo de fazer o bem, de mortificar-se, certa estratégia para combater seus defeitos. Ela determina a Deus o tempo e o modo como êle pode experimentá-la, escolhe os trabalhos com os quais ela lhe prestará serviço.

2. A docilidade é o mesmo que a simplicidade. A alma simples nada tem a não ser a boa vontade.

Essa disposição, porém, vale por tôdas.

A cada momento, ela está pronta a tomar tôdas as formas que o divino Artista lhe imprime.

Não tem nenhum movimento próprio; aceita, porém, e segue no mesmo instante aquêlle que lhe imprime a vontade e o desejo de seu Mestre.

Está sempre alerta para ouvir sua voz, e tôda a sua perfeição consiste em segui-lo sem considerar o sacrificio a fazer, a repugnância a vencer, a humilhação a sofrer.

A alma simples vai sempre direito ao fim, sem desvios. Ela não tem senão um ideal: Deus, e para êle tende, ainda que devesse passar pelo fogo das tribulações ou das perseguições.

3. A docilidade à voz de Jesus, eis a disposição fundamental para fazer no caminho da virtude progressos firmes e rápidos.

A santidade é uma coisa tão sublime e elevada, tão acima de todos os conhecimentos criados que só o Mestre pode ensiná-la. Os livros mais sábios não podem conter senão pálidas indicações, esboçar alguns lineamentos confusos, imprimir alguns traços esparsos. Essa ciência não se aprende senão pela assiduidade às lições do próprio Jesus.

E se alguém, depois de ter percorrido todos os tratados da vida espiritual, se julgasse apto a avançar na santidade ou para lá conduzir com firmeza outras almas, seria como um homem que, apesar de belos olhos, fôsse cego e avançasse temerariamente num caminho ladeado de precipícios.

O' Jesus! eu quero estar perto de vós como uma criança. Ensinai-me' tudo. Não me deixeis jamais abandonar vosso braço, para que eu não tropece nas pedras do caminho e não me magoe na queda.

4. Deves, pois, começar, continuar a acabar tua vida espiritual, na disposição única de amar a Jesus de todo

o coração, de fazer sempre suas vontades e seus desejos à proporção que os conheceres e na medida de tuas fôrças, e aceitar tôdas as contrariedades e sofrimentos que êle te enviar, seja diretamente, seja indiretamente, não importa em que momento de tua vida.

Eis a disposição fundamental na qual cumpre fixar-se e manter-se.

Todo esforço deve limitar-se a ficar perto de Jesus, a escutá-lo, surpreender-lhe os desejos, a seguir seu impulso.

Jesus, com efeito, não se contenta em manifestar sua vontade pelos mandamentos, pelas regras de tua ordem, pelas disposições de teus superiores ou pelos deveres de teu estado, por um mundo de acontecimentos independentes de tua vontade. Êle fala também no fundo da alma por suas inspirações, seus toques secretos; êle repreende, encoraja, estimula e consola.

5 Admiras-te, talvez, lendo a vida dos santos, que Jesus lhes falasse com essa familiaridade, quase sem interrupção, e os chamasse seus confidentes, seus secretários.

Assim êle fala a cada alma, naturalmente não de um modo sensível, mas ao ouvido do coração.

Êle é tão bom e tão desejoso de entrar em contacto com as almas pelas quais deu a vida, que, se se dignassem ouvi-lo, êle não poderia abster-se de falar.

Se lhe pedisses freqüentemente para se comunicar contigo, êle se apressaria em se fazer compreender e gozarias em breve de sua agradável conversação.

Mesmo agora que tu o escutas tão raramente e de uma maneira tão distraída, Jesus ainda te fala.

6. Sua voz é suave como a brisa. E' uma emoção, uma luz súbita, uma convicção instantânea, uma impressão, uma palavra misteriosa. Ela se faz ouvir tanto em meio de uma conversação com as criaturas, como no momento da oração.

Às vêzes, um versículo da sagrada Escritura toma um sentido que se não tinha apercebido; outras vêzes, uma palavra banal, proferida ou ouvida no decorrer de uma conferência, faz uma impressão misteriosa; outras vêzes ainda, um simples acontecimento exterior reveste-se, aos olhos da alma, de uma importância capital.

Enfim, freqüentemente Jesus dirige a alma por meio de impressões vivas, de palavras pronunciadas no fundo do coração.

7. A alma atenta habitua-se insensivelmente a distinguir a voz de Jesus. Após algum tempo, estabelece-se entre ela e Jesus um colóquio íntimo, interrompido somente em certos períodos de provações interiores, necessárias para fortalecer a virtude.

E para a alma não cair na ilusão, o próprio Jesus ordena-lhe de controlar, nas coisas importantes, sua divina vontade pelos guias espirituais.

8. Para chegar a ouvir a voz de Jesus e a se deixar guiar por suas inspirações, debes esforçar-te por fazer silêncio em tua alma.

Não fales inútilmente com as criaturas. Cumpre somente, para com elas, os deveres de caridade e de civilidade e depois, como a tímida rôla, oculta-te na escavação da pedra.

Sobretudo, aplica-te a moderar teus desejos, alegrias, tristezas, apreensões, enfim, tôdas as emoções apaixonadas. São elas que perturbam o silêncio de tua alma.

Deixa cair todos os pensamentos inúteis, todos os tolos devaneios, todos os vãos projetos que povoam tua imaginação.

Desata todos os apegos do coração: só Jesus deve ocupá-lo, só êle merece tôda a tua afeição.

Ordena, enfim, tuas ocupações exteriores para que não sejas arrastado no turbilhão dos negócios.

Em uma palavra, esvazia teu coração de tudo que é estranho, porque ninguém tem o direito de ocupar o templo de Jesus e aí tratar seus negócios profanos.

Quando teu coração fôr puro, Jesus far-se-á entender e entrarás em comunicação com êle.

Desde êsse momento começará para ti a verdadeira vida espiritual.

DIA VIII

MEDITAÇÃO IV

A ALMA AMANTE ACOMPANHA JESUS EM TUDO

Tenuisti manum dexteram meam et in
voluntate tua deduxisti me (Sl 72, 24).

Vós tomastes minha mão direita e me
conduzistes por toda parte segundo
a vossa vontade.

1. Nada há tão calmo como a alma possuída por Jesus e vivendo de sua vida.

Jesus escreve nela seu santo Evangelho, dia por dia, hora por hora. É a continuação da vida admirável que ele levou na terra.

Essa vida era bem simples então. Nos nossos dias ainda assim é. Nada há de extraordinário na vida do justo.

A alma vai calmamente, com Jesus, cumprir os deveres de cada dia, aqueles que impõe o estado de vida, a necessidade, a caridade, e a conveniência.

2. Entre essas ocupações, a alma não escolhe. Sabe que, diante de Deus, tudo tem o mesmo valor. Quer ela passe seu tempo com Jesus no Egito ou em Nazaré, na oficina de operário ou no templo, quer o acompanhe na sua vida pública ou se assente tranqüilamente a seus pés como Maria e José, tudo isso lhe é indiferente. Não é a sua vida que ela vive, é a de Jesus.

Como ela é calma e feliz, como se sente forte, apoiando-se na mão' de Jesus, e não dando um passo sem êle!

3. Com êle, ela vai orar. Une-se à divina Vítima que se imola sôbre o altar e, ao dêle, ela une seu sacrificio. Com êle, ela pede ao Pai celeste que distribua seu perdão aos pecadores. Com êle, ela reza pela Igreja da terra e do purgatório.

Oh! que respeito envolve a alma durante essa santa ocupação. Ela adivinha em tórno de si e de Jesus a augusta companhia dos anjos e dos santos; parece-lhe ver o céu aberto, atento à sua oração.

Com Jesus, ela vai a seus deveres de caridade: infelizes a cuidar, ignorantes a instruir, pobres a socorrer. Com que delicadeza ela se aproxima de tôdas essas misérias, para aliviá-las, e aliviando-as, reconduzir as almas a Deus!

Com Jesus ainda, ela vai a suas múltiplas ocupações, sem importância aos olhos dos homens: conversações, refeições, visitas, recreações e repouso. Acolhe cada uma delas com um grande respeito, pois elas lhe trazem seu Deus.

4. E, quanto mais humildes são essas ocupações, tanto mais a alma as venera e acolhe com amor. Ela sabe que Jesus tem preferência por tudo quanto é pequeno, ignorado, sem pompa.

Ela tem prazer em imitar o divino Artista, que se compraz em dotar as criaturas de tanto mais perfeições quanto mais ignoradas e humildes são.

Também, ninguém, senão Jesus, saberá com que cuidado ela se aplicou em fazer suas menores ações e que tesouros de amor confiou a cada uma delas. Que importa, pois, que elas passem despercebidas? Que importa que tôda a sua vida se envolva em véus? Que importa que ela não seja, aos olhos dos homens, senão um átomo na imensidade do universo

5. E depois, Jesus irá com a alma não mais ao templo para pregar, não mais a Betânia para repousar, mas a Getsêmani para sofrer. E a alma estará contente.

Não se assusta com a multiplicidade e variedade de seus sofrimentos. Não examina o que está no fundo do cálice. Não indaga quem lho apresenta: será Caifás ou Pilatos? não, é seu Pai. Com Jesus, ela o aceita e bebe.

Não especifica ao Mestre qual cruz quer levar de preferência, não lhe exprime nem mesmo o desejo, que tem, de sofrer, a menos que Jesus para tal a convide, pois tem um imenso respeito pela vida do divino Mestre, que ela escreve em seu coração.

Nada de profano aí se mistura. Nenhum traço humano nela pode desfigurar a face do divino Cristo.

Mas, também, como se sente consolada em estar tão intimamente unida ao seu divino Amigo, em ser para êle uma humanidade de acréscimo, na qual êle pode perpetuar sua paixão, em ser o canal pelo qual Jesus faz correr seu amor nas almas.

Oh! quanta beleza numa alma simples, assim abandonada a Jesus, e como ela deve esforçar-se por levar plenamente essa vida tanto quanto aqui na terra a sua condição humana lhe permita.

6. Para tal conseguir, cumpre dominar a cada momento sua atenção e tôda a sua energia.

Sem dúvida, desde que a alma está em estado de graça, tudo que a vontade ordena ou faz pertence a Jesus, exceto o pecado.

A alma não precisa ter consciência da vida de Jesus Cristo em si, para que esta seja verdadeira; ela não deve verificar a bondade de seus atos, para que êstes pertençam a Jesus. Ela entregou-lhe sua vontade. A árvore tôda inteira é do Mestre, com todos os seus ramos, fôlhas, flôres e frutos.

E' esta uma consolação bem grande para as almas sujeitas a divagações involuntárias do espírito ou da imaginação.

7. Entretanto, quanto seria ainda mais belo e mais consolador, se a alma tivesse consciência de si mesma e acompanhasse seu divino Amigo durante todo o dia, não somente com sua vontade muitas vêzes distraída, porém com tôdas as faculdades ao mesmo tempo!

A alma deve tender incessantemente para êste ideal do recolhimento, sem, todavia, se afligir nem se inquietar por não conseguir alcançá-lo perfeitamente.

8. E para conseguir, ao menos até um certo ponto; ter assim consciência de si mesma, concentrar o máximo de energia e de atenção no momento atual, ela deve tratar suas faculdades, e especialmente a inteligência, com moderação.

Não se deve exigir do espírito o que êle não pode dar; não se lhe deve impor um dever superior às suas fôrças. Não sendo assim, tornar-se-á incapaz de prestar serviços por muito tempo.

Não se lhe deve pedir para se preocupar ao mesmo tempo com o passado e o futuro. Basta-lhe o presente. E nesse presente, deve-se prestar ao dever uma atenção calma e moderada.

Alma agradecida, para conter o ardor de tua atividade, lembra-te muitas vêzes que tu ages de acôrdo com Jesus, que és seu instrumento e que o Mestre não tem motivos para se apressar.

9. Deus criou o tempo. Êle quer que sua criatura empregue em cada ação o tempo que êle determinou desde tôda a eternidade. Do conjunto de seus deveres, cumpridos por amor, com Jesus, resultará a santidade final.

Deus quer santificar as almas, mas gradativamente. Na natureza; tudo cresce e se desenvolve lentamente e por graus.

Na ordem da graça, as almas se aperfeiçoam do mesmo modo. Deus é eterno: êle vê o princípio e o fim de tôdas as coisas e nada se perde, nem desaparece sem seu consentimento. Para que apressar-se?

10. A alma inexperiente entristece-se vendo a lentidão com que avança a obra da santificação. Essa impaciência é sinal de uma virtude fraca, de uma confiança medíocre na Providência divina.

E' preciso reprimir êsses desejos apressados e adaptar-se ao passo de Deus. Uma corrida muito rápida expõe a quedas e a precipícios.

Para construir as catedrais, que não duram senão um tempo, nossos antepassados empregaram séculos; para elevar o templo espiritual da alma, o santuário vivo e eterno da santíssima Trindade, Deus tem bem o direito de empregar alguns anos.

Demais, é preciso tempo, antes que o fogo da divina caridade consiga fundir o gêlo de todos os nossos defeitos, penetrar com seu benéfico calor o nosso coração de pecado, em suas mínimas dobras.

E' preciso tempo antes que a graça, infusa em nossa alma pelo Espírito Santo, como um óleo precioso, tenha impregnado nossa vontade, nossa inteligência, tôdas as nossas faculdades com seus atos.

11. Não te preocupes, pois, em saber em que ponto do caminho para a eternidade chegaste. Contenta-te em ir a teu dever todos os dias com Jesus.

Esquece-te de ti mesmo, para não pensar senão em Cristo que vive em ti, e que escreveu em tua alma seu Evangelho.

DIA IX

MEDITAÇÃO I

A ALMA AMANTE TEM FOME E SÊDE DE AMOR

Sitienti dabo de fonte aquae vitae, gratis (Apoc 21, 6).

Ao que tem sêde, eu darei gratuitamente da água da vida.

1. A alma que se oferece a Jesus nada mais faz no mundo senão amar. Tudo quanto ela toca transforma-se em caridade.

Mas, a cada instante ela procura concentrar com santo ardor, numa só aspiração, tôda a energia do amor de que é capaz.

Quanto mais avança, tanto mais êsse esforço incansável se purifica, simplifica-se e acalma-se.

2. Deus é o princípio da paz. Vive num lugar inacessível aos sentidos. Êle é espiritual e sòmente a alma pode atingi-lo e abraçá-lo.

Calmamente a alma repete, em tôdas as circunstâncias da vida, seu ato favorito: Jesus, eu vos amo, eu me dou tôda a vós e para sempre!

Nas suas alegrias e tristezas, nas suas dificuldades e tentações, no comêço, no meio e no fim de seus trabalhos, ela murmura sempre o mesmo ato.

E' tão doce ao coração de Jesus, ouvir dizer sempre que o amam sem medida!

E se a idéia de Deus não se apresenta, se as ocupações absorvem a atenção, a alma não se perturba, mas, em chegando a noite, ela redobra de ternuras e de amor. Durante o trabalho, seu bom anjo amou por ela e Jesus supriu a sua insuficiência.

3. Essa aspiração de amor toma nela tôdas as formas, conforme as necessidades e segundo as circunstâncias.

Umaz vêzes, é uma exclamação à vista da beleza da natureza, da perfeição da mais ínfima das criaturas; outras vêzes, é um movimento de gratidão para com a amável Providência que lhe preparou, desde a eternidade, os benefícios que ela goza hoje; ou, então, é um protesto de fidelidade em face do dever difícil, um brado de alarme em presença do perigo, uma exclamação de alegria, um suspiro de saudade, uma lágrima de arrependimento.

Tudo isso é puro amor, são dardos inflamados que penetram no Coração de Deus. Oh! como é fácil amar!

4. A alma não se dá ao trabalho de exprimir amor, sòmente à flor dos lábios. As palavras, sem dúvida, não prejudicam, porém basta um olhar afetuoso, para que o bom Mestre tudo compreenda.

Aparentemente, as distrações virão muitas vêzes desviar a alma de sua contemplação, mas ela não as teme. As divagações não têm poder senão sòbre sua imaginação e inteligência. A vontade, porém, fica unida a Jesus. Não é êle quem a possui pela graça?

Ela não se assusta nem mesmo com suas fraquezas passageiras, pois Jesus, que pode purificá-la e reparar o mal, permanece nela. Ela lhe pede simplesmente para ser sua pureza, inocência, para completar nela a obra da redenção, reparando suas faltas. Depois continua tranqüilamente o seu trabalho.

5. Consegue assim uma grande paz interior, uma total indiferença. Estar com saúde ou enfêrma lhe é indiferente, assim como ser estimada ou desprezada, ser interiormente consolada ou desolada.

Jesus pode fazer fracassar, se assim quiser, todos os seus projetos, aniquilar seus planos, reduzir a nada todos os trabalhos empreendidos para a sua glória. Ela sabe que Jesus não precisa de seus serviços, desde que possua seu coração.

Pouco se lhe dá a simpatia ou antipatia, a aprovação ou a perseguição dos homens, da gente de bem, de amigos antigos ou mesmo de superiores. Pouco se lhe dá ver mal interpretadas suas melhores intenções, ou contrariadas suas vontades as mais santas. Jesus vive nela. Ele é tudo e ela não é mais nada.

Portanto, a alma progride dia por dia na perfeição. Jesus perdoa continuamente suas faltas, purifica-a com seu contacto constante, estimula-a a fazer novos esforços, a realizar novos progressos no amor.

6. Quem nos dirá as maravilhas que êle assim opera, no decorrer de uma vida, na alma generosa?

Para sabê-lo seria preciso apreender a maneira infável como se fundem dois corações, o de Jesus e o de sua pobre criatura, para tornar-se em um só e mesmo princípio de ação e vida sobrenaturais.

Seria mister compreender o mistério de união realizado em nós pela graça e pelo qual nossa vida sobrenatural torna-se a de Jesus, sem deixar de ser a nossa.

Na natureza, o menor dos insetos, o mais frágil dos ramos, a margarida dos campos são dotados de tão grande perfeição e de beleza tão encantadora, que causam a admiração dos mais sábios naturalistas.

Todavia, êsses sêres tão belos e tão perfeitos vivem apenas um dia.

O que não fará Deus por uma alma imortal destinada a reinar com êle por todos os séculos dos séculos?

Se Deus espalhou sôbre a natureza suas riquezas e dons, o que não inventaria sua sabedoria para adornar uma alma que se tornou como um outro êle mesmo, uma participação da sua natureza divina?

7. E êsse trabalho de aperfeiçoamento prolongar-se-á durante anos. Jesus emprega nêle todo o seu carinho. Tôdas as criaturas devem contribuir, de bom ou mau grado, a essa obra-prima. Todos os seus acontecimentos, as vicissitudes interiores, as cruces, consolações, perseguições, desilusões de tôda espécie, as graças, os toques secretos, inspirações, tudo contribuirá ao progresso espiritual do homem.

8. Jesus dirigirá sàbiamente a vontade, a inteligência, a imaginação, as paixões, os sentidos, para que nenhuma faculdade venha a contrariar sua obra.

Em seguida, sua luz tornar-se-á mais intensa na alma para que ela conheça suas divinas perfeições e a própria pequenez e se lhe afeiçoe com tôdas as fibras de seu ser.

Enfim, êle avivará nela o fogo da caridade, provocando-a à luta de amor com êle, o onipotente. E a alma, à fôrça de amor, sente-se como desfalecida. Torna-se então a vítima do amor. A febre, uma febre deliciosa, consume-a lentamente.

9. Por vêzes, essa suave moléstia é latente. A alma mal a percebe. Trabalha, diverte-se, faz oração, sentindo bem que possui Jesus e é amada por êle. Seu amor é calmo, silencioso e profundo. E' uma deliciosa chama de amor que arde lenta e mansamente, porém sem cessar, no fundo do coração.

Depois, sùbitamente, a temperatura da alma sobe; o amor é mais intenso. Uma sêde insaciável apodera-se dela e atormenta-a. E' a sêde de pertencer a Jesus, de

estar ao seu lado, abraçá-lo e apertá-lo mil vêzes ao seu coração.

Ao mesmo tempo, o desgosto dos bens da terra a invade. Ele consome-se aqui na terra. Estremece ao contacto do frio egoísmo do mundo. Geme em sentir Jesus tão pouco amado, tão pouco conhecido, tão desprezado.

E' em vão que ela procura aplicar-se às suas ocupações de costume. Seu espírito e seu coração levam-na para longe. Uma emoção persistente envolve-a inteiramente e reclama-a para Jesus.

E' o mal do amor que invade todo o seu ser e não a abandonará mais sem a ter devorado.

Mas o amor não a consumirá logo no princípio. A alma, após haver definhado alguns dias sob sua ação, sente-se voltar ao seu estado normal. Não convém que se consuma de uma só vez.

10. Quando Santa Teresa chegou ao fim de sua vida, foi freqüentemente atormentada por esta febre de amor e os acessos tornaram-se tão violentos que seus dias correram perigo. Os menores incidentes eram bastante para provocar os ataques do divino amor.

Um dia, durante a recreação, as Irmãs cantaram um cântico a Jesus. Ao som desse cântico assaltou-a o amor, Ela caiu em êxtase e ficou nesse estado, entre a vida e a morte, durante três dias. Depois voltou a si como acordando de um sono profundo, e entoou seu sublime canto de amor: "Espero de Deus tão sublime vida, que morro de não poder morrer".

DIA IX

MEDITAÇÃO II

A ALMA AMANTE AUXILIA JESUS A DIFUNDIR O AMOR

Videte regiones quia albae sunt iam ad
messum (Jo 4, 35).

Contemplai os campos que alvejam e
estão já prontos para a colheita.

1. Quanto mais intensa a vida, tanto mais ela tende a se comunicar, a se expandir. Assim é toda vida intelectual, artística, corporal. Toda idéia forte e clara quer transmitir-se a outros; toda a concepção artística busca exprimir-se em uma obra-prima.

A natureza inteira apresenta o mesmo espetáculo de generosidade e sacrifício de si mesma. Parece que o animal e a planta não receberam vida senão para transmiti-la; até os próprios corpos inanimados não se combinam senão para formar um novo ser dotado de novas energias.

Agir, comunicar-se, ser para outrem uma fonte de bens, é o destino de toda vida, e, quanto mais plena, tanto mais é transbordante; quanto mais elevada, mais e mais é comunicativa.

2. O amor incriado é a vida sem termo, a vida por excelência, a fonte onde se alimenta toda existência criada.

Eis por que ela é a bondade sem limites, a bondade que se dá e se difunde.

Tu, minha alma, recebeste essa vida divina, a vida do amor; tu não a possuis somente para ti. A exemplo de Deus, deves aquecer em torno de ti os corações de gelo; deves fazer sentir a teus irmãos a influência benéfica do amor.

3. E' Jesus que te dá o preceito: Amarás teu próximo como a ti mesmo (Mt 5, 43)... Amai-vos uns aos outros como eu vos amei (Jo 13, 34)... Que êles sejam um como nós somos um (Jo 17, 22).

E êsse mandamento, Jesus chama-o seu mandamento (Jo 15, 12), um mandamento novo (Jo 13, 34). E' na prática fiel dêsse mandamento que se reconhecerão seus discípulos, e os verdadeiros cristãos.

E para que ninguém se esqueça de sua recomendação, Jesus declara que aquilo que se faz aos outros, ainda que seja ao menor dos seus, em bem ou mal, é a êle que se faz (Mt 25, 45).

Identifica-se com cada um dos homens para que ninguém seja privado dos benefícios da caridade.

Declara que os cristãos devem formar uma grande família de irmãos cujo Pai está nos céus e do qual é êle o primogênito (Rom 8, 29).

Tanta insistência, tantas precauções não provam que a caridade, para ser verdadeira, deve ser ativa e estender-se ao próximo?

4. Além disso, o amor verdadeiro traz consigo seu caráter infalível.

O amor é um fogo que devora. Êle quer expandir-se. Não poderia limitar-se ao coração que êle enche. Busca uma saída e comunica-se aos outros. E quando toma a proporção de um vasto incêndio, suas chamas lançam-se ao longe e consomem tudo quanto podem atingir.

Nada é tão oposto ao amor como o egoísmo, que se concentra em si mesmo, que usa em seu proveito exclusivamente tesouros que Deus lhe confiou. E' contra êsse egoísmo que Deus pronunciou êste anátema: Quem conserva a vida, perde a vida, e quem a perde por meu respeito, conserva-a.

5. Enquanto não sentires uma santa ambição de amor de Jesus, e de te sujeitares a sacrifícios, necessários para êsse fim, não poderás dizer que lhe pertences inteiramente.

Como poderia a espôsa viver ao lado do Espôso vendo-o ultrajado, sem procurar vingar sua honra?

Serão as almas de tão vil preço que podemos, sem emoção, vê-las correrem para a sua perda eterna?

Há um quê de assustador nesse sangue frio com que vizinhos todos os dias com almas imortais que se abeiraram do inferno.

Êsses condenados de amanhã são homens como nós com os quais conversamos, tratamos de negócios, aos quais, talvez, nos unem laços de amizade ou de parentesco.

E vemos que êles se aproximam dia a dia dêsse horrível abismo aonde serão precipitados para sempre, e do fundo do qual nos amaldiçoarão sem fim e amaldiçoarão a Deus.

E nosso coração não se comove e nossos lábios não murmuram uma prece para arrancá-los à condenação, nossa amizade não nos sugere um esforço para salvá-los.

6. Oh! como somos egoístas e pouco semelhantes a êsse Jesus que, à vista da horrível desgraça que nos esperava, baixou à terra para todos e sacrificou sua vida em meio das mais terríveis torturas.

Minha alma, se esqueceste até agora êsse dever de amor, recupera o tempo perdido: Jesus perdoa a tua negligência.

A venerável Ana de São Bartolomeu, carmelita em Antuérpia, viu um dia Nosso Senhor na capela de seu convento. Era de uma beleza encantadora, mas uma nuvem de tristeza ensombrou-lhe o semblante. Ana perguntou-

lhe a causa da tristeza. “Minha filha, respondeu Jesus, como não estarei triste? Tantas almas se perdem apesar de meu amor: ajuda-me a salvá-las”.

7. Toma, pois, a resolução de consolar o Coração de Jesus. Não ponhas limites à tua dedicação.

Esforça-te, a princípio, por aquecer com os ardores da caridade os que vivem em torno de ti, contigo. Eles são teu primeiro próximo; eles têm direito, os primeiros, a serem amados e socorridos, por ti.

Esse amor deve ser um amor de benevolência. Cumpre amá-los na medida de tuas forças; esforça-te, pois, para isso. Essa benevolência prática deve estender-se a todas as suas necessidades espirituais e temporais.

E’ sobretudo pela suavidade na maneira de proceder, pela doçura e paciência nas relações cotidianas, que se deve manifestar a caridade.

Um caráter sempre bom e igual, sempre pronto a causar prazer, consolar e auxiliar, eis a melhor e mais eficaz prática da caridade.

8. Mais ainda: há as necessidades espirituais de todas as almas em geral, em particular dos pecadores e, especialmente, dos agonizantes. Esse campo aberto ao teu zelo é imenso.

Há necessidades materiais, e sobretudo espirituais, da família ou do instituto a que pertences, e, depois, de todas as nações do mundo.

Há a reconduzir os povos que sacudiram o jugo do Rei-Jesus; há a fazer reflorescer as máximas do cristianismo, a reanimar o espírito da caridade mútua entre os povos divididos pelo ódio.

Há ainda a combater os falsos princípios do mundo, os usos anticristãos, que põem em perigo os costumes e a fé dos fiéis.

9. Mais alto ainda se impõe como objeto de tua caridade tua mãe, a santa Igreja. Deves esforçar-te por todos os meios e contribuir para que ela seja santa e pura.

E' preciso, pois, orar pelos padres, a fim de que êles sejam vasos de eleição: pelas Ordens religiosas, a fim de que seus membros realizem plenamente sua sublime vocação.

E' preciso suplicar a Deus para que êle estenda seu reino sôbre todos os povos incrédulos, cismáticos, heréticos e pagãos, que êle faça brilhar a verdade da fé em todo seu esplendor sôbre o mundo inteiro.

E' preciso importunar, noite e dia, o Coração de Jesus para que êle difunda nas almas os tesouros de seu amor, que êle faça conhecer e amar, que êle estabeleça por toda parte o reino de seu sagrado Coração.

Que tantas carências, minha alma, não te desanimem. Lança-as continuamente no Coração de Jesus, que tu possas inteiramente e que é infinito em riquezas e generosidades.

DIA IX

MEDITAÇÃO III

A ALMA AMANTE VAI COM JESUS À
CONQUISTA DAS ALMAS

Faciam vos fieri piscatores hominum
(Mt 4, 19).

Eu vos farei pescadores de homens.

1. Causa-nos estupefação ver o que fizeram, com o ardor de sua caridade, homens sem ciência, sem fama e sem fortuna, mulheres ocultas através das grades de um mosteiro, operários entregues aos seus ofícios, mães de famílias, criadas absorvidas nos trabalhos domésticos.

Êles foram, nas mãos de Deus, instrumentos admiráveis para instituir Ordens religiosas, para introduzir e fazer adotar devoções que beneficiaram tôda a Igreja.

Êles fizeram surgir dedicações cuja irradiação perdura e se ramifica sob nossos olhos em tôdas as nações infiéis. Êles impediram terríveis flagelos, extinguiram heresias, abafaram cismas.

O que não fêz uma Santa Catarina de Sena, uma Santa Margarida Maria? O que não realizaram humildes padres como São Vicente de Paulo e o Santo Cura d'Ars?

2. Entretanto, êsses efeitos admiráveis são frutos naturais do santo amor.

O amor, com efeito, é engenhoso. Encontra mil modos de se transbordar. Penetra aonde a razão ou a força não conseguiram entrada. Desarma o preconceito, acalma a paixão, previne as suspeitas. Nada resiste à sua benéfica influência.

O amor é prático. Adapta-se às circunstâncias, acomoda as suscetibilidades, resolve as situações mais complicadas. Quanto mais uma alma ama a Deus, tanto mais, em igualdade de circunstâncias, tem aptidão para a organização. Os santos fundadores e fundadoras de Ordens são disso a prova brilhante. Se devesse escolher um estadista, disse Luís Veuillot, escolheria um monge.

O amor é infatigável. Na idade de setenta e quatro anos, Santo Afonso de Ligório, abatido pela moléstia, martirizado em tôdas as suas articulações por uma dor atroz, paralisado todo o corpo, a fronte pendendo sôbre o peito, as carnes devoradas por um cancro, não tendo livre senão a mão, continuava, prêso ao leito, a escrever livros, a dirigir sua diocese e sua Congregação. E quando a febre se elevava demais, apoiava durante alguns instantes a fronte numa pedra fria, e continuava depois o seu trabalho.

3. Sim, o amor é ativo; todavia, para ser eficaz, não é indispensável executar obras grandiosas tais como realizaram alguns santos.

A atividade do amor, sua influência e sua eficácia residem nêle mesmo, muito mais do que em suas manifestações exteriores.

Os homens mais ativos não são os que mais se agitam. O filósofo que elabora uma grande idéia, em longas meditações solitárias, e a transmite depois às gerações futuras, tem, no decorrer dos acontecimentos do mundo, mais influência que os reis ou os grandes políticos. A idéia lançada nas inteligências germina lentamente, cresce; desenvolve-se e enfim produz seu fruto.

4. Assim é o amor. A alma que ama unicamente a Jesus lança, no mundo das almas, uma semente fecundada, que germinará a seu tempo, produzindo uma colheita tanto mais abundante quanto mais intenso fôr o amor.

Não disse São João da Cruz: Uma gôta de amor puro tem mais valor do que tôdas as outras boas obras reunidas?

O amor é semelhante a uma torrente possante que tem origem no Coração de Deus. Com que impetuosidade desce ela dessas alturas infinitas, com que violência arranca ou rompe os obstáculos que se opõem à sua queda; com que rapidez e segurança ela abre uma passagem no vale, isto é, até às almas humildes e bem dispostas!

E os caminhos para atingir as almas são múltiplos.

5. Antes de tudo, alma caridosa, não podes orar por teus irmãos em perigo?

Não é poderosa a oração sôbre o Coração de Deus e não obtém dêle dessas graças extraordinárias necessárias para transformar estas almas?

São Geraldo escreve no cabeçalho de suas resoluções: "Eu quero que tôdas as minhas orações, comunhões e boas obras sirvam para a conversão dos pecadores. Para êsse fim, ofereço minha vida em união com o sangue preciosíssimo de Jesus. O' meu Deus, quisera salvar tantos pecadores quantos grãos de areia há na praia, fôlhas nas árvores, plantas nos campos, estrêlas no firmamento, raios no sol e criaturas na terra!"

E não temas que, rezando constantemente pelos outros, descuides de teus próprios interêsses. Nada comove tanto o Coração generoso de Jesus como êsse esquecimento de si mesmo para pensar no bem de outrem.

Quando há no seio de uma família um filho tão bom que implora continuamente à sua mãe em favor de seus irmãos, esquecendo-se de si mesmo, êsse filho torna-se, da parte de seus pais e dos demais da família, o objeto de uma ternura inexprimível.

6. Depois, há o trabalho que fazes por ordem de Deus, para cumprir os deveres de estado, para satisfazer as exigências de tua condição.

Não creias que êsse meio seja pequeno. Tuas menores ações, juntas aos méritos de Jesus, têm um valor infinito. Podem merecer, reparar, expiar tão bem quanto as grandes ações dos santos.

Jesus, com efeito, não quer, de tôdas as almas, feitos brilhantes. Satisfaz-se muitas vêzes em moderar a atividade daquelas que lhe são mais dedicadas. Excita nelas desejos imensos de apostolado ou de martírio e conserva-as, depois, acorrentadas durante tôda a vida a um humilde e obscuro trabalho.

Executa êsse trabalho com um grande amor. Une tua ação à de Jesus e dize-lhe: Bom Mestre, dou-vos esta obra, mas é preciso pagá-la. E' de valor infinito, quero por ela a salvação de um pecador!

Não temas exigir demais! Quanto mais pedires com confiança, mais obterás. Se pedires, sem hesitar, por uma ação, dez, cem, mil pecadores, Jesus é bastante rico e bastante generoso para satisfazer-te. Faze-te pagar assim cada palavra que pronuncias, cada passo feito para cumprir teu dever, cada aspiração de teu coração, e Jesus agradecer-te-á.

Quantas almas salvarias se tivesses em teu celeste amigo a audaciosa confiança de uma criança!

7. Além da oração e do trabalho, tens ainda à tua disposição o sacrifício.

Quando o trabalho que tens a fazer é penoso ou enfadonho, anima-te, pensando que sofres por Jesus, para salvar almas.

Por vêzes, as contrariedades te oprimem; penas interiores, cruces exteriores, perseguições, suspeitas. Aceita com avidez tudo isso, da mão de Deus. E' o resgate de milhares de pecadores.

Acrescenta, a essas mortificações forçadas, sacrifícios voluntários. Não deixes escapar uma só ocasião de te contrariar, de privar-te de algumas pequenas coisas.

Oh! o amor! Se devorasse teu coração, terias a cada passo para oferecer a Jesus o sacrifício de uma curiosidade, de um capricho, de uma palavra inútil, de um olhar ocioso, de uma comodidade, de uma simpatia.

E a cada sacrifício, Jesus responderia concedendo-te almas libertadas do purgatório, tábios reconduzidos ao fervor, pecadores salvos.

A cada instante, inúmeros pecadores, em tôdas as partes do mundo, agonizam. Obtém-lhes as graças de uma contrição perfeita nesse momento supremo.

Quantas almas pecadoras seriam salvas nesse último instante se, de tôdas as partes do mundo, se elevassem, em seu favor, orações ardentes unidas a pequenos sacrifícios.

Furtar-se-ia Jesus a atender a semelhante oração, num momento de tal importância, em que se decide uma eternidade de ódio ou de amor?

8. Enfim, acresce a todos êsses meios o bom exemplo. Jesus mesmo disse: Que se vejam vossas boas obras e que se glorifique vosso Pai que está nos céus (Mt 5, 16).

Uma vida de bom exemplo é uma pregação contínua, mais eficaz que as palavras de um missionário.

O fervoroso religioso que observa a regra sem ostentação e sem temor é capaz de reformar por si só todo um convento.

Um homem do mundo que pratica a religião simplesmente, sem se prevalecer de sua virtude, faz talvez bem maior aos crentes e aos ímpios que o padre em tôda a paróquia.

Uma simples empregada, com sua inalterável paciência, sua obediência, sua obsequiosidade, atrai os corações

a Deus com mais fôrça do que o fariam as mortificações dos anacoretas e as orações dos monges.

Um padre, pela doçura de seu ministério, simplicidade de suas maneiras, cordialidade de suas relações, gravidade de sua conduta e o desinterêsse de suas vistas, faz mais impressão sôbre os ímpios, que não faria a leitura de grandes volumes de apologética.

Para mim é indiferente tudo quanto podeis dizer, respondeu um jovem operário latoeiro, a libertinos que caluniavam padres. Eu conheci o padre Ségur. Ainda que não existisse senão êle, isso bastaria para provar que a religião é verdadeira.¹

E, com efeito, só a religião católica pode inspirar essa doçura, essa bondade, essa dedicação, êsse espírito de desinterêsse e de imolação, essa humildade sem pretensão, essa afabilidade sem insipidez, essa condescendência sem baixeza, essa nobreza de caráter sem orgulho, que são os sinais distintivos de uma alma dedicada a Deus. Só ela tem o segrêdo de tôdas as virtudes que atraem, pois só ela possui o amor.

¹) Citado por Mons. Baunard, *L'Evangile du Pauvre*, p. 184.

DIA IX

MEDITAÇÃO IV

A ALMA AMANTE IMOLA-SE COM JESUS

Mortui sumus cum Christo (Rom 6, 8).
Mortos somos com Cristo.

1. Há uma lei universal que abrange todos os séculos e tôdas as gerações: "Sem efusão de sangue não há remissão" (Heb 9, 22). E' São Paulo que assim a formula. Antes dêle, tôdas as nações, todos os povos, não importa a que aberrações religiosas se tenham deixado arrastar, de há muito já isso haviam observado.

Os judeus, por ordem de Deus, imolavam animais escolhidos entre os mais puros, destinados a representar o Cordeiro de Deus, Jesus Cristo, que se devia imolar por nós.

Os pagãos não recuavam diante do sacrifício de seus semelhantes para aplacar as divindades, e, quanto mais bárbaros, isto é, quanto mais entregues aos seus instintos naturais, mais a escolha dessas vítimas era significativa, Sacrificavam o que tinham de mais querido e inocente: os próprios filhos.

Os excessos mesmos de seus erros conduziam-nos à verdade, pois, realmente, a expiação universal não se faria nem se poderia fazer senão por um Filho único, inocente e imensamente querido.

2. Assim, São João pôde dizer que o Cordeiro de Deus foi imolado desde o princípio do mundo (Apoc 13, 8).

Êle era imolado em todos os sacrifícios humanos que os pagãos, na sua ignorância, ou, quem sabe, na sua boa fé, desviavam de sua sublime significação.

Êle era imolado, sob a figura de animais como o ofereciam os judeus, principalmente na figura do cordeiro sem mancha, oferecido tôdas as manhãs e tôdas as tardes.

Êle foi, enfim, imolado no Calvário, e, desde então, incessantemente, todos os dias no mundo inteiro.

E', pois, a imolação, o sacrifício que domina a história de tôda religião, e quanto mais esta se aproxima da verdade, mais êsse sacrifício se torna solene, universal e doloroso.

3. O cristianismo, que é a verdade integral, é a religião por excelência do sacrifício.

Tudo converge para o altar. Todos os benefícios descem da cruz. A santa Igreja mesma com seus canais de graça, os sacramentos, nasce do Coração transpassado de Jesus.

Tôdas as cerimônias começam e terminam pela cruz; tôdas as consagrações, tôdas as bênçãos se fazem com o sinal da cruz, tôdas as grandes solenidades, quer religiosas, quer profanas, são marcadas com o sinal da cruz.

4. E quanto mais se penetra nesse pórtico da Igreja, na sua vida íntima, na alma que a move, tanto mais se percebe o sacrifício.

Milhares de mártires fecundam-na com seu sangue em tôdas as partes do mundo, e esta imolação, que não cessou em nossos dias, abrange tôdas as idades e tôdas as condições.

Perseguições intermitentes, lutas internas, cismas, heresias, apostasias, conservam sempre aberta, no seio da Igreja, a chaga que lhe fizeram os tiranos dos primeiros séculos.

5. E, como se ainda fôsse pouco, como se, bom grado, mau grado, tôda a humanidade devesse ter sua parte nesse sacrifício, nessas dores, as grandes catástrofes, os contágios, a fome, a guerra vêm periódicamente lembrar a grande lei da expiação.

“As crônicas de todos os povos, diz José de Maistre¹, não têm senão um grito para nos mostrar como o flagelo da guerra maltrata sempre com uma violência rigorosamente proporcional aos vícios das nações, de maneira que, quando há transbordamento de crimes, há também transbordamento de sangue”.

6. Tudo isso, entretanto, não é ainda senão a expiação coletiva. Mas a lei do sacrifício, da qual Jesus tomou sobre si todo o rigor, deve atingir todos os indivíduos.

Não há ninguém no mundo que possa escapar à dor. O sofrimento, seja físico, ou moral, espreita tôdas as criaturas sem distinção. Deus quer, na sua justiça e misericordiosa bondade, que todos, bons e maus, tenham sua parte na medida e proporção prevista por sua infinita sabedoria.

Sobre a cruz, o bom e o mau ladrão sofriam o mesmo suplício. Um representava a humanidade impenitente, descrente e proferindo blasfêmias; o outro, a humanidade reconquistada por Jesus e arrependida de suas faltas.

7. Mas Jesus quer continuar, de um modo particular nas almas que lhe pertencem, sua vida e sua paixão. Quanto mais a alma o ama, mais Jesus a ama por sua vez, a atrai, identifica-se com ela e manifesta nela sua vida divina.

Quanto mais a alma se abandona a Jesus e aceita o cálice do Mestre, tanto mais ela se deliciará com o desejo de sofrer ainda mais e de ser co-redentora. Enfim, quanto mais veemente é êsse desejo, mais também Jesus sal-

¹ Soirées de Saint Petersburg, t. II, p. 327.

va por ela as almas e lhe dá influência sôbre a marcha da humanidade e sôbre os acontecimentos da história.

O sacrifício, amorosamente aceito em união com Jesus imolado, é a essência da vida espiritual de cada alma, como é o ponto central da Igreja, como é o resumo da vida de Jesus.

8. Se assim é, minha alma, podes recusar amar a cruz e entregar-te a Jesus? Um dia, Santa Lutgarda pedia a Jesus que a deixasse morrer, para que ela pudesse unir-se-lhe depressa no céu. Apareceu-lhe, porém, Jesus coberto de chagas e sangue e disse-lhe: Lutgarda, ajuda-me, pois, a salvar os pecadores.

Nós temos a eternidade para gozar de Deus, mas não temos senão alguns anos para sofrer e imolar-nos.

9. Não te assustes diante dessa perspectiva de, uma vida de imolação.

Ser vítima com Jesus não é positivamente estar sujeito a grandes tribulações ou suportar angústias extraordinárias. Não! é estar sempre pronto a aceitar, de sua mão, o doce e o amargo, as coisas agradáveis como as penosas, a saúde como as moléstias, a consolação como as dores interiores.

Ser vítima, é prestar-se por amor a tôdas as exigências de Jesus: a acolher, de antemão, não importa que gênero de sofrimentos, que espécie de tribulação interior ou vexames exteriores, que doença ou gênero de morte, e nem o momento.

Ser vítima, enfim, é imolar-se todos os dias, em mil circunstâncias, acontecimentos, contratempos, diversidade de temperamento ou de caracteres, diferenças de vistas ou de opiniões. E' estar sempre contente com tudo, sempre meigo e paciente, sempre sorridente, por amor da grande vítima, que, enquanto a maltratavam, enquanto a imolavam, nem sequer abriu os lábios.

10. Tôda alma amante pode e deve ser assim vítima de amor, prolongamento de Jesus e co-redentora.

O' alma vítima! tua vida na sua simplicidade é sublime. Passaste inteiramente ao serviço de Jesus.

Sem sofrer mais do que outros, és constantemente imolada pelo amor. Sem interrupção, celebras com o sacerdote eterno o sacrificio do Calvário. Tua vida é uma missa contínua e tua morte será o último golpe que imolará a vítima.

Então virá o triunfo. De teu túmulo brotará para milhares de pecadores a vida, a ressurreição, e tu mesma, purificada em teu próprio sacrificio, irás aumentar o número dêsses bem-aventurados que São João viu no céu, revestidos de vestes brancas e trazendo palmas nas mãos (Apoc 7, 9).

QUINTA PARTE

A PERSEVERANÇA NO AMOR

DIA X

MEDITAÇÃO I

ORAR SEMPRE

Oportet semper orare (Lc 18, 1).

E' preciso orar sempre.

1. "Aquêlê que ora, salva-se certamente, e certamente se condena aquêlê que não ora".¹ Aquêlê que ora incessantemente se santifica.

E' S. Afonso que estabelece êsses princípios. Quer que tôdas as almas se deixem influenciar por êles, que os pregadores os repisem e os comentem, os escritores ascéticos os inculquem aos seus leitores. Diz que a doutrina sôbre a necessidade e eficácia da oração é, dentre tôdas as doutrinas, a mais indispensável.

Forma, pois, da oração a idéia mais elevada e persuade-te de que, se tudo mais viesse a te faltar, a oração tudo supriria.

2. E' preciso orar sem jamais se cansar, pois, sem oração, nada de graças e sem graças a alma não pode dar um só passo no caminho que conduz ao céu. A vida sobrenatural é um mundo situado além da nossa esfera humana. E' um país magnífico, porém inacessível.

¹) S. Afonso, Obras asc. 3, Conclusão.

Demais, êsse mundo é tão superior à nossa natureza que, ainda mesmo que para lá fôssemos transportados, não poderíamos viver, nem respirar o ar divino sem um novo e constante socorro de Deus.

Mesmo elevados à ordem sobrenatural e aclimatados nessa luz divina, conservamo-nos ainda assim na mesma fraqueza. Somos semelhantes a êsses cegos cujos olhos recobriram súbitamente a vista e que, não conseguindo habituar-se à claridade da luz, preferem suas trevas.

Fôssemos, enfim, a poder de graças, habituados às vedas do mundo sobrenatural, cumpriria ainda pedir o auxílio divino para alcançar os cimos, galgar as montanhas escarpadas, isto é, vencer as dificuldades que se apresentam na vida espiritual.

Essa nova tarefa é impossível sem oração e poucos são os homens que buscam êsse meio, a julgar pelo número restrito de almas que experimentam tão heróica ascensão.

Se queres juntar-te a êsse grupo de eleitos é preciso dar início a uma vida de súplicas, e, se perseverares na oração, atingirás infalivelmente a mais perfeita santidade: as palavras de Jesus não podem deixar de cumprir-se.

3. Mas é o próprio Mestre quem nos faz sentir a necessidade absoluta da oração: "E' preciso orar sempre sem jamais se cansar. Velai e orai para não entrardes em tentação (Mt 26, 41). Pedi e se vos dará (Mt 7, 7). Porquanto, quem pede recebe (Mt 7, 8). Até agora nada recebestes porque nada pedistes" (Jo 16, 24).

4. Com exceção do preceito da caridade para com o próximo, não há no Evangelho ponto no qual Jesus insista mais do que a oração.

Êle o inculca nas parábolas que propõe, nos milagres que opera. Êle mesmo incita os infelizes a suplicá-lo, a invocá-lo com confiança. Êle solicita a fé do pai do infeliz possesso, dizendo: Se podes crer, tudo é possível para o crente (Mc 9, 22).

Ele experimenta, depois louva a confiança heróica da mulher cananéia. Anima o chefe da sinagoga, Jairo, para que não perca a confiança depois da morte de sua filha, que ele vai ressuscitar. Enfim, ele afirma solenemente que aquêle, cuja fé fôr grande como o grão de mostarda, transportará montanhas.

5. Se a oração é a tal ponto necessária, é preciso que ela esteja ao alcance das almas bem pequeninas. Um meio tão indispensável não pode ser privilégio reservado aos inteligentes e sábios.

Oh! certamente, é muito fácil orar. A oração não é senão o grito de um coração indigente. Como a criança sabe estender seus bracinhos e chorar quando lhe falta alguma coisa, assim tôda alma, por pequena que seja, pode manifestar sua necessidade, e Deus atende ao seu apêlo. "Ele atendeu à preparação de seu coração", disse o salmista.

E' tão fácil orar que a alma de boa vontade ora continuamente sem saber.

Ela tem consciência de sua infinita miséria e seu olhar para Deus é sempre um pedido de socorro.

6. A grande, a única oração forma-se no íntimo do coração. Quanto mais o coração sente seu estado de indigência e dêle quer sair, tanto mais ele suplica a Deus que lhe venha em auxílio. E essa súplica não se traduz necessariamente em palavras, fórmulas ou atitude; ela é um grito do coração, um simples movimento para Deus.

Oh! como é raro encontrar almas mesmo piedosas que não confundam, nesse ponto, as aparências com a realidade! Quantas queixas e lamentações quando as suas orações não vão bem, no dizer delas!

Sua oração consistia em alinhar idéias, em extrair de suas almas piedosos sentimentos, excitar em seu coração afeições sensíveis, arrancar de seus olhos uma lágrima de consolação.

E eis que elas são importunadas por distrações, atormentadas por tentações; eis que seu coração é árido e sua alma, vazia. Não sabem mais rezar, desolam-se, julgam-se incapazes de atingir a santidade, e não estão longe de tudo abandonar.

Ignorantes, jamais oraram tão bem, porque jamais sentiram tanto sua miséria. Mas, quem nos fará compreender isso senão vós, ó Jesus, que permanecéis no fundo das almas e que orais em nós e por nós?

E' o vosso Espírito, diz São Paulo, que ora em nós e que forma "gemidos inenarráveis"² que atravessam os céus e vão tocar o Coração de Jesus.

7. Fazei-nos compreender, bom Mestre, em que consiste a verdadeira oração. Ensinai-nos a pedir com confiança, a pedir muito, pedir sem medida, pedir continuamente.

Nosso coração é tão pequeno, que, após tantos anos de intimidade com Jesus, ainda não nos apercebemos que quanto mais se pede maior é o seu prazer. Parece sempre que lhe devemos pedir desculpas quando o importunamos com um pedido extraordinário.

Jesus queixou-se a Filipe, na véspera de sua paixão, de não ser ainda conhecido do apóstolo, após uma intimidade tão longa. O que não deveria dizer de ti que conheces o mistério de sua paixão, da divina eucaristia, que foste embalada desde tua infância nos joelhos do bom Mestre?

Se pedisses a Jesus para amá-lo como o amou São Paulo, e se não hesitasses em teu coração, conseguirias igualar no amor ao grande apóstolo.

Deus não é avaro de seus dons. Bem ao contrário, êle se queixa de que não os pedem.

²) Rom 8, 26: Ipse Spiritus postulat pro nobis, gemitibus inenarrabilibus.

8. Toma ao pé da letra a promessa de teu divino amigo. E' de fé que tôda oração é atendida na proporção em que é uma oração.

Tôda oração, ainda que fugitiva, saída do coração de um mortal, é infalivelmente atendida. Ela tem uma repercussão em qualquer parte, igual à sua intensidade, seja na própria alma, seja no coração de um pecador, ou não importa onde, na santa Igreja!

Ela pode ter essa repercussão em vinte anos, em um século, como no mesmo instante.

Pode ser imediatamente atendida, segundo o desejo formado pela alma, ou então ser interpretada pela sabedoria e bondade de Deus.

Não é temerário e infantil ao mesmo tempo exigir de Deus que nos atenda conforme nossos desejos imprudentes? A oração que fazemos recolhe-a Jesus, talvez em seu divino Coração; ajunta-a a muitas outras orações para que, no dia de uma grande provação, de uma tentação terrível, nosso capital de súplicas lentamente acumulado baste para superar a provação.

Não prescrevas a Deus o modo de atender-te. Sua bondade é por demais grande para não prejudicar teus interesses espirituais.

Guarda unicamente como princípio imutável que tôda oração é atendida e na proporção rigorosa de seu valor moral.

9. Aprendamos também a orar com humildade, sem apoio em nós mesmos. Oh! confesso, de tôdas as condições é essa a mais pesada à natureza humana.

A alma, na oração, tem sempre uma certa confiança em seu próprio valor. Esse sentimento é tão sutil que quase escapa à observação. A alma percebe-o tarde demais, quando se despeita após seus insucessos ou após suas culpas.

A confiança em Deus é uma virtude teologal. Seu fundamento é exclusivamente o poder, a bondade, a fidelidade de Deus. A menor mistura de um elemento humano introduz o orgulho e altera sua eficácia.

10. Quando Jesus domina completamente num coração, quando só êle reina sôbre as ruínas do amor-próprio, então êle reza na alma, pela alma, perfeitamente.

Cumpre apressar êsse momento. Jesus, que é todo bondade, pôs os meios à disposição de cada alma.

Tôda oração, ainda que fraca, é atendida à proporção que é uma súplica. Essa fraca oração obtém a graça de fazer outra mais fervorosa, e esta, por sua vez, acabará por obter uma oração de santo.

11. Alma cristã, quem quer que sejas, envolvida talvez na tibieza voluntária, desanimada por longos insucessos, desiludida da vida espiritual e da santidade, escuta bem êste conselho: começa desde hoje uma vida de súplicas.

A princípio, rezarás talvez sem convicção, talvez com uma confiança parcimoniosa.

Reza, mesmo assim. Toma e prossegue insistentemente na resolução de rezar, solicitar e importunar. Pouco a pouco teus olhos vão se apercebendo da tua mudez espiritual. Insensivelmente Jesus infundirá em tua alma, com o seu amor, o desejo de amar sempre mais e a necessidade de pedir êsse amor.

E à proporção que avançares, sentir-te-ás cada vez mais atraída.

12. No comêço, a oração é como um veiozinho de água tranqüila. Nem suspeitas sequer que essa fraca corrente possa conduzir tua barca até ao oceano. Rirás talvez daqueles que te aconselham a colocar-te nessa embarcação e deixar-te arrastar. Caminhar a pé seria mais expedito.

Mas o veiozinho engrossa insensivelmente. Transforma-se, com o andar dos tempos, em corrente rápida. De ambos os lados vêm nela desaguar as torrentes das montanhas. Ele cresce sempre mais e cava um leito profundo, transforma-se em magnífico rio, e tua barca voga majestosa e rápida para o oceano.

Quanto mais rápido é o teu avanço, maior é o desejo de vogar mais rapidamente ainda e mais também as ondas te arremessam à santidade. Ainda que quisesses parar, o caudal de graças e atenções divinas não o permitiriam. E' preciso que continues: assim quiseste e solicitaste.

Deus, o Deus de bondade, sentiu-se feliz em valer-se da tua palavra. Não encontrarás mais repouso senão absorvida no seu oceano infinito.

DIA X

MEDITAÇÃO II

SEMPRE PEDIR PERDÃO

A peccato meo munda me (SI 50, 4).
Purificai-me do meu pecado.

Somos pobres filhos de Eva: pecamos todos os dias.

Somos peregrinos; caminhamos penosamente para a pátria. O caminho é longo e cheio de obstáculos. Nossos pés estão cobertos da poeira do caminho, e talvez que, entorpecidos pela fadiga, nos recusem seus serviços.

Jesus, porém, na sua bondade, dá-nos a água do rio que costeia o caminho. Esta água lava nossas manchas e refresca nossos membros fatigados. Essa água são as lágrimas da compunção, que apagam nossas repetidas faltas e animam-nos com novo ardor para prosseguirmos no caminho.

Queres, alma cristã, fazer brotar de teus olhos uma fonte inesgotável dessas lágrimas salutares? Cava continuamente o abismo de tua indignidade e de tua miséria.

Não é possível, com efeito, apresentar constantemente diante de Deus êsse coração contrito e humilhado como deseja o rei penitente, quando não se compreende a própria malícia.

3. Para ser isento de faltas, seria preciso que tôdas as tuas faculdades fôsem continuamente e em todos os seus movimentos conformes à sã razão e aos princípios da fé.

Para serem perfeitamente agradáveis a Deus, seria preciso que todos os teus desejos tendessem constantemente para Deus, o Bem soberano. Na realidade, freqüentemente êles seguem direção oposta, para a sensibilidade, a dureza com o próximo, a cupidez, o orgulho, a covardia e ainda outros vícios. E teus pecados pessoais acentuaram essa inclinação.

Além de teus pecados positivos e tuas tendências repressíveis, há ainda tuas omissões. Com um pouco de zêlo, poderias servir a Deus melhor do que o fazes. Ousarias pretender que, em matéria de generosidade, de humildade, de obediência, de paciência, de caridade fraterna, de zêlo, dás na medida de tuas fôrças?

Enfim, que de imperfeições em tuas boas ações, que de movimentos humanos; que de defeitos na execução; que de negligências, que de precipitações vêm estragar tuas obras na aparência as mais belas!

“Separemos de nossas miseráveis virtudes, dizia José de Maistre, o que devemos ao temperamento, à honra, à opinião, ao orgulho, à impotência e às circunstâncias, o que nos restará?”

Quem ousaria dizer que não tem necessidade de clemência?

4. Para nossa felicidade, temos negócios com um Deus infinitamente bom e desejoso de perdoar.

Jesus perdoa. Êle perdoa pela milésima vez, tão perfeitamente como da primeira. Após o perdão, não há no seu coração nenhum rancor e no seu espírito nenhuma lembrança, porque êle perdoa em Deus e sua alma é idealmente boa.

A porta de sua justiça está sempre fechada à chave. Para abri-la é preciso querer e querer com obstinação. A

porta de sua bondade está sempre entreaberta. Para abri-la é bastante bater mansamente: está ao alcance de qualquer criança. Assim fala Jesus à sua pequena secretária, irmã Benigna, para que ela o revele a todos e em toda parte.

5. Oh! sim, pedir perdão a Jesus é bem fácil. A compunção é uma tristeza sobrenatural que a alma experimenta por causar pesar ao seu divino amigo. É um grito habitual do coração para seu Deus, a fim de lhe pedir perdão. É o movimento da criança culpada, refugiando-se nos braços de seu Pai, para recuperar suas boas graças; é a necessidade incessante que sente a alma de refugiar-se sob a cruz e sentir sobre si as gotas do sangue de Jesus.

6. Assim chega a alma gradualmente a uma grande pureza interior. Ela não pode ver em si uma mancha sem que imediatamente se esforce por fazê-la desaparecer. E a cada sentimento de pesar, acresce em todo o seu ser um novo brilho de inocência.

Assim purificaram-se Santa Maria Madalena, São Pedro, S. Agostinho, Santa Margarida de Cortona e essa multidão de penitentes que, no céu, rivalizam em pureza com as virgens e anjos.

É em vão que se investiga a vida desses santos para descobrir se Jesus lhes testemunhou menos afeição que a esses prodígios de inocência, como Inês, Gertrudes, Luís Gonzaga, Geraldo Majela.

7. O pobre pecador, apoiando sua fronte humilhada aos pés de seu crucifixo, sentindo o divino Salvador atraí-lo ao seu coração e abraçá-lo, experimenta tanta ventura como experimentaram, em seus deliciosos colóquios com Jesus, as almas isentas de mancha.

A compunção é uma misteriosa fusão da alma na inocência e pureza. É uma segunda criação com a qual Deus favorece a alma, mergulhando-a numa doçura inefável.

8. Essa criação, porém, é uma obra divina. O espírito de compunção não vem da alma. Vem de Jesus, que vive no íntimo dela, que a purifica constantemente, colocando em seus lábios atos de arrependimento.

A alma que assim compreende não se assusta jamais de suas faltas. Vai a Jesus com simplicidade e roga-lhe de tudo reparar, de purificá-la, de cumprir tôdas as suas insuficiências.

Sem cessar, em sua presença, ela se humilha de suas fraquezas, confessa suas faltas, pede a Jesus que extinga tôdas as suas más inclinações, tôdas as raízes do mal dissimuladas em seu coração.

Assim, ó meu Jesus, quando o demônio se apresentar perante o vosso trono para acusar-me, vós lhe direis: Retira-te, sataná, que não soubeste humilhar-te; esta alma pertence-me; muitos pecados lhes serão perdoados, porque muito me amou.

DIA X

MEDITAÇÃO III

LUTAR SEMPRE

Labora sicut bonus miles Christi (2 Tim 2, 3).

Trabalha como um bom soldado de Cristo.

1. Os combates pelo amor são longos e por vezes difíceis, e toda alma, por pouco generosa que seja, verifica em si mesma, em dados momentos, um movimento de depressão que se chama desânimo.

Essa depressão nasce insensivelmente da acumulação de contratempos e reveses sucessivos. A alma sente-se abatida, depois, de repente, um acidente qualquer, uma pequena indisposição, uma fadiga corporal, uma palavra de repreensão, uma falta de atenção sobrevém a nosso respeito e a alma desanima.

Então tudo se torna pesado. A conversação espiritual é insípida, os livros que de ordinário a estimulavam perdem o sabor, os exercícios espirituais tornam-se um ônus intolerável. Nada a encoraja, tudo a aborrece e a desgosta.

A vida espiritual parece uma ilusão; atingir-lhe o cimo, uma impossibilidade. E ela sente-se tristemente a meia encosta sem forças para as alturas.

Eis, por certo, um sério obstáculo, que impede por vezes o caminho às almas mais resolutas. Importa procurar as causas do desânimo e os meios de frustrar-lhes a influência paralisante.

2. Antes de tudo, o que deve consolar-te, alma piedosa, é não seres tu a única, sujeita a essas depressões passageiras. As melhores almas sofrem por vezes dêsse mal e aquelas mesmas que Jesus favorece com a sua presença sensível e seus divinos colóquios, nem sempre puderam eximir-se dêsses momentos penosos.

Jesus, em sua infinita sabedoria, permite de bom grado que as almas mais dispostas sintam algumas vezes sua impotência pessoal.

3. Aliás "não é extraordinário, como diz São Francisco de Sales, que a miséria se sinta por vezes miserável". Não é de estranhar que a natureza se canse e não queira mais avançar. Não é de admirar que o nosso corpo, como o asno de Balaão, recuse, às vezes, seus serviços e, insensível aos golpes, se deixe abater antes que nos conduzir.

A razão dessa canseira é quase sempre uma série de exercícios espirituais e trabalhos exteriores por demais longa.

E' preciso que tudo se faça com medida e não exigir do corpo e do espírito senão o que êles podem razoavelmente dar. E' preciso, pois, repousar, confortar-se a tempo, e depois dizer com nova energia: Vamos! ainda um pouco de tempo, o cimo já não está tão longe, Deus ajudará. Para a frente!

4. Já é admirável que o homem aqui, na terra, consiga tirar de seu íntimo, se bem que ajudado pela graça, um só ato de caridade.

Os sentidos do homem são inclinados, desde tenra idade, para o sensível e fascinados pelos objetos exteriores. A razão não conhece a existência de um Deus, senão

por um trabalho de dedução. Tudo que êle sabe do mundo sobrenatural, sabe-o por ouvir dizer!

E êsse ser tão ínfimo, tão ignorante e tão inclinado para o mal, que somos nós, quer aspirar, por um esforço contínuo, a tornar-se amante apaixonado de uma beleza superior. Quer esgotar, para atingir êsse ideal, tôdas as forças de sua alma e de seu corpo, e a cada inspiração, a cada apêlo apenas perceptível, de uma graça invisível, quer elevar-se ainda mais alto.

Êsse homem fraco, feito de sangue e de pó, propõe-se renunciar a tôdas as aspirações animais, modificar-se, contradizer-se, corrigir seu raciocínio e seu coração, não uma vez por acaso, mas sempre, e isso sob a influência de um agente misterioso que êle não vê e no qual crê e cujo socorro implora.

Como é belo ver êsse homem, exposto a tôdas as seduções, a todos os ataques do mundo e do inferno, a tôdas as convências íntimas, voltar-se para Deus, imperturbavelmente, apesar de suas fraquezas!

5. Oh! não, uma vida tão heróica só pode ser levada graças a uma luta incessante. Também a santidade não exclui a luta, ela a supõe e a exige.

A perfeição na terra não é o repouso nem o prazer. Não é um estado fixo. E' uma ascensão para Deus, uma continuidade de esforços, uma tendência incessante para aproximar-se do ideal sobrenatural: *Ad ea quae priora sunt extendens meipsum* (Filip 3, 13). Tôda santidade no mundo é relativa; pode e deve aumentar continuamente.

Quanto mais a alma se une a Deus, e afunda-se na sua infinidade, tanto mais os espaços se estendem e os horizontes se ampliam. E' o infinito a atravessar.

Afasta, pois, de teu espírito essa falsa idéia de que aqui na terra encontrarás repouso. Não estás no mundo para gozar de Deus, mas para amá-lo no trabalho, no sofrimento e na luta.

6. E se há luta, haverá quedas algumas vêzes. As quedas passageiras não prejudicam o trabalho da perfeição. São uma conseqüência inevitável da luta que sustentas.

O soldado que combate valorosamente expõe-se a golpes e ferimentos, porém suas cicatrizes são para êle títulos de glória.

Muitos há que não distinguem, na vida espiritual, a parte que lhes pertence e a que pertence a Deus. A dêles consiste, antes de tudo, em amar a Deus, esforçar-se por pertencer-lhe, pedir-lhe mais amor, e, em seguida, em levantar-se sempre com simplicidade após suas faltas, e purificar-se no sangue de Jesus.

Quanto ao mais, tudo é obra do Mestre. Enquanto a alma luta e geme pelas faltas e lamenta-se por não saber amar a Deus, êsse Deus, invisivelmente, enriquece-a com graças, orna-a de virtudes, cava nela a humildade e a paciência e une-se-lhe por tantas cadeias quantas ela faz de atos de amor e contrição.

E êsse trabalho a dois prossegue até ao último instante da vida. A alma não viu senão faltas, e, com efeito, ela recaiu muitas vêzes, e Deus não quis contar senão os atos de amor.

O pecado, apenas cometido, foi destruído. Foi lançado, como diz Ruysbroeck, no imenso braseiro divino como uma ligeira palha, e no mesmo instante consumido.

7. Alma de boa vontade, não te aflijas, pois, por tuas faltas. Pede sempre perdão a Jesus e recomeça, sem te cansar, tua vida de amor.

Bem vês, o indispensável é amar, amar sempre. O amor dar-te-á constância na luta, como te dará a compunção e o espírito de oração.

O amor te ensinará a purificar tua vontade pelo desapego, disciplinar tua liberdade pela obediência, desembaraçar tua inteligência dos pensamentos inúteis.

O amor te excitará à reflexão, retificará teu raciocínio pela humildade, dirigirá tua imaginação e acalmará tuas paixões.

O amor reprimirá teus sentidos, na pureza, desprenderá tua alma de todos os bens terrestres.

O amor te conduzirá à intimidade de Jesus, revelando-te o mistério de sua paixão, de sua vida eucarística, de sua vida mística, que continua em ti.

O amor te ensinará, enfim, a desapegar-te de ti mesmo para seres um com Jesus, viver d'êle, agir com êle, sofrer com êle, e continuar, por êle, a obra da redenção.

Assim, tudo começa, aperfeiçoa-se e acaba no amor.

8. O' minha alma! no fim dêste retiro renova a Jesus a resolução de ser constante no amor.

Se o cansaço, o desânimo ou a desconfiança buscam invadir-te, olharás para o céu.

Jesus lá está e cuida de ti. Ninguém te arrancará de suas divinas mãos.

Êle é o amigo fiel, que começou e terminará a obra de tua santificação. Terminá-la-á não obstante as dificuldades exteriores e interiores, contanto que tenhas confiança nêle e que o deixes agir em tua alma.

Ama-o muito. Repete constantemente que o amas. Pe-de-lhe sempre mais graças, mais luzes, mais força. Volve a êle sem jamais te cansar. Tua santidade estará garantida.

DIA X

MEDITAÇÃO IV

NOSSA MÃE DO CÉU

Ecce mater tua (Jo 19, 27).

Eis aí tua mãe.

1. Em breve, eu a verei no céu; estarei ao seu lado; e ela tomar-me-á pelas mãos, para apertar-me ao seu coração virginal, e amar-nos-emos!

2. A santíssima Virgem, a Imaculada, a puríssima e doce Maria é minha Mãe. Ela existiu desde toda a eternidade na mente da santíssima Trindade; foi prometida já no paraíso terrestre, simbolizada em Eva, Sara, Rebeca, Raquel, Judit, Ester, Débora, em todas essas mulheres nas quais brilhavam a inocência, a beleza, a fé e a coragem.

Essa Virgem misteriosa, essa criatura incomparável, toda resplandecente de luz e revestida de graça, é minha Mãe querida.

Oh! como deve ser bela e pura aquela que foi destinada a ser filha querida do Pai, sua primogênita, sua bem-amada, sobre quem deviam repousar todas as suas complacências, Mãe venerável do Verbo de Deus, esplendor dos santos, imagem do Pai, espôsa sem mancha do Espírito Santo, santuário exclusivamente reservado a êle, porta misteriosa cuja passagem só a um Deus é dada.

Como deve ser santa aquela que, desde o primeiro instante, superava já em perfeição aos anjos e santos, e não cessou de progredir, ascendendo como sol, desde a aurora até ao meio-dia.

Como deve ser encantadora aquela que um Deus se deleitou em embelezar, empregando, para adorná-la, tôda a sua bondade, sabedoria, poder e eternidade.

3. O' amável Virgem, tôda feita de inocência, doçura, claridade e graças, sois minha muito amada Mãe! Pensando em vós, sinto que meu espírito e meu coração transbordam de todos os lados.

E sei que tudo quanto posso imaginar não é senão uma sombra comparada com a realidade; sei que a bondade, brandura e ternura de vosso Coração ultrapassam tôda a concepção, assim como o oceano excede uma gôta d'água.

4. Oh! sim, a Mãe de Jesus, nosso divino irmão, é também nossa Mãe, nosso perpétuo socorro. Com Jesus ela é o princípio, o modelo e o fim de nossa vida espiritual.

Juntos, Jesus e Maria pensavam em nós quando viviam ainda em Nazaré.

Se possível fôsse, com que prazer daríamos ouvidos aos colóquios da divina família, quando, em chegando a noite e findo o trabalho, Jesus e Maria descansavam junto à lareira!

Em que versaria o assunto? Nosso coração bem pode adivinhá-lo. Jesus falava sobretudo na sua grande obra. Revelava à sua Mãe as dolorosas minúcias de sua próxima paixão.

Em seguida, para consolá-la, mostrava-lhe de antemão os frutos magníficos de seu sacrifício; a instituição da Igreja, a propagação da fé, a conversão das nações pagãs, a heróica fidelidade de milhões de mártires.

E Jesus revela também à sua Mãe querida o papel que lhe competia na obra da redenção, seu martírio ao pé da

crúz, e depois sua missão de Mãe dos cristãos. Dava-lhe a conhecer qual a veneração e eterno amor de que seria ela o objeto, da parte de seus filhos, até ao fim dos séculos.

* 5. Oh! é com prazer que pensamos, boa Mãe, que, no decorrer dêsses longos e íntimos entretenimentos em Nazaré, Jesus, que tudo pode e que vos amava com amor infinito, mostrou-vos de antemão, dentre os vossos filhos, aquêles que vos amariam com ternura especial.

E meu coração estremece de felicidade ao pensar que, então, não obstante minha infinita miséria, percebestes também a minha alma entre aquelas que vos amariam, e, desde então, também fixastes sôbre mim êsse olhar de ternura que devia prender-me a vós para sempre!

Agora não me admira mais de ver-vos inclinada sôbre a minha alma desde a minha tenra infância e sentir vossa suave imagem seguir-me constantemente. Sòmente, perdoai-me de vos amar tão pouco. Que Jesus, em mim, supra minha insuficiência, que êle repare minha frieza e vos ame por mim.

6. Êsse Salvador Jesus quer que sua divina Mãe seja também o modelo de nossa vida espiritual.

A alma é santa na proporção em que Jesus vive e reproduz nela sua imagem.

Em Maria, Jesus viveu plenamente; nela imprimiu seus traços com perfeição maior que em todos os santos juntos. Ela é uma cópia viva e fiel de sua bondade, de sua doçura, de sua misericórdia, de sua pureza e de seu amor.

Êle vem ao mundo, antes de tudo, para formar sua Mãe, para viver nela e por ela.

Enquanto que êle quis consagrar exclusivamente a essa obra trinta anos, para revelar-se ao resto do mundo contentou-se apenas com três anos.

Quis conversar com sua Mãe, comer, orar, repousar nela: quis, como filho, ser acalentado em seus joelhos,

carregado em seus braços, acariciado por suas mãos, beijado por seus lábios, alimentado com seu leite; quis ser seu filho, seu único filho e ocultar-se em seu seio immaculado.

Ao resto dos homens, com exceção de alguns, Jesus não pôde fazer-se conhecer senão de relance, por ocasião de um milagre, no decorrer de uma peregrinação ou de uma conferência. “Ele veio entre os seus, e os seus não o receberam” (Jo 1, 11). O mundo não estava disposto a deixar Jesus reinar.

Oh! se tivéssemos o coração e os braços abertos para acolher Jesus, como nos assemelharíamos à Mãe de Deus! Como Jesus havia de apressar-se em acorrer e dizer-nos: “Minha Mãe, meus irmãos e irmãs, sois todos vós que consentis em fazer a vontade de meu Pai” (Mt 12, 48).

7. Amar-vos, e entregar-se ao vosso amor, tal foi, ó Jesus, o segredo de vossa Mãe, e tal será o meu.

Não quisestes que, durante sua vida mortal, ela maravilhasse o mundo com a grandeza de seus milagres ou o esplendor de suas virtudes; quisestes que ela vivesse uma vida humilde e laboriosa, tôda oculta em vós.

Tal será também a minha vida: ocultar-me, em vós, amar-vos, ser um convosco, esquecer-me, imolar-me convosco à conquista das almas.

8. Enfim, boa Mãe, não contente de ser o começo, o meio de minha vida espiritual, sereis ainda a coroação. Sereis meu perpétuo socorro até ao último momento; dar-me-eis a perseverança.

Oh! por vêzes, um vago temor assalta-me: Irei até ao fim na minha vida de amor? O orgulho ou a sensualidade não penetrarão jamais em minha alma, onde há tantas brechas? Não me esquecerei jamais de vos invocar?

Tranqüilizo-me imediatamente; Jesus vos confiou minha alma!

Lembraí-vos, boa Mãe, da fidelidade com a qual me tendes velado até hoje, o cuidado com que me tendes defendido contra minha própria inconstância.

Lembraí-vos com que ternura me lancei em vossos braços, no princípio de minha vida espiritual. Tendes cumprido com vossas promessas, não me iludistes em nenhuma de minhas esperanças, nem mesmo as mais ousadas.

O que não fareis agora que eu não quero senão Jesus e vós, agora que desejo consumir tôdas' as minhas fôrças em vos amar e vos fazer amar!

Oh! preservai-me até ao fim. Formai em mim vosso divino Filho. Que êle reine em mim e possua minha vontade, minha inteligência, tôdas as minhas faculdades com todos os seus atos; que eu seja sua imagem viva na terra, que eu seja o prolongamento de sua humanidade santa na qual êle possa ainda amar o Pai e salvar as almas!

9. Eis minha prece, ó minha Mãe do Perpétuo Socorro! Ela é o resumo de meu retiro, deposito-a no vosso Coração com tôda a confiança e amor de que sou capaz. A eternidade dirá se o humilde desejo de um de vossos filhos será frustrado.

Mas não, ireis além de minhas esperanças, além de tudo que eu possa conceber.

Dar-me-eis um amor de santo, um amor de serafim. Um outro qualquer seria insuficiente. Dar-me-eis fôrças em todos os sofrimentos físicos e morais que, talvez, a divina Bondade me reserve e que aceite deq' antemão com transportes de amor e gratidão.

10. Até breve! no céu! Meu coração se regozija com a idéia do doce e próximo encontro na casa paterna. Sei que vos tarda apertar em vossos braços o filhinho tantas vêzes iníiel, porém sempre amoroso. Sei que vos sentis contente, desde já, com o prazer que me será dado ao en-

contrar-me aos vossos pés e quando me atrairdes ao vosso Coração.

E êsse dia de luz e de felicidade não terá sombras nem declínio. Viveremos eternamente juntos, absorvidos em Jesus e por êle na santíssima Trindade.

Até breve, doce Mãe! Guardai-me. Eu vos amo, e envidarei todos os meus esforços, para que sejais amada também pelos outros.

Afai-me, vos peço. E também, vos peço, dizei a Jesus que me ame muito.

Deo gratias et Mariae.

ÍNDICE

A tardê de véspera — Para fazer um bom retiro	5
---	---

PARTE I

A SANTIDADE CONSISTE NO AMOR

DIA I

Meditação 1. Amar a Jesus	11
Meditação 2. Transformar-se em Jesus	16
Meditação 3. Duplo amor. O Combate	23
Meditação 4. A tática no combate	29

PARTE II

O AMOR PURIFICA

DIA II

Meditação 1. O amor estimula a vontade	39
Meditação 2. O amor desapega o coração	44
Meditação 3. O amor disciplina a liberdade	49
Meditação 4. O amor purifica o espírito	54

DIA III

Meditação 1. O amor simplifica a inteligência	58
Meditação 2. O amor retifica o julgamento	63
Meditação 3. O amor estimula a reflexão	69
Meditação 4. O amor dirige a imaginação	76

DIA IV

Meditação 1. O amor modera as paixões	81
Meditação 2. O amor protege os sentidos	87
Meditação 3. O amor dirige o uso das coisas exteriores	93
Meditação 4. O amor inspira o desprendimento universal ...	98

PARTE III

O AMOR ILUMINA

DIA V

Meditação 1. Jesus é bom	105
Meditação 2. Jesus é acolhedor	110
Meditação 3. Jesus é misericordioso	115
Meditação 4. Jesus é fiel	119

DIA VI

Meditação 1. Jesus é amante	124
Meditação 2. Jesus sofre	129
Meditação 3. Jesus morre por nós	134
Meditação 4. Jesus Eucaristia	139

DIA VII

Meditação 1. Jesus é tudo em todos	144
Meditação 2. Jesus, Rei dos corações	151
Meditação 3. Jesus, centro da história	157
Meditação 4. Jesus, mistério dos séculos	163

PARTE IV

O AMOR TRANSFORMA

DIA VIII

Meditação 1. A alma amante conversa com Jesus	171
Meditação 2. A alma amante vê Jesus em tudo	176
Meditação 3. A alma amante ouve a Jesus	182
Meditação 4. A alma amante acompanha Jesus em tudo	187

DIA IX

Meditação 1. A alma amante tem fome e sede de amor	192
Meditação 2. A alma amante auxilia Jesus a difundir o amor	197
Meditação 3. A alma amante vai com Jesus à conquista das almas	202
Meditação 4. A alma amante imola-se com Jesus	208

PARTE V

A PERSEVERANÇA NO AMOR

DIA X

Meditação 1. Orar sempre	215
Meditação 2. Sempre pedir perdão	222
Meditação 3. Lutar sempre	226
Meditação 4. Nossa Mãe do céu	231

brilha em tôdas as páginas.

Sob a forma de leitura servirá ao mestre de retiro, para, *apis argumentosa*, ir colhendo novos aspectos, sutil inspiração, continuado fervor, e ao retirante farto ensejo para aprofundar os ensinamentos ocorridos, tocados pela brilhante luz do Amor Divino.

O autor, de dentro de sua alma transbordando de amor, ensina que ninguém se há de afadigar à procura de belos pensamentos. Não é esta a essência do retiro, mas que Jesus irá falar-lhe, pois que o retiro não é estudo, mas oração. Enquanto se percorrem as verdades propostas, o coração há de murmurar a prece para que seja iluminada a inteligência.

Desta forma passa o Autor dum esquema intelectualista, para um, onde leva as primazias o Amor de Deus.

LIVROS PRÓPRIOS PARA RETIRO

«EXERCÍCIOS ESPIRITUAIS»

Cinquenta Conferências para Religiosas, por Frei Basílio Rôwer O.F.M.

Conferências para Religiosas, Fr. Celestino O.F.M.

Conferências Aos Seminaristas, Pe. Alexandrino Monteiro S.J.

O Divino Amigo, Pe. José Schrijvers C.S.S.R.

Exercícios Espirituais para Crianças, Frei Manoel Sancho.

Exercícios de Santo Inácio de Loyola, Pe. Alexandrino Monteiro S.J.

Meditações para o Retiro do Mês, Pe. José Baetmann C.M.

Retiro Espiritual, Jean Nicolas Grou S.J.

Retiro para Religiosas, Pe. José Baetmann C.M.

Retiro para Sacerdotes, Pe. Guilherme Vaessen C.M.

O Serviço do Amor, Por uma Religiosa do Canadá.

Marta, Maria e Lázaro, Thomas Merton.

Meditações dos Atributos Divinos, Pe. Diogo Monteiro.

Migalhas Evangélicas, Pe. Teodoro Ratisbonne.

Preparação para a Morte, S. Afonso Maria de Ligório.

Reflexões Evangélicas, Pe. Alexandrino Monteiro S.J.

Tratado da Oração e Meditação, S. Pedro de Alcântara.

O último Suspiro de Jesus, Pe. Alexandrino Monteiro S.J.

O Pão no Deserto, Thomas Merton.

A Vida Silenciosa, Thomas Merton.

Na Liberdade da Solidão, Thomas Merton.

Para Sacerdotes em especial:

— *Abreviado Despertador dos Deveres Sacerdotais*, D. Joaquim Silvério de Souza.

— *Clero em Retiro Espiritual*, D. Jaime Câmara.

— *Padre Santificado*, P. A. A. Morais Júnior.



EDITORA VOZES LTDA. - PETRÓPOLIS RJ

Palavra telegráfica deste volume: ALVO — Brochura

<http://www.obrascaticas.com>